

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 1966 N.º 16 640 ANO 48.º UM ESCUDO

amanhã
anda a roda
**4 TALUDAS
6 MIL CONTOS!**

MOÇAMBIQUE 3.ª ESCALA DO CHEFE DO GOVERNO AO ULTRAMAR DA VIAGEM

BEIRA, 17. — (L. e A. N. I.) — O Chefe do Governo, prof. Marcello Caetano, chegou, no princípio da tarde, a esta cidade, vindo de

Luanda, em trânsito para Lourenço Marques, para onde seguiu, após cerca de 45 minutos dedicados a cerimónias de cumprimentos

D. Manuel Ferreira Cabral. O prof. Marcello Caetano recebeu, depois, os cumprimentos de autoridades civis, militares e eclesiásticas, que não assistem à recepção em Lourenço Marques.

cas, que não assistem à recepção em Lourenço Marques.

A partida de Luanda

LUANDA, 17 — (A. N. I.) — Eram precisamente 10 horas quando o quadricóptero «Santa Cruz», da TAP, levantou voo do aeroporto de Luanda, rumo à Beira, levando a bordo o prof. Marcello Caetano e a sua comitiva.

Embora não se tratasse ainda da sua despedida de Angola, visto que o prof. Marcello Caetano aqui voltará, no próximo domingo, para a sua visita a Nova Lisboa, muita gente acorreu, esta manhã, ao Aeroporto Craveiro Lopes e às ruas do percurso, para saudar o Chefe do Governo.

Na aerogare, entre outras entidades, apresentaram ao prof. Marcello Caetano

(Continua na página seguinte)



Ao longo da sua viagem, o prof. Marcello Caetano tem recebido provas de apreço por parte das populações.



«Encantados com Lisboa» — esta é a opinião unânime dos componentes do grupo de soviéticos que desde ontem se encontra na capital. Todos se manifestam surpreendidos com a paisagem lisboeta. Na gravura: o prof. Gregory Boyadje, famoso historiador de teatro, observa, com o actor Rogério Paulo (com quem se encontrou durante a visita do artista português ao seu País) um exemplar do «Diário de Lisboa» (Ler notícia na últ. pág.)

**AGITAÇÃO
NA BREITANHA
E GREVE
EM TODA
A FRANÇA**

(Ler na pág. 17)

HOJE 36 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

e honras militares no Aeroporto Gago Coutinho.

A chegada à capital de Moçambique, em avião especial da D. E. T. A., está prevista para as 17 e 5, não se realizando hoje, ali, quaisquer cerimónias oficiais.

O Presidente do Conselho era aguardado, no aeroporto, pelo governador-geral de Moçambique, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, pelo comandante-chefe das Forças Armadas, general António Augusto dos Santos, pelo governador do distrito de Manica e Sofala, tenente-coronel Sousa Telles e pelo bispo da Beira.

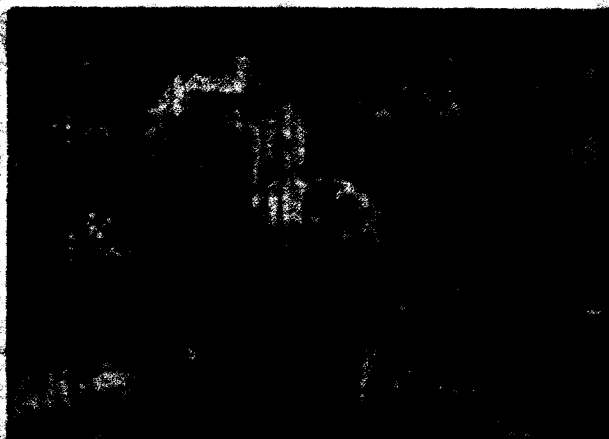
PODERÁ HAVER GUERRA A QUALQUER MOMENTO

— diz o ministro da Defesa da Coreia do Norte

TOQUIO, 17 — (R.) — O ministro da Defesa a qualquer momento «devido às manobras agressivas dos imperialistas norte-americanos», como tendo afirmado que a guerra podia estalar

(Continua na 16.ª página)

O Jardim Zoológico transformado em maternidade



Nasceu um camelo no Zoo. E também três pumas. E mais um leopardo. As mães estão bem e têm sido muito visitadas. (LER NOTÍCIA NA PAGINA CENTRAL)

MARCELLO CAETANO PERMANECE CERCA DE 48 HORAS EM MOÇAMBIQUE

(Continuação da pág. anterior)

tano votos de boa viagem o secretário-geral dr. Mário Montez, os secretários provinciais de Economia, dr. Costa Oliveira, de Obras Públicas e Comunicações, tenente-coronel Carlos de Castro, de Educação, dr. Pinheiro da Silva, do Fomento Rural, dr. Sousa Dias, e de Saúde, dr. Cardoso de Albuquerque, o arcebispo de Luanda e administrador apostólico da diocese de S. Tomé. D. Manuel Nunes Gabriel, o comandante naval, contra-almirante Ferreira de Almeida,

os comandantes da Região Militar e da II Região Aérea, respectivamente, generais Luz Cunha e Viana Tavares, o presidente do Tribunal da Relação de Luanda, desembargador Ribeiro Farinha; procurador da República, dr. Rezende Rego; juizes desembargadores, reitor da Universidade de Luanda, prof. Ivo Soares; vogais do Conselho Ultramarino, oficiais-generais, inspectores superiores, deputados, governador do distrito de Luanda, presidente da comissão de província da União Nacional, presidente da Câmara

Municipal de Luanda e muitas outras entidades, civis e militares, representantes de associações, representantes consulares e autoridades tradicionais.

Com o prof. Marcello Caetano encontravam-se o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. Moreira Baptista; o governador-geral de Angola, tenente-coronel Rebocho Vaz; o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Venâncio Deslandes; e o comandante-chefe das Forças Armadas em Angola, general Almeida Viana.

Enquanto decorriam os cumprimentos, as sr.^{as} D. Maria Clara da Silva Cunha e D. Ana Maria de Barros Caetano, bem como os demais elementos da comitiva seguem para bordo do avião, acompanhadas pelo chefe de gabinete do Governador-geral, tenente-coronel Kock Fritz.

metros, a partir do largo fronteiro à aerogare e a terminar na Ponta Vermelha, pelas avenidas Craveiro Lopes, General Machado e 24 de Julho, e pelas ruas dos Lusíadas e de Bartolomeu Dias — que é o trajecto do cortejo presidencial — erguem-se mastros que são outros tantos florões de bandeiras. Nesse mesmo percurso estarão alinhados, logo à tarde, cerca de vinte mil alunos de diversos estabelecimentos de ensino da cidade.

As montras ostentam retratos do prof. Marcello Caetano ou motivos alusivos à sua visita. Até em algumas bancas dos mercados — o de Vasco da Gama e o típico Xipamanine — já apareceram, pelas mãos de modestos comerciantes africanos e asiáticos, pequenas bandeiras verde-rubras.

No aeroporto, estão presentes tocando e dançando, numerosos grupos e folclore nativo, alguns dos quais

se exhibirão também amanhã, à noite, nos jardins de Ponta Vermelha.

Amanhã, às 10 horas, o Presidente do Conselho preside no salão do Liceu Salazar, especialmente adaptado para o efeito, à sessão conjunta extraordinária do Conselho Legislativo e do Conselho Económico e Social, em que serão oradores, além do prof. Marcello Caetano, o dr. Rebelo de Sousa — que, na sua qualidade de governador-geral, é o presidente nato daqueles dois órgãos — e o vogal Pedro Baessa.

Fim da sessão, e depois de haver regressado à residência da Ponta Vermelha, o Chefe do Governo irá prestar homenagem à memória dos mortos ao serviço da Pátria em Moçambique, cerimónia que se efectua ao meio-dia, perante o monumento da Praça Mac Mahon, com a assistência de efectivos dos três ramos das Forças Armadas.

De tarde, às 15 horas, o

prof. Marcello Caetano é recebido solenemente na Universidade de Lourenço Marques, cujo reitor, prof. Veloso Simão, lhe confere o grau de doutor «honoris causa».

Depois, a partir das 17 e 30, o Chefe do Governo concede, no salão nobre da Câmara Municipal, uma audiência colectiva a grupos representativos de todos os sectores da população.

No sábado, o programa começa com a ida do prof. Marcello Caetano ao gabinete militar, onde apreciará a situação actual da luta contra o terrorismo no norte da província.

Antes do almoço, o Presidente do Conselho percorrerá diversos locais de Lourenço Marques, incluindo o Itinerário da Sociedade de Estudos de Moçambique, em cuja sede, no Bairro dos Cronistas, descenderá uma lápida.

A partida para a Beira, nesse mesmo dia, está prevista para as 15 e 30.

Omar Sharif hoje em Lisboa para jogar bridge

É esperado esta tarde em Lisboa o célebre actor Omar Sharif, que com a sua equipa de bridge vem participar num torneio internacional, que decorre amanhã, sábado e domingo, no Casino Estoril, organizado pela Federação Portuguesa de Bridge, com a colaboração da Sociedade Estoril Sol, da TAP e da Direcção-Geral do Turismo, e o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol.

«Omar Sharif Bridge Circus» é uma famosa equipa, que acaba de fazer uma triunfante digressão pelos E. U. A., constituída pelo egípcio intérprete do «Dr. Jivago», cartel maior, por razões óbvias, internacional pelo seu país, Benito Gavasso campeão do

Mundo pela Itália, Giorgio Belladonna, campeão do Mundo pela Itália, Claude Delmouly, campeão da Europa pela França e Leon Yablonsky, internacional pelo Líbano.

Ainda ao fim da tarde de hoje realiza-se no Hotel Estoril-Sol, oferecido pela respectiva sociedade, um «cocktail» para apresentação à imprensa dos membros do grupo, e amanhã, às 22 horas, no Casino, efectua-se o 1.º encontro, em 24 mãos, entre «Omar Sharif Bridge Circus» e a equipa B portuguesa, transmitido através do briderama. No sábado, à tarde, por sua vez, decorre a primeira sessão de parais, em que participam todos os elementos do grupo.

Folclore nativo no aeroporto Gago Coutinho

LOURENÇO MARQUES, 17. — (A. N. I.) — Estão concluídos os preparativos para receber, no aeroporto «Gago Coutinho», o Presidente do Conselho, que virá acompanhado, desde a Beira, pelo dr. Rebelo de Sousa. De cinquenta em cinquenta

A RANK XEROX EM LEIRIA

A Rank Xerox, Ltd., dentro do seu programa de expansão em Portugal, organiza pela primeira vez uma exposição sobre Comunicação Gráfica em Leiria. Esta certame, organizada pela filial em Coimbra da Rank Xerox, Ltd., está patente ao público, a partir de hoje, no Hotel Euro-Sol.

DE ONTEM PARA HOJE

HOMENAGEM MUNICIPAL

Artistas, escritores, jornalistas e actores foram homenageados pela cidade de Lisboa em que quase todos eles viveram e que muitos enternecidamente amaram nos seus ambientes e costumes. A homenagem municipal reveste a forma de livro e o nome num canal de rua ou praça; e não deixa de ser de assinalar a homenagem àquele grande jornalista e mesmo companheiro de trabalho que foi Artur Portela. Mas, noutro lugar, acentuamos o valor dessa homenagem ao Artur Portela. Marquemos também que amigo do Portela foi o Jaime Brasil homem de fibra, dos que não cedem. E Jaime Brasil foi homenageado pelo Município de Lisboa. E aquela Irene Lisboa, autêntica pintora de quadros lisboetas ou provincianos nas suas páginas simples e deliciosas, ficará com o nome no Bairro de Santa Cruz. Grandes, grandes foram escritores como Teixeira Gomes, que não merece ainda tal homenagem. Porquê, santo Deus? E — mastro cinzeiro — não haverá uma avenida nova, uma praça digna e larga, onde se afixe o nome do maior das letras portuguesas que se chamou Aquilino Ribeiro, ele que foi lisboeta desde os seus vinte anos e tantas vezes nas suas páginas nos fala de bairros característicos e do rio de Lisboa onde se desenrolam aliás alguns dos seus romances? Acentuemos as novas denominações de artérias municipais: No Bairro de Santa Cruz, em Benfica: A Rua da Várzea, a de Rua Comandante Augusto Cardoso, explorador ultramarino (1858-1939); A Rua 1, a de Rua Alfredo Pimenta, escritor (1882-1950); A Rua 2, a de Rua João Vaz Júnior, escritor (1877-1963); A Rua 3, a de Rua Moreira de Almeida, jornalista (1869-1925); A Rua 4, a de Rua Albino Sousa Cruz, benemerito (1870-1966); A Rua 5, a de Rua Eduardo Schwalbach, dramaturgo e jornalista (1890-1946); A Rua 6, a de Rua Coronel Campos Gonzaga, oficial de artilharia (1861-1933); A Rua 7, a de Rua Irene Lisboa, escritora e jornalista (1892-1958); A Rua 8, a de Rua João de Deus, escritor e jornalista (1836-1895); A Rua 9, a de Rua Mestre Raul Ferrão, compositor musical (1896-1952); A Rua 10, a de Rua Actor Estêvão Amaral (1895-1961); A Rua 11, a de Rua Actor Nascimento Fernandes (1881-1955); A Rua 12, a de Rua Actor Vasco Santana (1896-1959); A Rua 13, a de Rua Actor Álvaro da Cunha (1893-1956); A Rua 14, a de Rua Jaime Brasil, escritor e jornalista (1894-1966); A Rua 15, a de Rua Helena de Aragão, escritora e jornalista (1899-1961); A Rua 16, a de Rua Doutor José Alberto de Faria, médico e higienista (1882-1961). Na coluna C, dos Olivais-Sul designam-se as artérias com nomes de cidades de Angola.

PORTUGAL-VENEZUELA

No cenáculo literário Tábua Rasa foi homenageado ontem o embaixador da Venezuela, dr. Rafael Fernando Rojas. Estava ele acompanhado da esposa e filhos e do pessoal da Embaixada. O embaixador é também escritor e académico de História. Depois de enaltecida a sua obra proferiu ele uma conferência sobre o grande escritor que foi Romulo Gallegos, recentemente falecido.

10 MIL CONTOS

O Banco de Fomento Nacional pôs à disposição do sr. Presidente da República a soma de 10 mil contos para a Fundação Salazar. Foram ontem, ao Palácio de Belém, o governador do Banco, prof. Daniel Barbosa, antigo ministro da Economia, e o vice-governador dr. Ricardo Faria Blanc, antigo subsecretário de Estado, e ainda o eng.º Pedro de Moraes Campinho, já em vice-governador, e dr. Rebelo da Conceição, administrador por parte do Estado, comunicar essa decisão ao sr. Presidente da República.

COMBOIO DE MORTE

Viaja na Casa Velha, perto de Seure, o carregador da C. P. sr. José Gomes Henri Junior, de 46 anos. Ontem ia a greve-sar a via da estação de Seure, na linha de Seure a linha de Seure. Mas uma composição o colheu e matou.

NOVAS INSTALAÇÕES

Em condições simples, foram ontem inauguradas as novas instalações da sede do Grupo Desportivo do Pessoal do Jornal do Século. Assietaram o director e sua família, bem como administradores e muitos funcionários daquele grupo, presidido pelo colga. Disse o dr. Guilherme Pereira da Rosa, exprimindo o desejo de todos: «Boa sorte, felicidades e contem sempre com a minha ajuda e toda a boa vontade».

HOSPITAIS

O sr. ministro da Saúde, acompanhado dos drs. Carlos Georze e Lima das Neves, respectivamente, enfermeiro-mor e administrador-geral dos Hospitais Cívis, visitou ontem os hospitais dos Capuchos e do Rego. No primeiro observou especialmente os serviços de Oftalmologia. No segundo observou as obras de beneficiação.

PALACIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem os sr. dr. Xavier Pintado, secretário de Estado do Comércio, eng.º Duarte do Amaral, deputado pelo Minho; almirante Paulo Viana, dr. Manuel José Homem de Melo, eng.º José Rodrigues dos Santos e dr. Henrique José Ramos Ortigão, e a sr.ª D. Maria Leonor Soares, acompanhada pelo sr. eng.º Agnelo Galmão de Oliveira.

Cofres de alugar
Av. Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

NAUTICAMPO-III
(Potente até ao dia 20)

Novidades em equipamentos de recreio náutico, desporto e de campismo

HORARIO
Horário de hoje e amanhã — Das 17 às 24 horas

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

ESTORIL
PARA O SEU FIM-DE-SEMANA OU PARA AS SUAS FERIAS, O

TOURING CLUB DE PORTUGAL
ESPERA-O

APARTAMENTOS — RESTAURANTE — BABY-SITTING
VAL DO SOL — ESTORIL — Telef. 263385

A REPÚBLICA DA CHINA TEME A UNIÃO SOVIÉTICA

HONG-KONG — Mais violenta do que nunca no deslizar das escaramuças de fronteira, a denúncia pela China da União Soviética, reflete dois receios principais dos dirigentes chineses.

Em primeiro lugar, estes encontram-se convencidos de que a União Soviética poderá reiniciar a invasão, desta vez da China, como fez para com a Checoslováquia. Tanto a província de Sinkiang como a Mongólia Interior seriam alvos bastante vulneráveis para uma intervenção russa deste género.

Os dirigentes chineses também estão preocupados com os efeitos do relativo liberalismo económico soviético sobre os chineses descontentes. Na sua origem, a grande revolução cultural proletária pretendia quebrar e suprimir a liberalização interna, denunciada pelos extremistas como «abrindo caminho à restauração do capitalismo».

Os dirigentes militares que dominam a China em nome do presidente do Partido Comunista, Mao Tsé-Tung, receiam que os russos possam encontrar muitos simpatizantes na China se entrarem em ac-

ção, ainda que ninguém possa avaliar a extensão destas simpatias.

Para contrariar uma possível intervenção soviética, Pequim denuncia com violência as «teorias revisionistas soviéticas da soberania limitada e da ditadura internacional».

Pequim diz que os russos usam esta «falsa base teórica» para justificar a «ditadura colonial e a exploração que exercem sobre a Europa Oriental e a Mongólia».

Enquanto estes ataques representam uma intensificação radical dos anteriores assaltos à política soviética de soberania, são

do mesmo modo violentos na denúncia das actividades do Kremlin no seu país, com o objectivo de contrariar uma possível infecção da China pela liberalização russa.

Em consequência das escaramuças fronteiriças sibero-mandchua terem desportado o mais profundo e imediato receio dos chineses, as acusações contra a União Soviética são apresentadas na mais violenta linguagem, desde que em 1949 foi fundada a República do Povo da Chi-

na. São ainda mais violentos do que a maior parte dos comentários críticos ocidentais, tanto sobre a China como sobre a Rússia, e mais intensos ainda que os ataques chineses contra os Estados Unidos. E as injúrias devem ainda aumentar: impelidos pela fúria e o medo, os chineses tornarão provavelmente inevitáveis novas escaramuças.

Pequim chama à administração soviética interna «tirania fascista dos novos czares prestes a ser derrubada». «A pandilha revisionista soviética pratica o social-fascismo no seu país e suprime cruelmente as grandes massas do povo trabalhador soviético numa tentativa de manter o seu cambaleante Governo reaccionário a exercer pressão no estrangeiro com o social-imperialismo», diz Pequim.

Os russos, segundo Pequim utilizam as suas tropas para a «sangrenta repressão da resistência cada vez maior dentro da U. Soviética», enquanto se estão comprometendo numa «frenética expansão dos armamentos e de prepara-

ção para a guerra».

O aparelho da polícia secreta, assevera Pequim, tem sido aumentado muitas vezes nos últimos anos, enquanto uma multidão de novas leis e regulamentos destroem a liberdade de que os russos gozavam. A «pátria do povo trabalhador soviético», foi transformada num campo de terror sob a ditadura fascista...

«Existem campos de concentração, cadeias e «manicomios» em todo o país, para deter e suprimir o povo soviético revolucionário: são abundantes por toda a parte os exemplos de terror branco...», dizem os chineses, argumentando que surgiu uma nova classe privilegiada, e referindo-se a criminosos que fogem ao merecido castigo apoiados nas suas ligações com o Partido Comunista.

Mas o fulcro de tudo isto, dizem os chineses, é a exploração económica desenfreada das massas em benefício da «nova burguesia».

Devido a que os lucros se tornaram a força estimulante da produção, reapareceram a anarquia do capitalismo na produção e na distribuição.

«Por conseguinte o desajuste das fazendas colectivas, a produção de cereais caiu vertiginosamente, surgiu nova classe de «kulaks» (capitalistas rurais) e de especuladores que exploram impiedosamente o povo trabalhador».

Por conseguinte o desemprego aumenta o que faz com que exista um exército de desempregados que atinge actualmente para cima de 10 milhões de trabalhadores na União Soviética, acrescentam os chineses.

Com veemência e dureza igual os chineses denunciam o «novo colonialismo» que o Kremlin exerce no estrangeiro «coligado com o imperialismo americano». Os russos são acusados de procurarem governar o mundo inteiro, juntamente com os Estados Unidos.

Nota
do dia

A GRANDE AVENTURA

O INTERESSE MOSTRADO pelo ministro da Marinha na visita que fez às instalações novas ou providências dos diversos serviços do Instituto Hidrográfico, recentemente destruído pelo fogo, tem uma razão particular de actualidade no que diz respeito à pesquisa oceanográfica. Explica-se isso com a sugestão lançada pelo ex-presidente Johnson, dos Estados Unidos, alguns meses antes da sua retirada, para a coligação de esforços internacionais num grande projecto de investigação nos domínios da oceanografia.

De que se trata? Afinal, de tentar descobrir da Terra aquilo que está por descobrir, de ir ao fundo dos mares, estudar-lhes a configuração, estudar principalmente o que por lá possa haver de vida, o que possam ser as condições de vida. Estudos, pois, fundamentalmente, nos domínios da Geologia e da Biologia marítimas, ir ao fundo do mar, tentar penetrar aí, nas próprias profundezas do subsolo submerso. Para quê?

O para quê é difícil. Está claro que tudo isto é sempre fomentado pelo desejo, pelo gosto ou pela necessidade de encontrar novas riquezas, é isso que o estimula, como estimulou aos navegadores portugueses de quinhentos. Mas esse estímulo é o que põe em movimento outra máquina, que é a de ir à procura do desconhecido, não se resignar o homem a não dar o passo para além do horizonte a que se habituou a ver confinados os seus movimentos e os seus interesses.

É nessa linha de interesse que teremos de inscrever as numerosas experiências que têm estado a decorrer em diversos países, viver meses no fundo de grutas, viver semanas sujeito a pressões atmosféricas cada vez maiores e correspondentes às das grandes profundidades submarinas, são passos de aproximação no sentido do projecto Johnson, previsto para um período de dez anos a começar no ano que vem. A empresa é de tal modo dependente que os Estados Unidos não vão lá sósinhos, pedindo para ela a colaboração mundial.

Vale a pena? Justifica-se? Não é possível responder de duas maneiras, mas de uma só: claro que se justifica. E quando dizemos que se justifica não é pelas perspectivas de ir encontrar e explorar novas riquezas que têm estado closamente em reserva, longe da cobiça do homem. Não é o petróleo, nem o ouro que estejam para além ainda do fundo dos mares. Nem as reservas alimentares que possam colher-se e recolher-se. É o conhecimento novo que se conquista. Mas vale a pena? Com tanta fome de tudo que há por esse mundo conhecido, tanta gente que não tem o seu pão, vale a pena? Esse sacrifício é a grande aventura do homem de todos os tempos. Nos nossos dias vemos esse esforço lançar-se para a imensidão do espaço, o caminho à vista para outros planetas. O programa agora em perspectiva é a contrapartida desse, a imensidão dos espaços submersos. É a aventura do saber, a conquista do novo conhecimento, descobrir aquilo que teimosamente, ao longo dos séculos, se tem escondido de nós.

O 48.º ANIVERSÁRIO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Ao assinalar a passagem do 48.º aniversário do nosso jornal, escreve o «Comércio do Funchal»:

«É costume, nestas ocasiões, os jornais se felicitar mutuamente — as palavras não habitualmente as mesmas, os cabeçalhos é que mudam conforme o jornal... Mas o aniversário do «Diário de Lisboa» não é um aniversário qualquer. É o de um jornal que, no panorama da imprensa diária portuguesa sobressai pela sua dignidade e pelo esforço (para além de todas as dificuldades que se adivinham) em renovar métodos e temas. Não será de justiça, portanto, que C. F. relembre a efeméride, e, cá de longe, abraze todos os que tornam todos os dias possível o «Diário de Lisboa»?

Pelo seu lado, o «Jornal do

Funchal», ao assinalar a entrada do «Diário de Lisboa» no 48.º ano de publicação, acentua que o nosso jornal «continua uma linha de independência e dignidade merecedora do melhor apreço».

Aos dois prestigiosos semanários, o nosso profundo reconhecimento.

Também nos enviaram felicitações pela passagem do 48.º aniversário do nosso jornal a sr.ª D. Eduarda Leite Ventura e o sr. Alfredo dos Reis, correspondente do «Diário de Lisboa» no Cáceres.

Referiram-se, igualmente, ao nosso aniversário os prezados colegas «Jornal do Comércio»; «Diário de Coimbra»; «Diário do Norte», do Porto, e «A Voz do Minho», de Barcelos.

A todos, os nossos agradecimentos.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

«CRANPOOL»
PISCINAS e FILTROS
EXPOSIÇÃO NA «NAUTICAMPO»
EDIFÍCIOS DA FEIRA INTERNACIONAL
DE LISBOA

HOTEL BIOMAR
CENTRO DE LAGOS (5 minutos dos praias)

Faça as suas férias no mais confortável Hotel de 2.ª classe do mundo. Preços especiais. Redução especial de 10% durante o mês de Abril. Todos os quartos com casa de banho e aquecimento central. Salas de convívio com ar condicionado. Reservas pelo telef. 498.

RECTÂNGULOS DA VIDA

TRANQUILIDADE

A tranquilidade acima de tudo. Para nós, para os nossos. A verdade é muito difícil, magoam-se os pés em caminhos de cabras, chega-se lá, onde é preciso chegar, com eles em sangue, e para quê? Tinha sido tão fácil ficarmos confortavelmente sentados a folhear livros sem problemas, livros de retratos com legenda por debaixo. Isto é assim, aquilo é esseado. Para quê pensar mais nisso?

Desde muito pequenos que nos tranquilizaram pondo-nos diante dos olhos as imagens e o seu nome e a sua qualidade. A bruxa era feita tal como a madrastra ou a irmã invejosa, que está, por causa das coisas, era quase sempre meia-irmã ou, melhor ainda, filha da tal madrastra. A realidade delas era mesmo tão grande, a sua maldade tão forte que chegavam a deixar sapões pela boca, ao falar. Pelo contrário, a doce maninha piez-maneinho e cabelos de ouro que

murmurava música ou pétalas de rosa ou até brilhantes de não sei quantos quilates, era boa e linda, o mesmo se dando com a fada benévola, com a rainha boa dona de palácio e mãe amantíssima, e, até certo ponto, com o príncipe escantador, bom rapazinho e excelente partido.

Lembro-me perfeitamente de folhear um velho álbum de pintura e de estar convencida de que a Giocconda era a Virgem Maria. E pensa-

va a como Nossa Senhora da Giocconda, o que até não era tão errado como isso, visto que a mãe de Jesus foi ao longo dos séculos pintada como a mais bela mulher do mundo. Porquê? Homenagem à santidade ou confusão entre santidade e beleza?

Com o decorrer do tempo aprendemos outras coisas. Por exemplo, que os ricos são maus e os pobres bons (ou vice-versa, conforme o ângulo de visão). Que a política de A é ótima e a de B péssima (ou precisamente o contrário). Que dantes tudo era melhor ou que hoje tudo é formidável. Que os jovens que conhecemos são óptimos ou que a actual juventude está perdida. E por aí fora.

Se não fosse assim, se não tivéssemos aprendido as legendas de cor e não estivéssemos sempre a olhar o respectivo retrato a fim de não haver trocas, era uma destas trapalhadas... E depois, completamente perdidos, talvez até nos resolvéssemos a meter pelo tal caminho de cabras que magoa muitíssimo os pés. Um perigo e tanto.

por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO





Os jovens visitantes fotografados num recanto da nossa tipografia

Jovens do Caramão da Ajuda visitaram o «Diário de Lisboa»

No Centro Social do Caramão da Ajuda, alguns jovens resolveram concretizar uma ideia valiosa: a criação de uma biblioteca que constitua um pretexto de um frutuoso convívio entre eles e fosse, ao mesmo tempo, uma forma de cultura e esclarecimento. No âmbito das actividades da biblioteca organizam visitas de estudo, com fins culturais. Foi em consequência desse louvável programa que um grupo de leitores dessa biblioteca (tudo jovens, de várias idades) esteve no nosso jornal, a fim de visitar as instalações do «Diário de Lisboa» e de se familiarizar com a forma como se faz um diário. Os nossos jovens leitores (porque a biblioteca é assinante do nosso jornal) percorreram todos os departamentos, desde a redacção à secção de gravura, onde ouviram explicações dos nossos camaradas responsáveis por esses departamentos. A gravura

documenta uma fase da visita à Tipografia (secção de composição de títulos) onde os colegas que ali trabalham lhes ofereceram alguma distensão, para colocarem nas pa-

redes da sua sala de leitura. «A cultura é o pão do espírito» — esta foi uma das frases impressas no «Diário de Lisboa» para os jovens do Caramão da Ajuda.

A lavoura continua a negociar o gado pela maior oferta

Por despacho de 23 de Janeiro do ano corrente, o então ministro da Economia, dr. Corrêa de Oliveira definiu o caminho do auto-abastecimento do País em produtos pecuários e estabeleceu os preços a pagar à lavoura pelo gado. Foi assim instituído o sistema de recepção e de pagamento do gado oferecido para abate, com vista a permitir à lavoura prescindir dos intermediários e receber, por cada uma das reses destinadas ao abastecimento público, o que efectivamente correspondera ao rendimento da curraça. O sistema é, naturalmente, facultativo para o empresário agrícola e o seu funcionamento ficou dependente da colaboração que lhe quisessem prestar os Grémios da Lavoura e respectivas Federações de cada região.

É, realmente, sintomático o que se tem passado no sector da pecuária: a maior parcela dos subsideios de preço de carne fica na mão dos

intermediários, porque a lavoura continua a negociar o seu gado pela maior oferta, em lugar de o vender a preço (apesar de o Ministério da Economia se ter proposto pagar a instalação nas feiras, das balanças necessárias).

Com a finalidade de estudar de forma eficiente a aplicação deste despacho no âmbito da província da Beira Litoral, realizaram-se já reuniões promovidas pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários, para numa primeira fase escolher os locais, feiras ou mercados onde, pela importância que revestem como centros de conferência e comercialização de gado bovino, se justifique a criação do serviço de compras directas à lavoura, previsto no referido despacho.

Há dias realizou-se na Federação dos Grémios da Lavoura da Província Litoral uma reunião preliminar dos delegados de Coimbra e Aveiro da J. N. P. P., respectivamente drs. José Maria Guadino e Nuno da Cunha Dias, a que presidiu o dr. Fernando de Melo Costa e Almeida, presidente da direcção da Federação, e que visou precisamente conjugar ideias ou sistemas para que a aquisição do gado seja idêntica nas zonas das delegações da J. N. P. P. integradas na área da Federação.

Esta reunião preliminar teve ainda como finalidade preparar uma outra a efectuar, a nível mais elevado, com os Grémios da Lavoura, os seus representantes, na próxima reunião-feira, no Grémio de Coimbra, com a seguinte ordem de trabalhos: inscrição directa dos produtores nas feiras; representação dos Grémios nos circuitos de abate para verificação de preços e assistência aos produtores.

DIZ-SE NO PARECER DAS CONTAS GERAIS DO ESTADO (1967)

Das cerca de quinhentas páginas do «Parecer sobre as Contas Gerais do Estado de 1967», de que é relator o eng.º Araújo Correia, mais de um quinto são dedicadas às «Recetas Ordinárias». E logo nas «Considerações Gerais» deste capítulo se fornecem importantes dados e pertinentes considerações, parte das quais se transcrevem seguidamente.

● O maior aumento de sempre nas receitas ordinárias

O aumento de 2 954 100 contos nas receitas ordinárias, o maior verificado na Conta Geral do Estado desde sempre, foi devido, fundamentalmente, à receita dos impostos indirectos, que subiu para 8 155 000 contos. Este capítulo acusa um acréscimo de 1 944 700 contos, proveniente, em grande parte, do imposto de transacções.

Mas outros capítulos orçamentais melhoraram as suas receitas, embora por somas muito menores. De tudo resultou o aumento nas receitas ordinárias semina indicativo, o que, indirectamente, trouxe um excesso de receitas ordinárias sobre idênticas despesas de quase 7 milhões de contos. Ninguém poderia prever tão grande excesso.

● Profundas alterações necessárias

É evidente não terem sido apenas as receitas ordinárias a causa de tão grande soma, como adiante se verificará ao

estudar mais democraticamente o assunto. Até certo ponto, tão grande excesso deriva também de insuficiências nas dotações orçamentais da despesa.

Toda a máquina do Estado necessita de profundas alterações que permitam trabalho mais útil e acabem com at-
tos sérios e insuficiências perniciosas em muitos serviços. Alterações substanciais, com tendência para melhor produtividade, proveen-se, naturalmente, aumento das despesas, até no caso de ser imposta, como preço, redução sensível no número de unidades.

Melhorias nas despesas de guerra podem facilitar uma reorganização racional de todos os serviços do Estado.

● Verbas fora de Conta

A Conta Geral pode trazer confusão sobre a carga tributária.

Na verdade, as receitas ordinárias, ou como tal consideradas, são muito maiores do que as acusadas na Conta. Não é, porém, função de pareceres avaliar essas re-

ceitas e sobre elas emitir uma opinião crítica. Mas conviria apurá-las todos os anos.

Andam fora da Conta verbas como as do Fundo de Desemprego, algumas do Fundo de Abastecimento, todas as da previdência, muitas dos organismos de coordenação económica e algumas do Fundo de Turismo. Vão longe os tempos áureos dos princípios financeiros em que se baseou toda a obra dos últimos trinta anos, e não se pode dizer que os desvios conhecidos tivessem sido salutares para a governação pública.

Haverá grandes vantagens em repromover a unidade orçamental, especialmente num momento em que a despesa sobre a passiva larga e em que é indispensável reformar os serviços num sentido progressivo.

● Desfasamento excessivo

Costuma ser muito grande o desfasamento entre as receitas orçamentais e cobradas, mas esse desvio atingiu, pela primeira vez, a soma de 3 milhões de contos, o que é excessivo. Provavelmente, a acentuação do desvio provém de grandes receitas no imposto de transacções.

CRUZEIROS CVR (III e IV)

Conheça, Viva, Realize-se

Lisboa - Casablanca - Tenerife - Las Palmas - Lisboa

De 12 a 18 de Junho

Paquete «MOÇAMBIQUE»

Partida de Lisboa a	12 de Junho
Estadia em Casablanca a	13 de Junho
Partida em Tenerife a	15 de Junho
Estadia em Las Palmas a	16 de Junho
Chegada a Lisboa a	18 de Junho

Preços desde 1 500 000

Lisboa - Barcelona - Palma de Maiorca - Gibraltar - Lisboa

De 25 de Outubro a 1 de Novembro

Paquete «MOÇAMBIQUE»

Partida de Lisboa a	25 de Outubro
Estadia em Barcelona a	27 e 28 de Outubro
Estadia em Palma de Maiorca a	30 de Outubro
Estadia em Gibraltar a	31 de Outubro
Chegada a Lisboa a	1 de Novembro

Preços desde 1 500 000

Consulte o seu Agente de Viagens ou a

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

SUA DO COMÉRCIO, 25 — TEL. 2200 — LISBOA

SUA INFANTE D. HELENA, 43 — TEL. 2200 — LISBOA

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

concurso tofa

para selecção dos dois melhores projectos de filme publicitário e de anúncio de imprensa.

O concurso está aberto até 31 de Maio de 1969.

Informe-se pessoalmente nas instalações de Publicidade da TOFA — Estrada de Carrasçal — Linda-a-Velha.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

TÍTULO — «Amor andaluz».
REALIZAÇÃO — Rafael Gil (1968).
INTERPRETES — Car-

men Sevilla, Francisco Rabal, Arturo Ferrández.

Uma história de amor à espanhola ou, melhor, à andaluza, com todos os matadores e com todos os apetrechos. Uma história de um amor rico, belo e não aconselhável e de um outro pobre, feio e bastante aconselhável. Colorido, Andaluzia, romarias, vinho e tudo o mais que adiante quem lá for verá. Uma realização inexistente (e porque não?), uma cor muito espanhola e muito para ibérico ver. Este filme, cuja vedeta é a popularíssima Carmen Sevilla, está em exibição no Odeon — o local próprio para filmes deste género.

OS «VINDIMADORES DA VIDIGUEIRA» NA TELEVISÃO

No próximo dia 4 de Maio, véspera do seu aniversário, o grupo coral dos «Vindimadores da Vidigueira» actua mais uma vez na R. T. P., em programa directo transmitido do Porto. No dia seguinte os «Vindimadores» estão em Lisboa, devendo actuar em «fim de ceia» na Casa do Alentejo.

VIOLENCIA E REALISMO IMPRESSIONANTES A PAR DE UMA ANÁLISE PROFUNDA DE MENTALIDADES EM CHOQUE!



HISTÓRIA DE UM ASSALTO

EASTMANCOLOR DELTA SCOPE
TOMAS MILAN • ANITA EKBERG
CLAUDIO CAMARGO

ESTREIA

HOJE
AS 21,45

AVIS

FILMES OCIDENTE
(ADULTOS)

DINAMITE... ARMAS...
LUTAS TRAÍDOEIRAS...
PERIGOS INFERNAIS...
NA MAIS ESTRANHA
E ENCARNIÇADA
CAÇA AO HOMEM
ATÉ HOJE
VISTA!



MARTIN MILNER
CUI GULAGER • KAREN JENSEN • LINDEN CHILES • DON QUINE

UNIVERSAL
SONORO FILME

HOJE

EMOCIONANTE ESTREIA
COLORIDO — Maiores de 12 anos

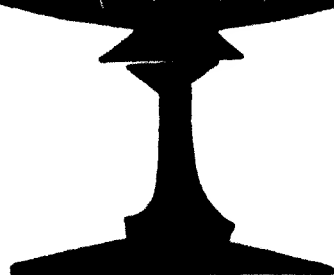
POLITEAMA

3ª SEMANA

...E CONTINUA:

"A FESTA"

(THE PARTY)



NO CINEMA

SÃO JORGE



Peter Sellers

«A FESTA»... É FESTA!... E É TAMBÉM, O MAIS
HILARIANTE ESPECTÁCULO DA ACTUALIDADE

«A FESTA» É PARA ADULTOS

MARISCH CORPORATION apresenta
BLAKE EDWARDS como Produtor, Realizador
e autor de argumento

COLOR by DeLuxe
«PANAVISION»

Vasco Morgado apresenta

TEATRO VILLARET

(ADULTOS)

A PREGUIÇA

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.

5.º MÊS DE ÉXITO

UMA COMÉDIA POPULAR

SÓ ATÉ DOMINGO

com **RAUL SOLNADO**

Direcção de

MARIA HELENA MATOS



VERLINDA BORGATTI (a mãe)
ALINA VAS (a mulher)
MÁRIO JACQUES (Relações Públicas)
ANTÓNIO MONTES (o colega)
DAVID SILVA (o pai)



«A ilha dos escravos» (de Marivaux) pelo T. E. U. C.

O Teatro dos Estudantes organizado pelo C. I. T. A. C. e teve um merecido êxito. Agora o T. E. U. C. vai participar no Festival da Covilhã com a peça do famoso dramaturgo francês do século XVIII, numa encenação que tem a marca do nosso tempo e de um homem de teatro que sabe do seu ofício. Os cenários de «A ilha dos escravos» são de João Vieira e o texto de apresentação de João Vieira.



Mariana Rey Monteiro em «Equilíbrio Instável»

ENTREGUES AMANHÃ NO CAPITÓLIO OS PRÉMIOS DA IMPRENSA DE TEATRO DECLAMADO (1967)

• Representada a peça «Equilíbrio Instável»

Mariana Rey Monteiro, Santos Manuel, Varela Silva e Bernardo Santareno recebem, amanhã à noite, no palco do Capitólio, os Prémios da Imprensa de Teatro Declamado relativos a 1967.

A entrega dos galardões será feita no final do espec-

táculo-reposição da peça de Albee, «Equilíbrio Instável», precisamente aquela que deu o prémio a Mariana Rey Monteiro.

O produto desse espectáculo reverte a favor dos fundos de assistência da Casa da Imprensa, por amável deferência da empresa Rey Colaço-Robles Monteiro.

É, pois, natural que o Capitólio se encha, amanhã, numa homenagem a alguns nomes mais em evidência do teatro português actual.

Estreia amanhã (em S. Carlos) a companhia do Ballet-Théâtre Contemporain

Vinda de Madrid, onde se exibiu com um extraordinário êxito, chegou ontem a Lisboa a grande companhia francesa do Ballet-Théâtre Contemporain que, amanhã, se estreia no Teatro Nacional de S. Carlos, às 21 e 45, na continuação da Temporada de Bailados de 1969.

Como se sabe, o Ballet-Théâtre Contemporain é a companhia que André Malraux criou há pouco, anexa ao Centro Nacional de Cultura, na Maison de la Culture, de Amiens, e é considerada como a mais autêntica expressão das modernas correntes estéticas do ballet europeu.

Acompanham os artistas desta companhia figuras em destaque no meio artístico francês: Jean-Albert Cantier, Françoise Adret, o maestro Luc Ferrari e a pianista Michèle Benac, respectivamente conselheiro artístico, diretores coreográfico e musical, e guitarrista do Ballet-Théâtre Contemporain. Entre os artistas, citamos também a lista de destacados: Colette Borel, grande artista francesa que o teatro público bem conhece e admira; Martine Parnain, James Urbain,

Don Snyder, as estrejas de ópera de Paris Cyril Atanasoff, Jacqueline de Min e Pierre Byland, Muriel Belmondo e as estrejas da Ópera de Sofia Krassimira Koldanova, uma das maiores bailarinas mundiais de hoje, e Itchko Lazarov. Amanhã, chegarão as demais estrelas desta companhia: o grande bailarino Jean Babilas, o famoso por da Ópera de Bucareste Rodolphe Poite e Annette Chironjescu e o grande bailarino Juan Ulliano.

A novel e já famoso companhia estreia amanhã, em S. Carlos, com «Antata Profana», «Hai-Kais», «Aquejemas» e «Desertos».

Os artistas foram recebidos à sua chegada por Tomás Ribas em representação do Teatro Nacional de S. Carlos pelo empresário Constantino Varela Cid.

A temporada popular prossegue no dia 22

A Temporada Popular de Bailados de 1969, que o Teatro Nacional de S. Carlos está a efectuar no Coliseu dos Recreios, prossegue, no próximo dia 22, às 21 e 30, com um espectáculo singular da famosa companhia francesa Ballet-Théâtre.

T. E. U. C. vir a Lisboa, o que a todos os títulos se impõe e esperamos tenha rápida e efectiva concretização, à semelhança do que acontece com o C. I. T. A. C., que na próxima segunda-feira apresenta no Teatro Vasco Santana «Castelos e a sua época», com uma encenação de Ricard Salvat.

O T. E. U. C., o pioneiro do teatro universitário em Portugal, continua assim a obra admirável que desenvolveu ao longo das últimas três décadas, graças ao poderizador dos estudantes, à figura notável do homem de teatro e de cultura cujo nome para sempre ficará indissociavelmente ligado ao organismo de que foi, através dos tempos a verdadeira alma — o prof. dr. Paulo Quintela.



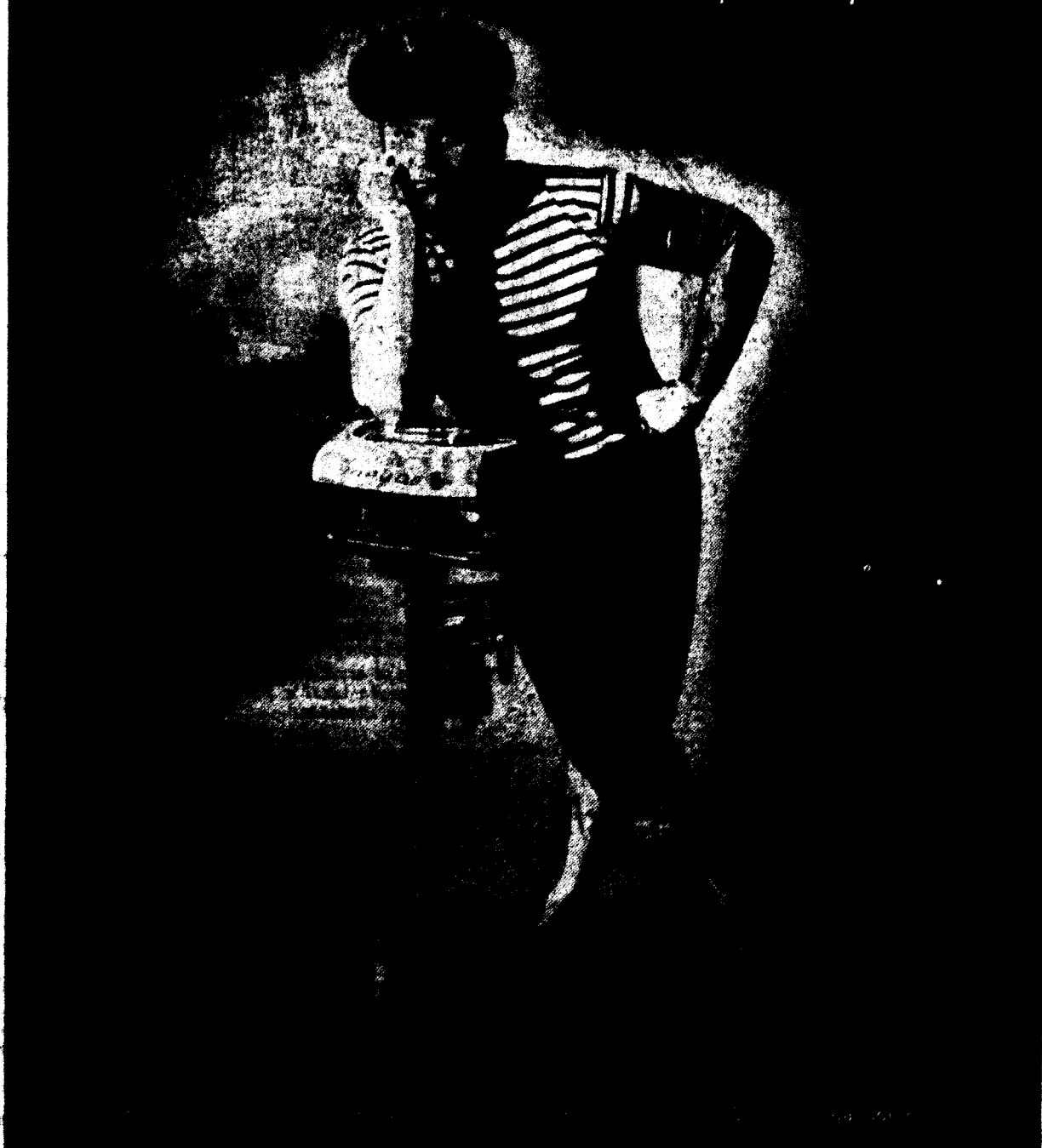
Uma cena da representação de «A ilha dos escravos», pelo T. E. U. C.

Eis o motor prático para o marinheiro conhecedor.

Nada terá a par do motor EVINRUDE, o modelo económico da EVINRUDE. Cada motor, quando é montado, é cuidadosamente testado e controlado, pronto para as mais rudes tarefas. É testado para a marcha a ré, a fundo, beneficiando da famosa qualidade e serviço de manutenção EVINRUDE. De posse do Distribuidor exclusivo, MINIBEL DE ALMEIDA, S.A. (Lisboa), pode obter o motor EVINRUDE. A 24 de Junho de 1969, Lisboa, Tel. 66 77 10.

EVINRUDE

O poder da experiência



VIDA MUSICAL

Karine Georgian (Prémio Tchaikowsky) pela primeira vez em Lisboa

Poucas semanas após ter revelado ao público de Lisboa o maior pianista da actualidade (Sviatoslav Richter) o Tivoli anuncia a apresentação de um dos maiores talentos violoncelísticos da nossa época. Assim, depois de Nova York, Londres, Paris e Berlim, Lisboa vai conhecer, hoje, às 18 e 30, Karine Georgian, a jovem intérprete que no famoso concurso Tchaikowsky, de Moscovo, perante dezenas de concorrentes de vários países, surpreendeu o júri do concurso desde a primeira prova, ao ponto de obter o «1.º Grande Prémio», por unanimidade — o que raríssimas vezes acontece. Rostropovitch, que estava presente, afirmou: «Arcaha excelente, técnica mag-

nífica; raras vezes o temperamento artístico, o lirismo acompanham essa técnica num mesmo artista». Não menos expressivas foram as palavras de outro célebre violoncelista (Gregor Piatigorsky) Por ocasião da sua estreia nos Estados Unidos, o crítico do «New Yorker Magazine» disse: «o seu canto largo e expressivo, o seu virtuosismo estão muito acima do comum». Na Suécia, não menos exuberante foi o acolhimento dispensado a Karine Georgian. «O auditorio foi surpreendido de tal maneira que os aplausos não terminavam».

No seu programa de estreia em Portugal, a jovem violoncelista tem a colaboração em piano de Vladimir Krainev (1.º Prémio do Concurso Viana da Mota), num excelente programa que contém as «Variações sobre um tema de Flauta Mágica» (Beethoven), a sonata n.º 2 em fá maior (Brahms) e a sonata op. 19 de Rachmaninoff.

VEIO A PÉ DE ZURICH (2493 QUILOMETROS) PARA ASSISTIR AO JOGO PORTUGAL-SUIÇA

Percorreu a pé 2493 quilómetros (exactamente a distância que separa Zurich de Lisboa), para assistir a um desafio de futebol. Esta foi a pessoa que cometeu o desafio suíço: Emile Holliger, que completa 51 anos em 8 de Setembro próximo e é operário de uma fábrica de vidros.

Emile chegou ontem à tarde à capital portuguesa depois de atravessar a França, a Espanha e Portugal, onde entrou pelo posto de fronteira do Calva da 13 de Abril, levando apenas três dias de Elvas a Lisboa.

Allá não é esta a primeira façanha deste caminhante voluntário. Já assistiu aos jogos da selecção

de futebol do seu país no último «mundial», em Inglaterra, utilizando o mesmo processo de deslocação: a marcha. Agora este calcurreador das estradas europeias levou trinta e sete dias na viagem, pois partiu de Zurique no dia 8 de Março às 17 e 50 conforme certifica o cartão apostado pela polícia helvética no livro de «contrôle» que exhibe.

● Neve em Espanha

A travessia da França foi feita em onze dias (entrada por Saint Laurent du Pont em 15 de Março e saída a 26 do mesmo mês) entrando em Espanha por Junquera.

— «Aqui passei muito frio — disse-nos o incan-

sável caminhante —. Entre Saragoça e Madrid encontrei neve com mais de dez centímetros de altura».

Emile Holliger teve na viagem um ligeiro contratempo. O carrinho de bebé onde transporta a bagagem e que ostenta o reclame de uma fábrica de calçado (ele não o diz, mas deve ser a patrocinadora da viagem) sofreu uma «panne» e teve de ficar em Mérida.

Houve que proceder a uma substituição e este suíço de boas pernas e pulmões (e miolos?) chegou a Lisboa empurrando um saco de compras com rodas, daquelas com que as senhoras vão ao mercado.

● Fanático do futebol

A razão da viagem? Bem, nem a próprio Emile Holliger sabe explicar. Apenas a justifica como consequência de ser um «fanático do futebol».

Também irá ao México? — «Atencion — E depois num francês germanizado: — Nou, é Portugal quem vai classificar-se nesta série».

Hoje porém o nosso ho-

Emile sobre a «sombreira» da estação de Marquês de Pombal, com um carrinho de compras

mem fará a viagem de regresso mas não a pé. De avião, que é mais rápido e menos cansativo.

Mas nestes três dias de marcha pelas estradas portuguesas já foi o bastante para afirmar: — «Portugal. Oh! Jolie».

Frigorífico

PHILIPS



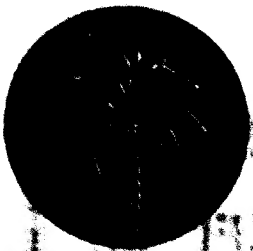
RM2425
275 L

UM OÁSIS EM SUA CASA

O frigorífico que cabe na sua cozinha e no seu orçamento. Pequeno por fora, enorme por dentro. Nove modelos à sua escolha. Em todos eles a qualidade, o serviço e a garantia de uma marca famosa em todo o Mundo. Entre outras salientam-se as seguintes características:

- Economia de espaço e de consumo.
- Conservação ideal e por longo tempo dos alimentos.
- Distribuição racional e regular da temperatura desejada.

A refrigeração nos modelos «Comb», de duas portas, faz-se pelo sistema F-H (Frio Humido) que não permite a desidratação dos alimentos e dispensa a descongelagem.



RM100 - 100 L | RM120 - 120 L | RM150 - 150 L | RM200 - 200 L | RM240 - 240 L | RM275 - 275 L



O suíço andarilho ao representante do «Diário de Lisboa»: «É muito simples: queria ver jogar a selecção do meu país em Lisboa, e vai daí meti pés ao caminho e cá estou».

«PORTUGAL E O OCIDENTE» — TEMA DA SEMANA DO ULTRAMAR QUE COMEÇA NA SEGUNDA-FEIRA

O sr. Presidente da República preside, na segunda-feira, na Sociedade de Geografia, à abertura solene da «Semana do Ultramar», que este ano se celebra sob o tema geral «Portugal e o Ocidente». É orador o sr. almirante Sarmiento Rodrigues, que abordará aquele tema.

A sessão de encerramento realizar-se-á em Santarém, no dia 22, integrada nas comemorações do centário da cidade. Presidirá o ministro do Ultramar, sendo ora-

dor o sr. prof. dr. João Ameal.

A «Semana do Ultramar» será ainda comemorada nas unidades militares, Legião Portuguesa, Camaras Municipais, organismos corporativos e estabelecimentos de ensino oficial e particular.

Para proporcionar aos vários oradores alguns elementos sobre o tema assinalado, a Sociedade de Geografia editou um pequeno livro de estudos do sr. prof. dr. Diogo Coutinho, cátedra de I. G. C. S. U., que tem por título «Portugal no Ocidente».

Aprovada a revisão de salários do pessoal camarário de Coimbra

COIMBRA 17 — Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. eng. Araújo Vieira, fez uma importante comunicação constituída por um estudo sobre a revisão de salários do pessoal eventual dos Serviços Municipalizados e que já fora aprovado no dia 1.ª reunião do Conselho Municipal.

Diz-se que a última revisão fora feita em Maio de 1966, e que daí para cá se verificou uma evolução constante nos preços da mão-de-obra, fenómeno relacionado com a contínua diminuição do poder de compra, além de que a escassez de pessoal qualificado tem agravado os salários.

Fez o orador diversas considerações sobre o fenómeno — desvalorização monetária generalizada, manutenção do agregado familiar — e afirmou que, por isso, a elevação dos salários se apresenta como uma tendência lógica na presente conjuntura, pois quem trabalha tem direito a um salário que lhe permita manter-se e ao seu agregado familiar, num progressivo e razoável nível de vida.

Disse, ainda, o presidente que se devia, no interesse de todos, concretizar esse objectivo e dar melhoria de situação económica àqueles que empregam o seu esforço. Quando foram actualizados os salários — afirmou — não houve dificuldades na admissão de pessoal, enquanto hoje os que fora não procuram os serviços camarários e parte dos que trabalham nos mesmos abandonam os seus postos procurando na actividade privada melhores condições de vida.

Fez o sr. eng. Araújo Vieira uma análise da preparação de operários nos Ser-

viços Municipalizados, e das providências que têm sido tomadas para manter um bom pessoal pois os serviços não podem ser bons se o não for, também, o pessoal. Acrescentou que a revisão de salários acarreta um aumento de despesa na ordem dos 2000 contos mas permite também que se possam pedir ao pessoal mais alguns sacrifícios embora tudo se faça para que este agravamento não atreze, por enquanto, os sistemas tarifários actuais.

A revisão de salários foi, depois, aprovada.

Construção de uma fonte luminosa

Foram, ainda, adjudicadas empreitadas de obras, entre as quais a construção de fonte luminosa na Praça Sáez, cujo projecto ficou aprovado e que importará em 105 000\$.

Depois de nova intervenção do sr. eng. Araújo Vieira, em que deu conta do encontro com o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, sr. dr. Azeredo Perdigão, a quem apresentou o anteprojecto do novo edifício da Biblioteca Municipal, informou que o pedido de auxílio teve a melhor aceitação, e que vai ser feito o projecto definitivo e que será apresentado o orçamento da obra ao presidente da Fundação Gulbenkian.

Por fim, o vereador sr. dr. Viriato Namora apresentou um circunstanciado estudo sobre os resultados práticos da aplicação do imposto de trabalho, demonstrando que, afinal, se colhem mais prejuízos do que lucros, pelo que propôs para se obter a informação sobre a possibilidade legal de cancelar a cobrança desse imposto e,

se essa possibilidade existir, que esse cancelamento produzisse imediatamente esses efeitos, proposta que foi unanimemente aprovada.

VIA A TELEVISÃO E ARDIA-LHE A FAZENDA

SATAO, 17 — O sr. José Carlos de Gouveia e Sousa acabou de ver televisão e já meio morto de sono, foi-se deitar. Mas se não quando acordou violentamente pela enquanto via televisão, ardia-lhe a serração do Perelro de que é proprietário e onde enterrara para uma de mil contos de melhoramen-

tos Naquela serração trabalham mais de meia centena de operários e empregados, quase todos bastante novos, pois os adultos tomaram quase todos o caminho da emigração.

Ao incêndio não escaparam os fios telefónicos, pelo que se dirigiu a Viseu o filho do proprietário da serra-

ção, a pedir os socorros dos Homens Municipais e Voluntários.

A serração de cerâmica com os seus dois andares foi totalmente devorada pelo fogo que, felizmente não atingiu a serração propriamente dita. Mesmo assim, os prejuízos ascendem a mais de 700 contos.

...E AS VITÓRIAS MORRIS CONTINUAM!...



CAMPEONATO NACIONAL DE RALLYES

RALLYE DE VISEU

VENCEDOR ABSOLUTO
ENG. HETTOR DE MORAIS

EM MORRIS COOPER'S.



A. M. ALMEIDA, S.A.R.L.

Lisboa — Av. da Liberdade, 11 / Av. 5 de Outubro, 168
R. da Escola Politécnica, 38
Paris — Rue St. de Bander, 501



Artes plásticas

Júlio expõe em Lisboa

Julio — um artista que desde a «Presença» (a cujo grupo pertenceu, e em cujas páginas se revelou) tem sempre revelado uma inconfundível personalidade criadora, quer como plástico, quer como poeta — Julio volta a expor em Lisboa, esta tarde na Galeria do «Diário de Notícias» e inaugurada uma exposição de desenhos e monotypias.

Julio (Maria dos Reis Pereira, engenheiro civil, de 66 anos de idade, regressa assim ao convívio do público interessado de Lisboa, que de certo não deixará de acorrer a apreciar as criações do artista plástico que é ao mesmo tempo o poeta Saul Dias: e entre um e outro quase não existem fronteiras, acontecendo ser o mesmo o pequeno mas significativo universo da obra de ambos, feita, como diz um dos seus versos, de «tanto de quase nada», e também de «imagens desvairadas» e o quotidiano ingenuamente descrito.

E se, como têm notado quantos se interessam pela sua poesia, esta se caracteriza por uma delicadeza e pureza de expressão que levam a uma depuração excepcional uma linha poética que vem directamente de Camilo Pessanha, sobretudo os seus desenhos — como escreveu Jorge de Sena — reflectem esta mais relevante característica da obra poética: mas uns e outros assumem uma subterrânea aridez que de resto exprime uma

brutalidade de traços que é inseparável, e como que o suporte de uma quase compaixão cénica, de uma melancólica e sonhadora malícia sarcástica.

Portanto a partir da tarde de hoje e até ao fim do corrente mês, desenhos e monotypias de Julio na Galeria do «Diário de Notícias».

Exposições de arte sacra em Leiria

LEIRIA, 17 — A Comissão Regional de Turismo vem promovendo já há anos, na sua Galeria de Arte, as exposições de arte sacra, que evocam, por meio de diferentes figurações de arte, o triunfo de Cristo sobre a Morte.

Tivemos oportunidade para meditar sobre a expressão mais positiva do Mistério Pascal, de vez em quando, quadros da Galeria de Arte Antiga e de Machado de Castro, dos Paços do Ourom Velho, bem como da Mater Dolorosa e do Crucifixo; e depois, foi-nos dado apreciar valiosos documentos de Registos de Santos, todos devotadamente emoldurados, a maioria do século XIX. Trinta e oito peças, pertencentes a duas colecções particulares, mensageiras de um valor humano espiritual do que foi guardado, vivo e palpante, de geração em geração, num recolhimento religioso, como se fosse um acastelar de páginas dum «Flos Sanctorum» em omnipotência de Deus e de sublimidade dos Santos que enchiam a sua devoção.

A exposição foi muito visitada e filmada para a TV.

Os Jogos Florais da Emissora Nacional

Os poetas e prosadores portugueses que quiserem concorrer aos Jogos Florais da Emissora Nacional, deverão, até ao dia 10 de Maio, entregar os seus originais dentro de um sobrecrito que, por sua vez, conterá um outro sobrecrito lacrado com o verdadeiro nome e morada do autor.

Só serão abertos os sobrecritos lacrados correspondentes aos trabalhos classificados. Os originais em verso não deverão exceder 3 páginas em papel vulgar de máquina.

Poderão ser apresentados os seguintes tipos de trabalho: em prosa, a) teatro radiofónico com a duração de 20 a 40 minutos; b) palestra radiofónica com a duração de 8 a 10 minutos; c) diálogo humorístico, com a duração de 10 minutos; d) monografia de uma freguesia (Ultramamar ou Metrópole), com extensão máxima de 50 páginas; e) conto relativo a experiência militar, reservado a quem tenha desde 1961 servido campanha na Guiné, Angola ou Moçambique, com a extensão de 10 páginas.

Em verso, a) poesia heróica; b) poesia lírica; c) quadra popular; d) poesia alusiva ao Algarve.

Ao melhor soneto em qualquer das sínteses a), b) e c) será atribuído prémio especial.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua dedicatória utilize os combates eléctricos.

ora diga-nos...

— Gosta de estudar ao ar livre?

Os exames aproximam-se. O estudo intensifica-se. Os cafés, certas cafés, estão cheios de estudantes. Mas há outros que não gostam dos cafés. E passeiam ao ar livre, em jardins, parques e esplanadas. E nos parques e ao ar livre. Para estudar...



● Afirmou-nos a seguir o sr. Vitor Arlindo Marques Ricardo:

— Sem duvida nenhuma que sim, é bastante bom. Porque aprecio muito este ambiente. Uma vez vou para jardins publicos, outras para parques. É claro que muitas vezes há coisas que nos distraem. Olhe, as pequenas, por exemplo. Mas, no fundo, são apenas uma pausa. Depois, o trabalho ao ar livre rende muito mais.

● Respondeu em primeiro lugar a nossa pergunta de hoje o sr. Vitor Fernando da Silva Almeida, que nos disse:

— Sim. Gosto de estudar ao ar livre. Porque? Porque aprecio a tranquilidade, o sossego, e... o ar livre. Parece que me ajuda a concentrar, a fixar melhor aquilo que tenho de estudar. Sem duvida que gosto de estudar ao ar livre. E é pena que outros não experimentem. Há coisa melhor que este sol?



● Por ultimo disse-nos o sr. Destino Fernandes:

— Sim senhor. Gosto muito de estudar ao ar livre. É um prazer fazê-lo entre árvores, com pássaros, por vezes, a chilrear e crianças a brincar. De manhã bem cedinho uma pessoa a estudar ao ar livre é das melhores coisas que pode suceder. Gosto muito de estudar ao ar livre, pronto!

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 17 — (A. N. I. e L.) — É o segundo e o terceiro boletim informativo das Forças Armadas da Guiné relativo ao período de 7 a 13.

«Durante o período, o inimigo flagelou as esquadras de Buba, Fula-cunda, Quêje, Canjambari, Cameconde, Cacine, Nhalá Cabucu, Manpá e Encheia e implantou engenhos explosivos na estrada de Buba-Aldeia Formosa, na região de Saredibane. Buba, estrada Piche-Ponta Cakm, na região de Sorkmone, Bissora, na estrada Tite-lumag e ponte sobre o rio Pulom Xitole e na região de Bissum armou emboscadas às nossas tropas na região de Outa e Dandomandinga (Farim).

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu, na região de Bissá — Semadecima — Tita — dois mortos, dois capturados e a apreensão de documentos diversos; na estrada de Bula-Binar, um morto e a apreensão de material diverso; na região de Sanaanto, a apreensão de documentos diversos; na região de Burne (Teixeira).

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu, na região de Bissá — Semadecima — Tita — dois mortos, dois capturados e a apreensão de documentos diversos; na estrada de Bula-Binar, um morto e a apreensão de material diverso; na região de Sanaanto, a apreensão de documentos diversos; na região de Burne (Teixeira).

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu, na região de Bissá — Semadecima — Tita — dois mortos, dois capturados e a apreensão de documentos diversos; na estrada de Bula-Binar, um morto e a apreensão de material diverso; na região de Sanaanto, a apreensão de documentos diversos; na região de Burne (Teixeira).

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu, na região de Bissá — Semadecima — Tita — dois mortos, dois capturados e a apreensão de documentos diversos; na estrada de Bula-Binar, um morto e a apreensão de material diverso; na região de Sanaanto, a apreensão de documentos diversos; na região de Burne (Teixeira).

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu, na região de Bissá — Semadecima — Tita — dois mortos, dois capturados e a apreensão de documentos diversos; na estrada de Bula-Binar, um morto e a apreensão de material diverso; na região de Sanaanto, a apreensão de documentos diversos; na região de Burne (Teixeira).

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu, na região de Bissá — Semadecima — Tita — dois mortos, dois capturados e a apreensão de documentos diversos; na estrada de Bula-Binar, um morto e a apreensão de material diverso; na região de Sanaanto, a apreensão de documentos diversos; na região de Burne (Teixeira).

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu, na região de Bissá — Semadecima — Tita — dois mortos, dois capturados e a apreensão de documentos diversos; na estrada de Bula-Binar, um morto e a apreensão de material diverso; na região de Sanaanto, a apreensão de documentos diversos; na região de Burne (Teixeira).

Em Angola há 67 anos visita a Metrópole pela segunda vez

OLIVEIRA DO BAIRRO, 16 — Está a ser preparada, nesta vila, uma recepção ao sr. José Duarte Teixeira que tem 85 anos e há 67 vive em Angola.

O sr. José Duarte Teixeira, natural desta freguesia foi agora distinguido com o prémio Governador-Geral de Angola. Colono dos mais antigos desta província, fundou, em 1913, a vila de Bela Vista, no distrito de Huambo. Há anos, foi condecorado com a comenda de Mérito Agrícola e com o grau de cavaleiro da Ordem do Império.

Durante a sua longa estadia em Angola é esta a sua segunda visita à Metrópole.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou canho de aço de absoluta necessidade em prazos protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha Rua Nova do Almada, 64 LISBOA

O seu capital pode ser ainda mais rentável

Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital. Apartamentos desde 230 a 990 contos.

Informações:
Lisboa—Av. Duque de Louís, 69-A, Telef. 51748 e 54478
Algarve—Hotel Golfinho
Praia de D. Ana, Telef. 302, Lagos
Praia de Alvor
Telef. 1324 e 428 de Portimão



VIVER ATÉ UM DIA...

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 30 anos de progresso. O **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO** marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... Já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA** a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar exclusivamente para si **UM NOVO SEGURO DE VIDA** adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o **COUPÃO** (abaixo). Receberá, completamente **GRÁTIS** e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**.

A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62—Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**.

NOME _____

ENDEREÇO _____

FAÇA SEU SERVIÇO



IMPÉRIO

a sua seguradora



Carlos Paredes e Fernando Alves foram à sede do Clube dos Publicitários para um agradável momento de convivência, de que damos esta imagem

AVENTURAS DE 2 RAPAZES NUM AUTOMÓVEL ROUBADO

ILHAVO, 17 — Pela calada da noite, passou em Cimo de Vila, lugar pacato, José Rocha Nunes Carlos, de 17 anos e viu à porta do comerciante local sr. João da Mata Vinte um automóvel estacionado. Sem carta, nem prática de condutor, entrou no carro, que estava aberto e pôto em marcha, de pesete, pelas Odeiras, Barra, Aveiro, Coutada, sofrendo neste lugar um prenho do qual se livrou a custo, seguindo, depois, para Ervinda onde arranjou um compenheiro, Silvário Marques Correia de 18 anos e lá foram para Vagos.

numa passeata nocturna. Aqui, porém, fêz-lhes gasolina, que meteram numa bomba daquela vila, entrando um com 5000 e outro com 4000, que era o que possuíam. A saída daquela vila, o carro avariou-se e então, com a ajuda duma trabalhadora meteram o veículo no caminho que segue para a Senhora de Vagos e desapareceram.

O dono do carro participou o caso à G. N. R., que conseguiu apenhar os dois aventureiros, os quais vão ser entregues ao tribunal.

A PROIECÇÃO INTERNACIONAL DO BANCO TOTTA-ALIANÇA

GENEVA, 17 — O Banco Totta-Alliança tornou-se accionista do Etablissement Financier de Placement, sociedade recentemente constituída em Genebra pela Chaterhouse Japhet and Thomasson Limited, que realizará operações financeiras quer no mercado do dinheiro a curto prazo, quer no mercado internacional de obrigações. Os outros accionistas são: The Standard Bank, Ltd., a firma F. Van Lanschot, o Banco Di Napoli e o Banco Alexandre de Saint-Phalle & Cie.

O Banco Totta-Alliança fará parte da administração desta sociedade suíça.

Necrologia

FALECIMENTOS

Felmina de Sousa Bizarro



Faleceu esta manhã, no Hospital de S. José, onde se encontrava internada, a sr.^a D. Felmina de Sousa Bizarro, de 60 anos, casada com o sr. Joaquim Bizarro, e mãe das sr.^{as} D. Natalina Bizarro, conhecida artista, D. Maria Helena Castelo Branco e D. Palmira Isabel Bizarro, e dos srs. José de Sousa Vilela, Joaquim Bizarro Junior e António Manuel de Sousa Bizarro. O seu funeral sairá amanhã, da Igreja de Arroios, a hora a determinar, para o cemitério do Alto de São João.

O «Diário de Lisboa» apresenta as suas sentidas condolências à família enlutada, em especial aos nossos compenheiros de trabalho srs. Joaquim Bizarro e Joaquim Bizarro Junior, subchefes do quadro tipográfico do nosso jornal, e a António Manuel de Sousa Bizarro, elemento do mesmo quadro.

D. Maria da Conceição Pinto Fernandes

Faleceu a sr.^a D. Maria da Conceição Pinto Fernandes, de 79 anos, viúva, natural de Caparica, concelho de Almada.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se

amanhã, às 16 horas, da Igreja de São Domingos de Beina para o cemitério local, após missa de corpo presente.

FUNERAIS

João Miguel Alves da Cunha e Silva

Para o cemitério do Alto de São João, seguiu esta tarde o funeral do sr. João Miguel Alves da Cunha e Silva, chefe de secção da Direcção-Geral de Cultura Popular e Espectáculos.

O extinto, natural de Lisboa, contava 53 anos e era casado com a sr.^a D. Maria de Lurdes Nunes Rocha da Cunha e Silva, também funcionária da Secretaria de Estado de Informação e Turismo e pai do estudante José Alberto Rocha da Cunha e Silva.

José António Lourenço

MARVÃO, 17 — Na povoação de Galegos, onde residia, realizou-se após missa de corpo presente, para o túmulo dos combatentes no cemitério local o funeral do sr. José António Lourenço, de 74 anos que, como 1.^o cabo do R. 1. 22, tomou parte na primeira Grande Guerra, em França. Era muito estimado por quantos o conheciam, e, por isso, o funeral teve grande acompanhamento incluindo a representação com o estandarte, da Liga dos Combatentes. Possuía a medalha de cobre, com legenda: «Exército Português — França 1917-18».

O sr. José António Lourenço era casado com a sr.^a D. Joaquina Mendes Lourenço e pai dos srs. João e Manuel e das sr.^{as} D. Francisca e D. Teresa e do sr. António Lourenço; e sogro das

sr.^{as} D. Gertrudes, D. Beatriz, D. Justa, D. Juliana e do sr. José Correia Garção. Deixa sete netos.

SUFRÁGIOS

Daniel Gregório Rosa Duque

Comemorando o 5.^o aniversário do falecimento do sr. Daniel Gregório Rosa Duque, que foi regente agrícola da Junta Nacional do Vinho, a sua família manda celebrar amanhã, às 19 e 15, missa de sufrágio na Igreja de São Nicolau.

Dr. António Pedro Galvão

Por iniciativa de sua família, é celebrada amanhã, às 12 e 45, na Basílica da Estrela, missa de sufrágio por alma do sr. dr. António Pedro Galvão que faleceu no passado dia 12.

O sr. dr. António Pedro Galvão tinha 42 anos, era natural de Coimbra e deixou viúva a sr.^a D. Anita Salles Lane Galvão.

Missa por alma da última rainha de Espanha

A Embaixada de Espanha comunica nos que, depois de amanhã, às 11 horas, será celebrada Missa de Requiem, na Igreja de São Roque, sufragando a alma de D. Victoria Eugénia, última rainha de Espanha.

A mesma Embaixada comunica que, nos salões da respectiva Chancelaria, à Rua do Saftre, 1, estará patente um livro de pêsames, durante hoje, amanhã e depois de amanhã.



A construção do Metropolitano entre Alcântara e os Caminhos de Ferro foi pedida na sessão do Município

O vereador Santos e Castro pediu esta manhã, na reunião mensal da Câmara Municipal de Lisboa, que fosse encetada a construção da projectada linha de metropolitano da Beira-Rio (Alcântara-Caminhos de Ferro), por forma a que os trabalhos começassem já no próximo ano.

O mesmo vereador acrescentou que este pedido envolve necessariamente a construção de outra correspondência para além da de Roma.

Presentes onze oradores no hemisfério, a reunião decorreu sob a presidência do general França Borges, tendo sido vice-presidentes António David e eng.º Segismundo de Saldanha.

Como primeiro tópico foi lida uma moção (mais tarde aprovada por unanimidade e com vários emendamentos dos vereadores) em que o Município se congratulava pelo significado da viagem do Chefe do Governo ao Ultramar, «sem escolta e rodeado por multidões». Sobre o mesmo assunto falou o vereador Pereira Bernardes.

«Certas pontes de captivismo»

A intervenção do eng.º Santos e Castro foi precedida de uma comunicação do presidente acerca do edital — assinado há dias — relativo à toponímia da cidade, pelo qual vieram a ser dados, a novos arruamentos, nomes, nomes como os de Irene Lisboa, Jaime Brasil e Artur Portela; e também pela informação de que o empréstimo ao Metropolitano de Lisboa foi totalmente coberto na parcela de 200 mil contos, com o maior interesse da população.

Usando então da palavra, aquele vereador começou por afirmar que a notícia do próximo alargamento da linha dos Anjos até Alvalade caíra muito bem.

— A cidade — disse — recebeu-a com manifesta satisfação.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

União de Tomar-Benfica

Domingo, 27 de Abril

A C. F. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um torneio especial de Lisboa a Tomar, e volta, no dia 27 de Abril, por ocasião do jogo de futebol União de Tomar-Benfica, ao grupo de 3000.

Horário:
Partida de Lisboa (Sant'Apollonia) 8-42 h.
Chegada a Tomar 10-45 h.
Partida de Tomar 19-35 h.
Chegada a Lisboa (Sant'Apollonia) 21-40 h.

Edição à venda na Secretaria do Sport Lisboa e Benfica e nas lojas de Lisboa (Romeu) e Lisboa (Sant'Apollonia).

ENGENHEIRO OU AGENTE TÉCNICO

(civil)

para trabalhar em projectos, Admissão Pública 1968 — Tomar

ção e justificada esperança, embora não se tenham apagado totalmente certas pontas de captivismo geradas por outras tentativas não concretizadas. Desta vez não seremos certamente desiludidos, e dentro de alguns dias parece que veremos iniciarem-se os trabalhos.

Para ele, no entanto, é necessário concretizar a anunciada linha da Beira-Rio, sem dúvida uma importante parcela deste empreendimento tão grande como necessário. Mas que se trabalhe sem perda de um minuto sequer, avisou.

— A história do tempo que se perdeu — são palavras suas — a partir do momento em que a construção do transporte urbano subterrâneo se deteve na estação dos Anjos, e sobretudo alguns factos que a ilustram, recomendam que se não corra o risco de nova paragem. Paralelamente, o agravamento total das dificuldades do trânsito é superfluo em cada dia transformam numa clamorosa necessidade o que, ainda ontem, seria apenas uma comodidade maior.

Museu Municipal da Vida Submarina

Des minutos bastaram para aprovar uma doação do Centro Português de Actividades Submarinas (ânforas,

conchas, plantas, fauna viva e instrumentos vários) ao Município, com vista à criação de um Museu da Vida Submarina. Da mesma penada os vereadores deram o seu consentimento à fundação desse museu.

Vai ficar instalado nas Janelas Verdes, e numa primeira fase constará da exposição de todos os objectos agora doados pelo C. P. A. S.

Peões e táxis

Peões e táxis ocuparam boa parte da reunião. Quanto aos primeiros, foi aprovada uma nova redacção do Regulamento Municipal de Trânsito (n.º 4.º do art.º 7.º, n.º 2.º do art.º 10.º e art.º 75.º), segundo a qual as travessias da faixa de rodagem deverão ser feitas obrigatoriamente pela direita das passagens para peões assinaladas no pavimento, em obediência aos sinais luminosos ou aos sinais de trânsito.

Quando não haja faixas, os peões atravessarão a rua rapidamente e junto dos cruzamentos ou entroncamentos.

Nas passagens de peões devidamente demarcadas (por traços de 4 a 6 metros de comprimento e 0,50 metros de largura), mas não comandadas por sinais luminosos nem sinais de trânsito, deve ser dada pelos automobilistas prioridade de passagem aos peões. Os automobilistas deverão reduzir a velocidade quando se aproximarem de faixas de passagem demarcadas

por traços com 0,20 metros de largura.

A esse respeito falou o vereador Santos Labisa, não para desaproveitar a proposta, mas para pôr em dúvida que estejam criadas as condições para possibilitar uma aplicação das novas disposições de trânsito sem um claro sacrifício de um grupo de intervenientes no problema que são os peões. É um problema de facto importante, e a solução agora escolhida poderá vir a ser reajustada, como admitiu o presidente do Município.

Entre outros assuntos tratados, veio à baila o parqueamento livre de táxis. Uma proposta concreta, aprovada em breves instantes, proíbe-o entre as 8 e as 24 horas, fora das praças, numa zona delimitada pela Avenida D. Carlos I, Rua de S. Bento, Largo do Rato, Ruas Alexandre Herculano e Braamcamp, Rotunda, Avenida Duque de Loulé, Rua Luciano Cordeiro, Alameda de Santo António dos Capuchos, Campo dos Mártires da Pátria, Rua de S. Lázaro, Largo Martim Moniz, Rua do Arco do Mercado do Alentejo, Pólo do Borratim, Ruas da Madalena e da Alameda, Terreiro do Paço, Ribeira das Naus, Cais do Sodré e Avenida 24 de Julho.

A terminar, o general França Borges informou que está marcada para o último dia do mês uma reunião extraordinária. Na agenda: conhecimento e aprovação do conta de 1968, relatório do mesmo exercício e orçamento suplementar.

O motorista do Porto que agrediu um viajante teria usado uma pistola de alarme

PORTO, 17 — A P. S. P. continua a procurar o motorista de táxi, José Freitas Guimarães, de 30 anos, casado, Rua da Areosa, que, de madrugada, após uma discussão por causa de um problema de trânsito, alvejou com três tiros de pistola, junto à Praça de D. João I, o viajante sr. Fernando Ribeiro da Costa, de 38, casado, Rua do Amparo, 88-A, 3.º que seguia em sentido contrário, ao volante do seu automóvel e teve de ir ao Hospital de Santo António receber tratamento, pois ficou ferido na cabeça, junto de uma orelha.

Pessoas que assistiram à lamentável ocorrência embora um tanto ou quanto longe, e que acorreram logo após o acto do motorista, o qual primeiramente, puxou de uma navalha para agredir o viajante, têm a impres-

são de que a arma de fogo que ele sacara, depois, era uma pistola de alarme... De facto, dizem que o motorista disparou os três tiros com a arma mesmo encostada à cabeça do agredido, e que o ferimento teria sido provocado por haver o agressor batido junto à orelha. A Polícia, entretanto, investiga.

Série de cinco lições pelo prof. Fritz Mattick na Faculdade de Ciências

No anfiteatro de Botânica da Faculdade de Ciências de Lisboa, começou esta manhã o anunciado curso de cinco lições sobre «Formas de crescimento das plantas como fundamento das unidades de vegetação», regido pelo prof. dr. Fritz Mattick, da Universidade Livre de Berlim.

Estas lições são dadas às quintas (das 10 às 11 horas) e às sextas-feiras (das 17 às 18 horas).

O prof. dr. Fritz Mattick deslocou-se a Portugal a convite do Instituto Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

A assistência no curso (que é em português) é livre.



BANCO DO ALENTEJO

1875

SEDE EM ÉVORA

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1968

A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 28 DE ABRIL ESTARÁ A PAGAMENTO NA SEDE, FILIAL DE LISBOA E AGÊNCIAS O DIVIDENDO DE 8% REFERENTE AO EXERCÍCIO DO ANO DE 1968.

ÉVORA, 15 DE ABRIL DE 1969.

ECOS

TRAVA-SE nos Estados Unidos uma tempestade pelo poder econômico. O ano de 1968 registou a maior vaga de concentração do poder econômico — segundo informações de próprios jornais econômicos estadunidenses — controlam já cerca de 60 por cento da produção industrial. Um porta-voz de Washington foi ao ponto de dizer: «Se não se puser sobre a mesa, em breve haverá apenas uns 40 centros de decisões na economia americana. Paradoxalmente, os conglomerados nasceram da legislação anti-truista. Eis que presentemente Richard Nixon brande os raios da lei anti-truista contra os conglomerados temporários que se formaram na indústria pública e privada. O presidente dos Estados Unidos procura salvar o papel de árbitro dos grandes negócios que tradicionalmente cabe à Casa Branca. Porém, um novo conceito entra assim em jogo: o da superconcentração. Talvez seja conveniente explicar que as fusões conglomeradas, do tipo de absorção dos filmes Pa-

ramount e de uma mina de zinco pela Gulf and Western, diferem das fusões horizontais (entre empresas do mesmo sector) e verticais (entre fornecedores e clientes). Nixon não podia, de facto, ignorar o perigo que eventualmente resultaria da quebra de um grande grupo, susceptível de arrastar na sua queda toda a economia americana. Nos Estados Unidos a conta com a inflação e onde o aluguer do dinheiro não pára de crescer. Nixon tem de enfrentar, pelo menos, desde já, o grave problema da especulação.

A participação é a palavra do dia. do momento. É provável que o próprio general de Gaulle, após a revolução de Maio, haja sentido a sua importância histórica. Teria mesmo, porventura, reconstruído as suas amplas interrogações filosóficas de há vinte anos sobre o lugar do homem nos mecanismos da produção, em suma, aquilo que Servan-Schreiber capitula de resposta francesa à nossa época.

Artur Portela tem agora o seu nome numa praça de Lisboa

Acreditamos que seria um acto de justiça a Câmara Municipal homenagear, em nome da cidade, a memória de Artur Portela, apalcoado e vibrante cronista de Lisboa, ao celebrar-se, com festas e expressivas cerimónias evocadoras, o 10.º aniversário da sua morte.

Grande jornalista, cronista fulgurante e emotivo, esportivo com um punhado de fúria que dão a medida de um admirável talento e da sensibilidade de um artista requintado, ele, repórter extraordinário que entregou a sua existência a fascinante, observante, tritador de aventura do jornalismo, foi um dos enamorados de Lisboa e as suas reportagens em rajadas de emoção descreveram dramas e dores anónimas e heróicas ou em rutilantes exaltações em comovidas cenas de simpatia humana glorificando a cidade dos humildes, dos pobres e das figuras eternas da epopeia do trabalho.

Evocamos, então, o amigo e companheiro, figura pro-

eminente na cidade dos que com garra e talento estudam e ouzarda juventude, acompanhando Joaquim Manoel, o inolvidável fundador do «Diário de Lisboa», de um prestígio e a projecção a este jornal arguendo-o a posição que ocupa na imprensa portuguesa. E recordando o extraordinário biógrafo da urbe e azeite de gratidão desta para com tantos dos que a glorificam sugerimos a homenagem a Artur Portela, perpetuando-lhe a cidade o nome na sua toponímia. O nome alvíssimo teve desde logo, o apoio de figuras de relevo no panorama intelectual, as quais firmaram uma petição à Câmara Municipal. Desde logo, também, o ilustre presidente da edilidade sr. general França Borges — grande defensor dos valores intelectuais e artísticos da cidade, que muitos serviços lhe deve — se interessou pela sugestão; e assim, de acordo com a competência que lhe é atribuída pelo Código Administrativo e graças à sua valiosa influência, o burgo paga a dívida de gratidão para com um dos seus maiores cronistas.

A Praça da Quinta do



Bruto, a Estrada do Poço do Chão, será, pela denominação Praça Artur Portela — escritor e jornalista (1901-1958).

É uma praça moderna e agradável, que se situa perto da rua à qual a cidade agradece a vida do nome do Dr. Joaquim Manoel, fundador e primeiro director do «Diário de Lisboa».

NUNCA COMO HOJE SE ESPEROU TANTO DOS MESTRES E DOS ESTUDANTES

— DISSE O MINISTRO DA EDUCAÇÃO NO ACTO INAUGURAL DO EDIFÍCIO DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA A QUE PRESIDIU O CHEFE DO ESTADO

COIMBRA, 17 — Com a presença de sr. Presidente da República, foi hoje solenemente inaugurado o edifício da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra. Por esse motivo, a Praça de D. Dinis, onde se ergue o novo edifício, como a antiga Rua Larga, encontravam-se, esta manhã, e a cuspida de Matemática, membros do Senado Universitário e secretário. Quando o ministro

da Educação Nacional deu entrada no pátio, os sinos repicaram.

A 11 horas o sr. almirante Américo Thomas, acompanhado do chefe da sua Casa Militar, general Humberto Pais, e do ajudante de campo, comandante Benedito da Fonseca, chegou à Praça de D. Dinis, num automóvel precedido por batelões da P. T. Na antiga Rua Larga encontravam-se a guarda de honra, constituída por uma companhia a três pelotões, composta por elementos do R. A. L. 2 e C. I. C. A. 4, com bandeira, fanfara e banda de música do R. L. 15, de Tomar, sob o comando do sr. major Rosa Carvalhal.

O sr. Presidente da República, depois de saudar a bandeira nacional, passou revista à guarda de honra e subiu a um estrado, onde assistiu ao desfile em continência pela guarda de honra.

Após esta cerimónia, o Chefe do Estado dirigiu-se para o Paço das Escuelas, onde era aguardado pelas entidades acima referidas. A sua entrada no Pátio, os

sinos repicaram, e foi logo o pavilhão presidencial, no mastro da torre.

Thomas subiu para as salas da reitoria, onde recebeu os cumprimentos.

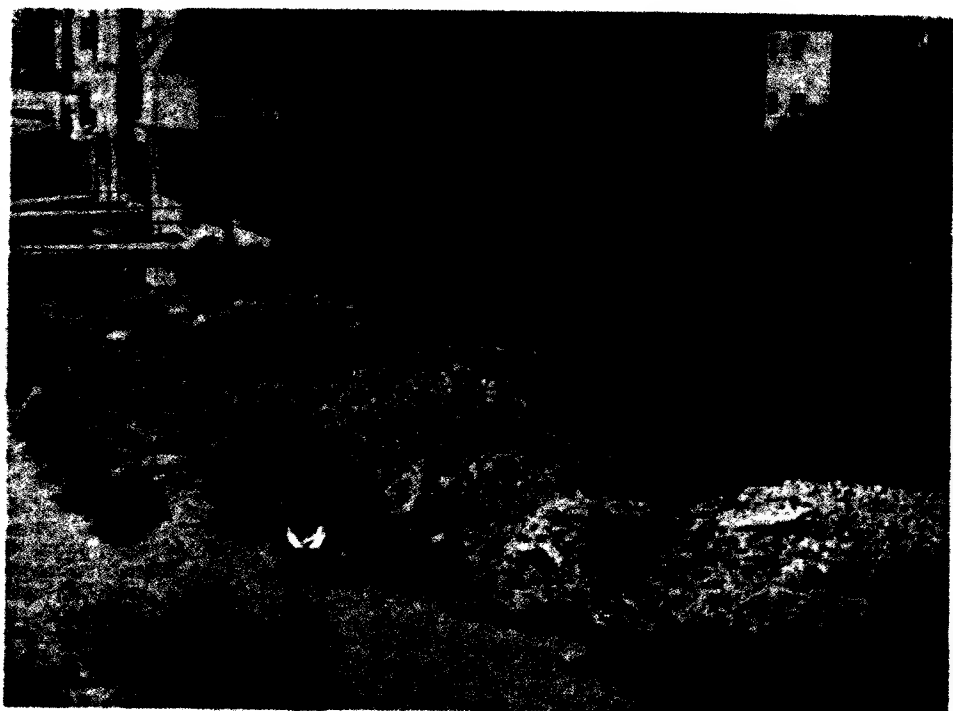
Entretanto, foram chegando ao novo edifício da

seção de Matemática muitas personalidades, entre as quais os srs. dr. Armando Rocha, director-geral da Educação Física e Desportos, eng.º Horácio de Moura, governador civil de Coimbra; eng.º Araújo Vieira, presidente da Câmara Mu-

nicipal de Coimbra; general Viçosa de Carvalho, comandante da II Região Militar; eng.º Abreu Faro, presidente do Instituto de Alta Cultura; prof. dr. Benedito de Carvalho, reitor da Universidade Técnica de Lisboa; padre dr. José Bicalho, vice-reitor da Universidade Católica; prof. dr. Karth Jakobson, vice-reitor da Universidade Clássica de Lisboa; e eng.º Raul Mesquita de Lima, presidente do Conselho Superior das Obras Públicas.

(Continua na 21.ª página)

Será isto uma zona urbanizada?



A gravura documenta o estado actual de uma moderna zona residencial de Paço de Arcos. Lamentável estado, como se pode ver: montes de entulho, cardos e urtigas, em vez de pavimentos e passeios. Esta zona urbanizada, onde os carros se movem a toda a velocidade, designada Avenida Saneamento das Navagantes. As casas novas estão lá, mas implantadas no meio de lixo, silvas, pedras e detritos de toda a ordem. Quando é que a Câmara de Oeiras se dispõe a completar (ou começar?) a urbanização desta zona residencial, onde há uma avenida por acabar e um templo a inaugurar em breve?

PARTOS FELIZES NO «ZOO» — UM CAMELO, TRÊS PUMAS E UM LEOPARDO

O Jardim Zoológico tem novos bebés: um camelo (que mais parece um carneiro), três pumas

(«Otta galethae» — dizia um parrot) e um leopardo (já com amarelos de fúria).

A camela mãe, muito pacífica no sol da manhã, não estranhou o flash do repórter fotográfico.

Visita às instalações do Banco

Totta-Alliança

Os alunos da Escola Industrial e Comercial do Montijo, acompanhados por alguns dos seus professores, visitaram as instalações da sede do Banco Totta-Alliança.

Após uma pequena palestra sobre a Banca, aquelas estudantes percorreram os departamentos de

Levantou-se, veio até à rede e disse-nos: — Chamo-me Zaida. Já conheço quase todos os habitantes. São pessoas muito curiosas...

— Correu bem o parto, correu... — Foi assistida por um veterinário. Correu tudo bem, muito obrigado. Zaida chamou o filho para as apresentações:

— Aqui tem o rebento — disse. — Ainda não tem nome. Tem de ser um nome árabe, sabe? Talvez Omar...

Os pumas recém-nascidos pararam-se muito mal perante a objectiva.

As pumas recém-nascidas pararam-se muito mal perante a objectiva.

Quando o tratador apareceu com o leopardo há pouco tempo nascido seguiu pela cauda, a fim de se deparar com o pequeno animal.

Quando o tratador apareceu com o leopardo há pouco tempo nascido seguiu pela cauda, a fim de se deparar com o pequeno animal.

Recordemos primeiro os factos. Em Março passado, o navegador francês Mottessier, é frente numa volta ao Mundo em veleiro organizado pelo «Sunday Times», abandonou a pruma e, desistindo de atingir Plymouth, tomou a direcção oposta, seguindo para o Pacífico e bordo do «Joshua». Próximo do Cabo — o Cabo da Boa Esperança — o navegador solitário lançou sobre a cobertura de uma vedeta que o cruzara uma curta carta redigida em inglês, anunciando que, em vez de se dirigir para a Europa pelo cabo Horn, preferia prosseguir a rota em direcção da Ilha de Pádua, via Lencuini, na Austrália. Deito modo o provável vencedor de uma regata de circum-navegação renunciava ao troféu que o esperava na Grã-Bretanha e preferia tomar um rumo bastante diverso daquele que a competição previa.

A mulher de Mottessier, depois de passada a surpresa inicial, afirmou compreender perfeitamente a decisão do marido. Também ela percorreria uma vez 14.000 milhas de Tahiti a Alicante pelo cabo Horn, a bordo do mesmo «Joshua».

Eis, portanto, os factos, na sua nudez quase telegráfica, tal como as agências noticiosas os registaram e os jornais os difundiram, com maior ou menor relevo, consoante a urgência e os interesses que presidem à selecção dos factos diversos do planeta. Depois, como o nosso mundo é um espectáculo e como, no dizer de Beart, «il nous faut des miracles», logo as rotas que tritaram e inundaram o quotidiano de outros parangons, outras rotas, outras parangons. E Mottessier, solitário a bordo do «Joshua», prosseguia em direcção das ilhas e a sua rota já esquecida pelas multidões que devoram os vespertinos. De modo que, neste mesmo momento em que escrevo estas linhas, o «facto divers» daquela sábia decisão de mudança de rumo apodreca nos catóides de lizo da actualidade, ao lado de um avião roubado em voo, um crime

passional na procela, um tremor de terra na Turquia, uma batelha agreste no Oriente, um golpe de Estado que já nos parece tão antiquado como o caso de Lindbergh em Maio de 1927. Voltando a citar a canção de Guy Béart:

Tournez, tournez rotatives. Pour les âmes sensibles. Le monde est un spectacle. Il nous faut des miracles.

Mas os milagres hodiernos duram o tempo das rosas, fenecem dum dia para o outro. Milagres didácticos que servem apenas para distrair as almas sensíveis de que fala Beart, os «factos divers» têm uma vida fulgurante mas breve, morrem jovens como os deuses antigos, atravessam o céu do nosso quotidiano como meteoritos, ardem um momento, deixam nos jornais um rasto breve e logo se apagam. Vista de Sirius, toda a História universal é aliás «facto divers» também: as civilizações, os povos e as grandes épocas culturais duram um instante, erguem-se e fanam-se como flores duma só noite, deixam a superfície da Terra uma cicatriz tão tênue como a esteira aberta pelo veleiro «Joshua», o qual, desistindo de atingir Plymouth e sagrar-se vencedor da volta ao mundo, apontou a proa em direcção das ilhas do Pacífico. Vista de Canopus, a epopeia dum certo aventureiro corso que fez tremar a Europa durante uma década e de anos, derrubou troncos e convulsionou por algum tempo a carta política do Globo parece, afinal, tão fátil ou tão passageira como a mudança de rota do navegador Mottessier. Mas como vivemos no mundo sublimar e não numa esteira distante, tentemos erguer a aventura do «Joshua» à dignidade duma mini-epopeia, duma espécie de «Odisseia» de câmara.

Algures entre o Cabo da Boa Esperança e as ilhas Samoa, o tripulante solitário do «Joshua» talvez tenha redescoberto o azimute antigo beata solidão, sola beatitudo. Não já, claro, no sentido egotista, mesquinho e fraudulento do adágio, mas numa perspectiva nova, rica com efeito, ao dirigir-se para a Polinésia. Mottessier não sucumbiu apenas a tentação das ilhas encantadas, ao mito dum paraíso perdido onde os homens ainda são felizes e a natureza não foi poluída e ofendida pela vulgaridade do mundo industrial (detritos, publicidade, embalgens perdidas, destruição do «stocks» excedentários, expansão demográfica, paisagens fabris, florestas invadidas por rebanhos, de forçados dominados com uma telexevidência portatíl das costas, etc.). A seriedade que o fez mudar de rota chama-se Solidão. Sim, a boa solidão, a feita solidão, a saia beatitudinosa do adágio antigo. Mas não confundamos esta solidão aos grandes espaços oxigenados e perfumados dos mares do Sul com o mitozinho perverso cantado pelos poetas decadentes do século XIX, pelos epistolistas modernos ou pelos «desprezadores da turba».

A solidão a bordo dum veleiro rumo às ilhas do Pacífico é apenas homónima daquela que, no fundo, rot e entropice o nosso mundo mecânico, urbano, técnico, produtivo: a primeira é pureza, harmonia, frescura da madrugada, reencontro com a Natureza, inocência e plenitude; a segunda, a solidão da civilização industrial, não passa de azedume, desamparo no meio da multidão, no emprego, no metropolitano, em casa, na cidade. Solidão gregária: eis as nossas cidades. Olhemos as estatísticas do suicídio em França: de dez em dez minutos, um habitante deste país tenta suprimir-se. Não, amigo, não é na solidão imensa e plena do mar que o homem está só e abandonado aos demónios da violência e do ódio, mas nas ruas das nossas grandes urbes industrializadas, civilizadas, estrondosas, perfeitas. Amargas. Quem está só não é Mottessier no seu veleiro, somos nós, nos nossos autocarros e nos nossos combóios suburbanos.

Torre de Babel

por João Medina

AS ILHAS ENCANTADAS

Conta Infantil BANCO DO ALENTEJO

Guia

GARANTIA DE PROFISSÃO E COMPETÊNCIA

RUA S. DUARTE, 6-B (Edifício do Hotel Mundial)

MORADIAS Vende-se em Carvalhos e Paro. Trás. Tel. 539773 ou 771644

STEVE MCQUEEN

guia um FORD MUSTANG na perseguição mais alucinante do cinema!

veja "BULLITT" no S. Luiz, Alvalade e Eden.

E VEJA TODA A LINHA FORD NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

Ford à frente com Escort, Cortina, 12M, 15M, XL, 17M, 20M, Capri. (Todos tão excitantes como o Mustang)



Pasta Medicinal Couto PORQUE É MEDICINAL

Actualidade internacional

**JORNAL COMUNISTA
DE HONG-KONG
CRITICA A U. R. S. S.**

O CASO DO AVIÃO-ESPIÃO

NIXON PROCURA EVITAR NOVO CONFRONTO

HONG-KONG, 17 — (R.) — O porta-aviões americano «Kitty Hawk» e o contratorpedeiro «Black» partiram ontem do alvorecer de hoje para destino desconhecido. Um informador do consulado dos E. U. A. disse que outro contratorpedeiro, o «Frank Knox», partirá também de Hong-Kong ainda hoje para se juntar aos outros dois navios.

A apreensão partida dos barcos, que não deviam abandonar este porto senão em 22 de Abril, seguiu-se ao derrubamento na terça-feira pela Coreia do Norte de um avião de reconhecimento norte-americano, transportando 31 pessoas.

Encontram-se presente-mente no porto de Hong-Kong quatro outros navios de guerra americanos, além do «Frank Knox».

Entretanto, o jornal comunista em língua chinesa «Aia Kung Pao» condena hoje a União Soviética por auxiliar os Estados Unidos na busca para encontrar os destroços do avião desaparecido.

A U. R. S. S. tratou a Coreia do Norte e os seus próprios irmãos com tal acto — afirma o jornal.

WASHINGTON, 17 — (R.)

O presidente Nixon parecia hoje inclinado a evitar uma nova confrontação por causa do derrubamento, pela Coreia do Norte, de um avião de reconhecimento norte-americano, transportando 31 tripulantes, agora todos considerados virtualmente como mortos.

No meio de crescente indignação do público dos E. U. A. por causa do incidente, que se regista quase um ano depois do apressamento pela Coreia do Norte do navio de informações norte-americano «Pueblo», altos funcionários do Governo de Nixon continuavam a recusar-se a fazer comentários.

Anunciou-se que o pró-

prio Nixon estava a usar de extrema cautela ao tratar do caso e que se mostrava, também, ansioso em evitar uma nova confrontação com os comunistas. Observadores julgavam

RECOLHIDOS DOIS CORPOS

TOQUIO, 17 — (R.) — O Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão anunciou que o contratorpedeiro norte-americano «Henry W. Tucker» recolheu hoje no mar do Japão os corpos de dois homens com fardas de aviadores norte-americanos, mas sem coletes de salvação.

O «Tucker» é um dos dois navios de guerra dos E. U. A. que procuram os sobreviventes do avião de reconhecimento americano que se julgava ter caído ao largo da Coreia do Norte.

O «New York Times» aprova a serenidade do presidente

NOVA YORK, 17 — (F. P.) — O «New York Times» aprova hoje em editorial a calma evidenciada pelo presidente Nixon no caso do avião-espião abatido pelos norte-coreanos. O jornal compara esta atitude com a que prevaleceu nos Estados Unidos após o incidente do golfo do Tonkin ou na questão do «Pueblo» e acrescenta: «Esta nova maturidade que os americanos parecem mostrar em matéria de política estrangeira, sugere que os erros do passado serviram de lição. Uma grande potência, mesmo dotada de grande número de armas nucleares, deve usar sempre de infinitas precauções num mundo em que qualquer acção militar terá consequências de uma complexidade sem limites.

«Isto aplica-se particularmente às missões executadas pela misteriosa esquadra americana de navios e de aviões de reconhecimento. É já tempo que se explique a razão por que tais expedições, repletas de estratagemas, são consideradas necessárias, a ponto de no espaço de quinze meses os Estados Unidos terem gravemente comprometido por duas vezes o seu orgulho nacional. Qualquer que sejam as informações recolhidas por expedições como a do «Pueblo» ou do «EC 121», não sofrem comparação com o prejuízo causado por estes dois casos ao prestígio dos Estados Unidos no mundo.

que a moderação indicava como cada vez mais remota a possibilidade do presidente ordenar retaliação militar contra a Coreia do Norte, a qual afirmou que abatera o avião na terça-feira, após o aparelho violar o seu espaço aéreo.

O Pentágono comunicou que todas as provas disponíveis revelavam que o «EC-121» — um avião accionado a hélice, cheio de equipamento electrónico, que se desloca lentamente — fora abatido numa área do Mar do Japão, muito afastada de território comunista.

Entretanto, não se esperava que o presidente Nixon quebrasse o seu silêncio sobre o caso antes de amanhã, quando deve realizar uma conferência de imprensa, organizada antes da notícia do desaparecimento do avião ser recebida em Washington há dois dias.

Observadores notaram que a reacção cautelosa de Nixon estava em acentuado contraste com as críticas que fez durante a campanha eleitoral contra a forma como o ex-presidente Johnson tratou o incidente com o «Pueblo».

Observadores viram ainda na cooperação americana-soviética nas buscas como outro indício de que o presidente Nixon desejava evitar qualquer confronto.

A reacção entre congressistas era, porém, menos moderada. Alguns pediam uma resposta militar ou pelo menos uma quarentena económica contra a Coreia do Norte.

ESTUDO SOBRE VIOLENCIA NA TELEVISÃO

WASHINGTON, 17 — (R.) — O Governo norte-americano vai iniciar um estudo sobre a violência nos programas

EMITEM RAIOS «X» OS RECEPTORES DE TV A CORES

WASHINGTON, 17 — (A. N. I.) — O Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos aconselha os possuidores de aparelhos de televisão a cores a não se sentarem a menos de um metro e oitenta a três metros de distância do aparelho, para minimizar os efeitos potenciais da radiação.

Um estudo efectuado por aquele Serviço na comarca de Suffolk, Estado de Nova York, mostrou que cerca de 20 por cento dos 5000 aparelhos de televisão a cores submetidos ao teste emitiam raios «X» acima do nível considerado de segurança.

O TERMO DE UM PRIVILEGIO — «Os cardeais constituem o núcleo do papado romano, são os seus conselheiros principais e os seus cooperadores no governo da Igreja — diz o canon 230 do Código de Direito Canónico. Esta disposição legal permite compreender em que termos e porquê os Governos das principais nações católicas procuraram, e conseguiram, intervir na nomeação dos príncipes da Igreja. Pátria reflete presente deuses intervenções do passado, o privilégio, concedido aos chefes de Estado de Portugal, Espanha, França e Itália, de imporem a «chirota» aos novos cardeais criados nos seus países, extinguiu-se agora a pedido de Vaticano, nestas suas pós-conciliares. Na gravura, O almirante Américo Thomas recebe o breve cardinalício (o último que um Chefe de Estado português impôs) a monsenhor Maximiliano de Furstenberg, que foi núncio apostólico em Lisboa.

EMBAIXADA DA AUSTRÁLIA EM LISBOA

CANBERRA, 17 — (A. N. I.) — O Governo australiano decidiu estabelecer uma embaixada em Lisboa, nomeando como primeiro embaixador em Portugal o seu embaixador em França, A. P. Renouf, que ficará comulativamente acreditado nos dois países.

Portugal mantém uma embaixada em Canberra desde 1963.

Renouf continuará a residir em Paris, visitando Lisboa periodicamente. Durante a sua ausência, a embaixada será chefiada por um encarregado de Negócios.

O Papa convidado a visitar o Egipto

CAIRO, 17 — (R.) — O patriarca copta ortodoxo Kyriolos Sexto convidou o Papa Paulo VI a visitar o Egipto, segundo revela hoje o autorizado jornal «Al Ahram».

O jornal acrescenta que o patriarca pediu ao Santo Padre que visite o Cairo na sua viagem de ida ou na de regresso do Uganda em Junho próximo.

DOIS PAPAS VISITARAM JÁ A SUÍÇA

FRIBURG, 17 — (F. P.) — Nota-se nos meios católicos de Friburg que antes de Paulo VI já vieram à Suíça dois Papas, mas as suas viagens situam-se antes da Reforma. Trata-se de Gregório X, que ao regressar do concílio de Lyon foi consagrado na catedral de Lausana em 1275, e de Martinho V que visitou ou atravessou a Suíça por ocasião do concílio de Constança em 1418.

Também estiveram na Suíça dois antipapas: João XXIII, depois de ter sido deposto pelo concílio de Constança, e Félix V, duque Amadeu de Sabóia, que deixou a tiara na catedral de Lausana, em 1440 antes de se consagrar como papa ilegítimo.

O Papa Paulo VI veio muitas vezes à Suíça enquanto bispo. Além disso sobreviveu o país quando ia para Nova York, em 4 de Outubro de 1965.

ALTO DO DAFUNDO

Seus endereços com 3 e 6 concelhos, correspondência e paragem privativa. Vendas em 24 e 25 de Junho. Black, 24-25 e 26.

Três: FERNAN GALLEGOS

Av. 3 de Junho, 24-25 e 26. Tel. 43554

DECLARAÇÕES DO MINISTRO DA DEFESA NORTE-COREANO

(Continuação da 1.ª página)

A Agência Noticiosa Central norte-coreana (ANCN), escutada nesta capital, citou o general Choi como tendo feito essa declaração numa ordem e oficiais e soldados de 896.ª unidade do Exército do Povo Coreano, que abateu um avião de reconhecimento dos E. U. A., com trinta e um homens a bordo.

A A.N.C.N. disse ainda que o general agradecera à unidade por «abater com um só tiro» o avião que, afirmou, penetrara ilegalmente no espaço aéreo da Coreia do Norte.

Contudo, o ministro não revelou se o avião fora aba-

tido por missile terra-ar ou por um caça.

A A.N.C.N. citou ainda o general como dizendo: «O acto provocador de pirataria cometido desta vez pelos agressores imperialistas americanos é parte dos seus preparativos bélicos para começarem uma nova guerra na Coreia.

«Hoje, os imperialistas americanos estão a tornar-se mais frenéticos nos seus actos de provocação para outra guerra de agressão contra o povo coreano, numa tentativa para manter o seu Governo colonial na Coreia do Sul, que está a estremecer nos seus próprios alicerces.

«A situação continua a ser tensa e revela que poderá estalar uma nova guerra a qualquer momento devido às manobras agressivas dos imperialistas americanos.

O ministro da Defesa ordenou que a unidade esteja «firmemente preparada para esmagar o inimigo de um só golpe» — acrescentou a agência noticiosa.

O comunicado feito hoje pelo Ministério da Defesa foi o primeiro sobre o incidente a ser transmitido pelos meios noticiosos da Coreia do Norte, depois da notícia inicial dada na terça-feira, afirmando que o avião americano tinha sido abatido.

Não há notícia de terem sido recolhidos sobreviventes.

à venda nas livrarias

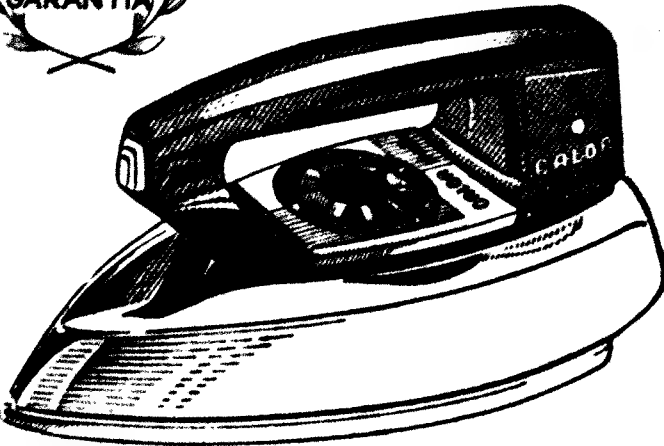
2.º volume
da ENCICLOPÉDIA
DA EMPRESA
MODERNA

Organização
Contabilística
e Financeira

EDITORIAL INOVA □ PORTO



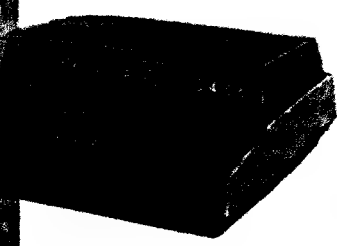
CALOR



Representantes:
IBEREX
AV. D. CARLOS I, 132 - LISBOA

SICOM 162

VERSÁTIL - PRÁTICA - EFICIENTE



CAPACIDADE DE 16 ALGARISMOS EM TODOS OS REGISTOS.
DUAS MEMÓRIAS OPERACIONAIS.
RAIZ QUADRADA.
ANTILOGARITMO COM O SINAL -.
OPERAÇÕES EM CADEIA.

PEQUENA - COMPACTA

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
Soc. de Rep. **SIDA-SUECA, Lda.**
RUA DE S. NICOLAU, TEL. 36 93 81 - LISBOA

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA S. A. R. L.

Sede: Rua do Bolhão, 72-3.º - PORTO
Delegação: Av. Infante Santo, 15-1.º - LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA PRODUÇÃO TÉRMICA DE ENERGIA ELÉCTRICA

- CENTRAL DA TAPADA DO OUTEIRO (GONDOMAR) - Em exploração
- CENTRAL DO CARREGADO 1.º e 2.º Grupos - Em exploração
- ESTUDIOS DA CENTRAL DE RIO MAIOR E DA PRIMEIRA CENTRAL NUCLEAR 3.º Grupo - Em construção

CAPITAL AUTORIZADO: 850 000 000\$00
CAPITAL REALIZADO: 720 000 000\$00

SERVIÇO DE ACÇÕES - PAGAMENTO DO DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1968

Informam-se os Senhores Accionistas de que estará a pagamento, a partir do dia 21 do corrente mês, o dividendo de Esc. 80\$00 por acção, correspondente ao exercício em referência, atribuído às acções n.º 1 a 600 000.

O valor líquido do dividendo a pagar por acção, depois de deduzidos os impostos legais, é de:

Acções ao portador	56835,6
Acções ao portador registadas	71346
Acções nominativas	70885,5
Acções averbadas a instituições de Previdência	79839,5

O pagamento deste dividendo será efectuado pelos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos, C. e Previdência Banco de Portugal Nacional Augustino, Reis & C. Banco de Agricultura Banco de Alentejo Banco Borges & Irmão Banco Espírito Santo e C. de Lisboa Banco Fernandes Magalhães	Banco Fomocosa & Barmay Banco Lisboa & Açores Banco Nacional Ultramarino Banco Pinto & Sotto Mayor Banco Português do Atlântico Banco Totta-Albuquerque Comp. Geral de Crédito Predial Português Crédit Franco-Portugais
---	---

Porto, 17 de Abril de 1969.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

VEJA AS NOVAS MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS RELAX



RELAX USE

EXTRAORDINÁRIA ACÇÃO DE LAVAGEM E SECAGEM

MODELOS DE 10 A 14 PROGRAMAS, E COM ECONOMIZADOR

a venda nas boas lojas

RAFAEL BORGES Lda

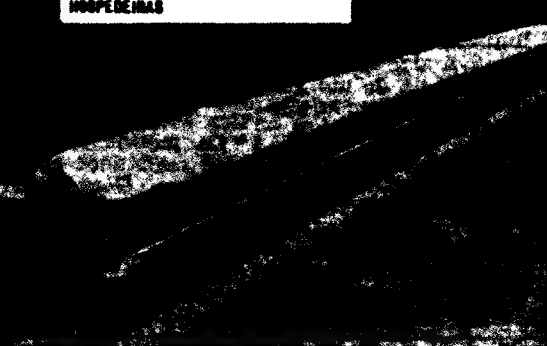
CAMISAS P/ MEDEIA HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39 (ao Saldanha)

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e confeitaria Sábios Paria, 18-A.

Madrid aguarda a sua visita O COMBOIO Lisboa-Expresso Tar

transporta-lo-á com rapidez e comodidade à encantadora capital espanhola

COMBOIOS RÁPIDO E MODERNO, COM AR CONDICIONADO E MÚSICA, SENDO OS PASSAGEIROS ASSISTIDOS POR GENTIS HOSPEDEIRAS



DURANTE OS MESES DE ABRIL E MAIO OS CAMINHOS DE FERRO TÊM O PRAZER DE LHE OFERECER O ALMOÇO DURANTE A VIAGEM

Preço de Lisboa a Madrid para uma viagem de simples ida:

1.ª CLASSE 437\$00	2.ª CLASSE 329\$50
------------------------------	------------------------------

CAMARA MUNICIPAL DE CASCAIS SECRETARIA

VENDA DE LOTES DE TERRENO NO CONCELHO DE CASCAIS

2 lotes para prédio de rendimento com 3 pisos, situado nas Fontainhas, Cascais. A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 10 do corrente mês, pelas 15 horas, na Sala das Sessões dos Paços do Concelho, serão vendidos em hasta pública os seguintes lotes de terreno para construção:

2 lotes no Bairro da Assunção, em Cascais, um com a área de 88 m², destinado à construção de um estabelecimento comercial, pelo preço base de licitação de 2500\$00 cada metro quadrado; e outro com 261 m², destinado a um prédio de rendimento com 3 pisos, pelo preço base de licitação de 2300\$00 cada metro quadrado; com as áreas de 108,5 m² e 163,5 m², pelo preço base de licitação de 2500\$00 cada metro quadrado;

1 lote de terreno para construção de um estabelecimento comercial, situado na Parede, junto ao Bairro da Providência, com a área de 178,04 m², pelo preço base de licitação de 3000\$00 cada metro quadrado;

2 lotes de terreno para construção de moradias isoladas, situados na Rua de Santa Joana, em Cascais, com as áreas de 322 m² e 333 m², pelo preço base de licitação de 3500\$00 cada metro quadrado;

3 lotes de terreno na Rua Dr. João de Barros, em Cascais, destinados a moradias isoladas, com as áreas de 482 m², 530 m² e 671 m², pelo preço base de licitação de 3000\$00 cada metro quadrado;

1 lote de terreno, situado no Bairro do Rosário, em Cascais, com a área de 450 m², destinado à construção de uma moradia isolada, pelo preço base de licitação de 3000\$00 cada metro quadrado.

400\$00 cada metro quadrado;

1 lote de terreno, destinado à construção de uma moradia, situado em Matos, Cheirinhos, freguesia de S. Domingos de Rana, com a área de 350 m², pelo preço base de licitação de 2000\$00 cada metro quadrado.

As condições de venda, anteprojectos e plantas de localização encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

Cascais.

O Presidente da Câmara,
António de Aguiar Coutinho
Eng.º Agrónomo

FORNECIMENTO DE VIATURAS

Concurso público n.º 30/69

No Serviço Central de Aquisições do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos - Av. 24 de Julho, Lisboa - onde se encontram patentes as condições do concurso, recebem-se propostas para o fornecimento em retribuição.

As propostas são abertas no dia 10 do próximo mês de Maio, pelas 15 horas, devendo fluir-se a sua entrega e a das correspondentes propostas até às 15.45 horas do dia em que se realizarem os actos.

Lisboa, 17 de Abril de 1969.

MISERICÓRDIA DE ALCOCHETE MÉDICO

Está aberto concurso documental, até ao dia 15 de Maio de 1969, para provimento de um lugar de médico de clínica geral para prestar serviços no Hospital desta Instituição.

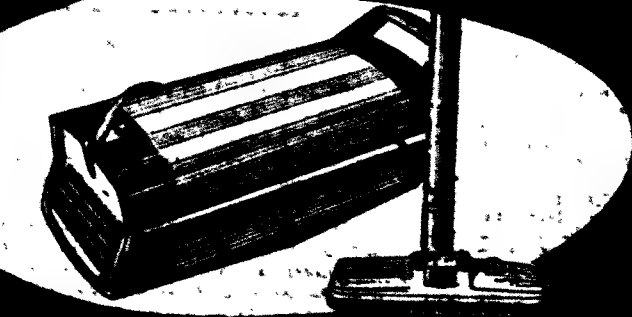
Na Secretaria da Misericórdia, de horas regulares de expediente, prestam-se as informações necessárias sobre as condições do concurso e de prestação dos serviços.

Alcochete, 15 de Abril de 1969.
O Provedor,
ANTÓNIO ANTUNES



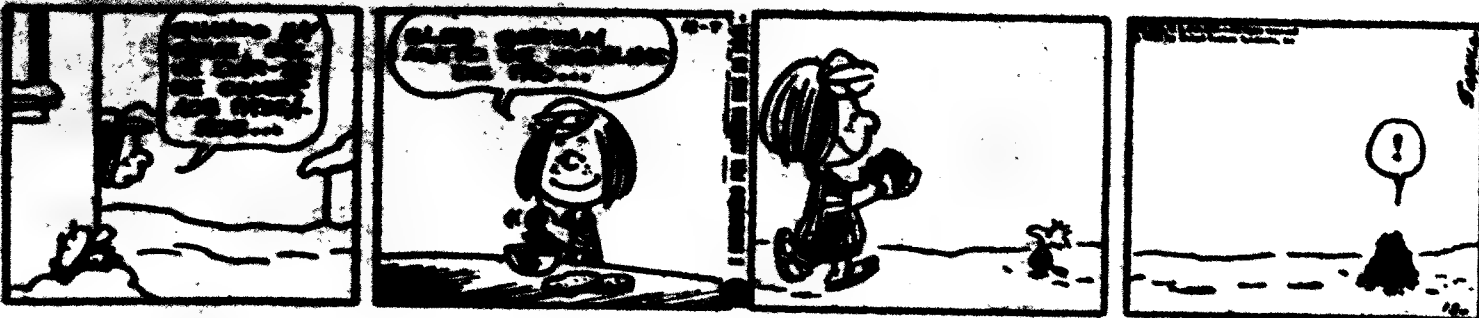
RUTON

CRIOU PARA SI



UM MUNDO DE CONFORTO E BEM-ESTAR

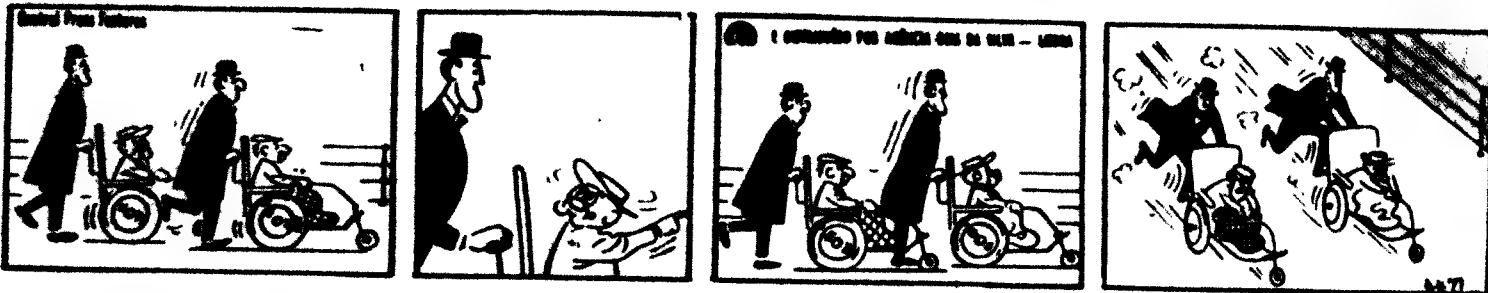
Os Passantes



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

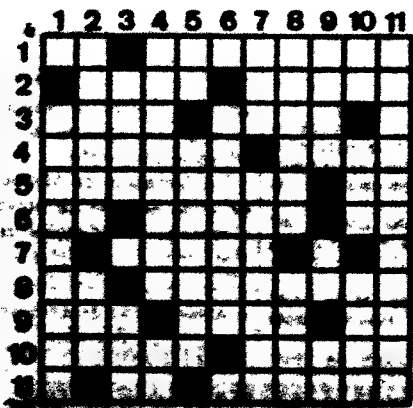
(COM ENIGMA)

PROBLEMA N.º 5150

HORIZONTAIS: 1 — Ande. Fim por terras de praias. 2 — Não violada. Barro do leito de uma embarcação. 3 — Uma das principais personagens de «Oteloo», de Shakespeare. Cada uma das extremidades do circuito de uma pilha elétrica. 4 — Refrear. Indignar. 5 — Passa por cima. 6 — Entre nós. Alhoes. Pertences. 7 — Almoço. 8 — Em a. Afastamento. 9 — Bico. Senhora Graça. 10 — Verbo. Abominar. 11 — Prefixo que designa privação. Empregaria.

VERTICAIS: 1 — Naturais de Itaca. 2 — Afasta. Proposição e artigo (pl.). 3 — Apertar molhos. Prende. 4 — Travejara. Prefixo de negação. 5 — Em doses iguais (abrev.). Adama. 6 — Exacta. 7 — Sufixo que designa diminuição. Interpretamos um escrito. 8 — Atribui como origem. Nascida. 9 — Grande orfeão. Antes de Cristo. Frequente. 10 — Partida. Decâmetro quadrado. Encolerizar. 11 — Distinguir-se.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo parágrafo, o PRO-VERBO nele faltante.

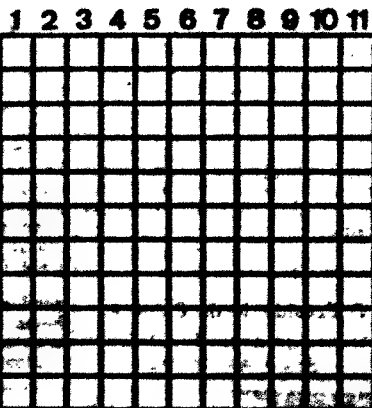


(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 5153

HORIZONTAIS: 1 — Posseção portuguesa no Asia. Nome de frutos. 2 — Encolerizar. Domestico. 3 — Machos adultos da palmeira doméstica. Que é do ar. 4 — Torno mestre. 5 — Tecerías. 6 — Viração. Preposição. 7 — A Irlanda. Tombas. 8 — Paisara no mar (o avião). 9 — Bocas das Direcções. 10 — Terra nova e arroteada de fresco. Introduza. 11 — Nome de flores. Unir por casamento.

VERTICAIS: 1 — Parte em migalhas. Joieira. 2 — Arara. O mesmo que três. Cincho. 3 — Guardar segredo. Estirpes. 4 — Perfume. Sacrifica. 5 — Períodos de sete dias seguidos (pl.). 6 — Apelido. 7 — Travar luta com. 8 — Estive unido por aderência. Perfume. 9 — Diadema. Pequenos barcos de recreio. 10 — Estima. Cate-drais. Prende. 11 — Ecoam. Empregar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA

HORIZONTAIS: 1 — Páris, França. 2 — Adão. 3 — Lã. 4 — Coa. Cruz. 5 — In. Tampa. Ta. 6 — Opa. 7 — Am. 8 — A. 9 — Uta. 10 — A. 11 — A. 12 — A. 13 — A. 14 — A. 15 — A. 16 — A. 17 — A. 18 — A. 19 — A. 20 — A. 21 — A. 22 — A. 23 — A. 24 — A. 25 — A. 26 — A. 27 — A. 28 — A. 29 — A. 30 — A. 31 — A. 32 — A. 33 — A. 34 — A. 35 — A. 36 — A. 37 — A. 38 — A. 39 — A. 40 — A. 41 — A. 42 — A. 43 — A. 44 — A. 45 — A. 46 — A. 47 — A. 48 — A. 49 — A. 50 — A. 51 — A. 52 — A. 53 — A. 54 — A. 55 — A. 56 — A. 57 — A. 58 — A. 59 — A. 60 — A. 61 — A. 62 — A. 63 — A. 64 — A. 65 — A. 66 — A. 67 — A. 68 — A. 69 — A. 70 — A. 71 — A. 72 — A. 73 — A. 74 — A. 75 — A. 76 — A. 77 — A. 78 — A. 79 — A. 80 — A. 81 — A. 82 — A. 83 — A. 84 — A. 85 — A. 86 — A. 87 — A. 88 — A. 89 — A. 90 — A. 91 — A. 92 — A. 93 — A. 94 — A. 95 — A. 96 — A. 97 — A. 98 — A. 99 — A. 100 — A. 101 — A. 102 — A. 103 — A. 104 — A. 105 — A. 106 — A. 107 — A. 108 — A. 109 — A. 110 — A. 111 — A. 112 — A. 113 — A. 114 — A. 115 — A. 116 — A. 117 — A. 118 — A. 119 — A. 120 — A. 121 — A. 122 — A. 123 — A. 124 — A. 125 — A. 126 — A. 127 — A. 128 — A. 129 — A. 130 — A. 131 — A. 132 — A. 133 — A. 134 — A. 135 — A. 136 — A. 137 — A. 138 — A. 139 — A. 140 — A. 141 — A. 142 — A. 143 — A. 144 — A. 145 — A. 146 — A. 147 — A. 148 — A. 149 — A. 150 — A. 151 — A. 152 — A. 153 — A. 154 — A. 155 — A. 156 — A. 157 — A. 158 — A. 159 — A. 160 — A. 161 — A. 162 — A. 163 — A. 164 — A. 165 — A. 166 — A. 167 — A. 168 — A. 169 — A. 170 — A. 171 — A. 172 — A. 173 — A. 174 — A. 175 — A. 176 — A. 177 — A. 178 — A. 179 — A. 180 — A. 181 — A. 182 — A. 183 — A. 184 — A. 185 — A. 186 — A. 187 — A. 188 — A. 189 — A. 190 — A. 191 — A. 192 — A. 193 — A. 194 — A. 195 — A. 196 — A. 197 — A. 198 — A. 199 — A. 200 — A. 201 — A. 202 — A. 203 — A. 204 — A. 205 — A. 206 — A. 207 — A. 208 — A. 209 — A. 210 — A. 211 — A. 212 — A. 213 — A. 214 — A. 215 — A. 216 — A. 217 — A. 218 — A. 219 — A. 220 — A. 221 — A. 222 — A. 223 — A. 224 — A. 225 — A. 226 — A. 227 — A. 228 — A. 229 — A. 230 — A. 231 — A. 232 — A. 233 — A. 234 — A. 235 — A. 236 — A. 237 — A. 238 — A. 239 — A. 240 — A. 241 — A. 242 — A. 243 — A. 244 — A. 245 — A. 246 — A. 247 — A. 248 — A. 249 — A. 250 — A. 251 — A. 252 — A. 253 — A. 254 — A. 255 — A. 256 — A. 257 — A. 258 — A. 259 — A. 260 — A. 261 — A. 262 — A. 263 — A. 264 — A. 265 — A. 266 — A. 267 — A. 268 — A. 269 — A. 270 — A. 271 — A. 272 — A. 273 — A. 274 — A. 275 — A. 276 — A. 277 — A. 278 — A. 279 — A. 280 — A. 281 — A. 282 — A. 283 — A. 284 — A. 285 — A. 286 — A. 287 — A. 288 — A. 289 — A. 290 — A. 291 — A. 292 — A. 293 — A. 294 — A. 295 — A. 296 — A. 297 — A. 298 — A. 299 — A. 300 — A. 301 — A. 302 — A. 303 — A. 304 — A. 305 — A. 306 — A. 307 — A. 308 — A. 309 — A. 310 — A. 311 — A. 312 — A. 313 — A. 314 — A. 315 — A. 316 — A. 317 — A. 318 — A. 319 — A. 320 — A. 321 — A. 322 — A. 323 — A. 324 — A. 325 — A. 326 — A. 327 — A. 328 — A. 329 — A. 330 — A. 331 — A. 332 — A. 333 — A. 334 — A. 335 — A. 336 — A. 337 — A. 338 — A. 339 — A. 340 — A. 341 — A. 342 — A. 343 — A. 344 — A. 345 — A. 346 — A. 347 — A. 348 — A. 349 — A. 350 — A. 351 — A. 352 — A. 353 — A. 354 — A. 355 — A. 356 — A. 357 — A. 358 — A. 359 — A. 360 — A. 361 — A. 362 — A. 363 — A. 364 — A. 365 — A. 366 — A. 367 — A. 368 — A. 369 — A. 370 — A. 371 — A. 372 — A. 373 — A. 374 — A. 375 — A. 376 — A. 377 — A. 378 — A. 379 — A. 380 — A. 381 — A. 382 — A. 383 — A. 384 — A. 385 — A. 386 — A. 387 — A. 388 — A. 389 — A. 390 — A. 391 — A. 392 — A. 393 — A. 394 — A. 395 — A. 396 — A. 397 — A. 398 — A. 399 — A. 400 — A. 401 — A. 402 — A. 403 — A. 404 — A. 405 — A. 406 — A. 407 — A. 408 — A. 409 — A. 410 — A. 411 — A. 412 — A. 413 — A. 414 — A. 415 — A. 416 — A. 417 — A. 418 — A. 419 — A. 420 — A. 421 — A. 422 — A. 423 — A. 424 — A. 425 — A. 426 — A. 427 — A. 428 — A. 429 — A. 430 — A. 431 — A. 432 — A. 433 — A. 434 — A. 435 — A. 436 — A. 437 — A. 438 — A. 439 — A. 440 — A. 441 — A. 442 — A. 443 — A. 444 — A. 445 — A. 446 — A. 447 — A. 448 — A. 449 — A. 450 — A. 451 — A. 452 — A. 453 — A. 454 — A. 455 — A. 456 — A. 457 — A. 458 — A. 459 — A. 460 — A. 461 — A. 462 — A. 463 — A. 464 — A. 465 — A. 466 — A. 467 — A. 468 — A. 469 — A. 470 — A. 471 — A. 472 — A. 473 — A. 474 — A. 475 — A. 476 — A. 477 — A. 478 — A. 479 — A. 480 — A. 481 — A. 482 — A. 483 — A. 484 — A. 485 — A. 486 — A. 487 — A. 488 — A. 489 — A. 490 — A. 491 — A. 492 — A. 493 — A. 494 — A. 495 — A. 496 — A. 497 — A. 498 — A. 499 — A. 500 — A. 501 — A. 502 — A. 503 — A. 504 — A. 505 — A. 506 — A. 507 — A. 508 — A. 509 — A. 510 — A. 511 — A. 512 — A. 513 — A. 514 — A. 515 — A. 516 — A. 517 — A. 518 — A. 519 — A. 520 — A. 521 — A. 522 — A. 523 — A. 524 — A. 525 — A. 526 — A. 527 — A. 528 — A. 529 — A. 530 — A. 531 — A. 532 — A. 533 — A. 534 — A. 535 — A. 536 — A. 537 — A. 538 — A. 539 — A. 540 — A. 541 — A. 542 — A. 543 — A. 544 — A. 545 — A. 546 — A. 547 — A. 548 — A. 549 — A. 550 — A. 551 — A. 552 — A. 553 — A. 554 — A. 555 — A. 556 — A. 557 — A. 558 — A. 559 — A. 560 — A. 561 — A. 562 — A. 563 — A. 564 — A. 565 — A. 566 — A. 567 — A. 568 — A. 569 — A. 570 — A. 571 — A. 572 — A. 573 — A. 574 — A. 575 — A. 576 — A. 577 — A. 578 — A. 579 — A. 580 — A. 581 — A. 582 — A. 583 — A. 584 — A. 585 — A. 586 — A. 587 — A. 588 — A. 589 — A. 590 — A. 591 — A. 592 — A. 593 — A. 594 — A. 595 — A. 596 — A. 597 — A. 598 — A. 599 — A. 600 — A. 601 — A. 602 — A. 603 — A. 604 — A. 605 — A. 606 — A. 607 — A. 608 — A. 609 — A. 610 — A. 611 — A. 612 — A. 613 — A. 614 — A. 615 — A. 616 — A. 617 — A. 618 — A. 619 — A. 620 — A. 621 — A. 622 — A. 623 — A. 624 — A. 625 — A. 626 — A. 627 — A. 628 — A. 629 — A. 630 — A. 631 — A. 632 — A. 633 — A. 634 — A. 635 — A. 636 — A. 637 — A. 638 — A. 639 — A. 640 — A. 641 — A. 642 — A. 643 — A. 644 — A. 645 — A. 646 — A. 647 — A. 648 — A. 649 — A. 650 — A. 651 — A. 652 — A. 653 — A. 654 — A. 655 — A. 656 — A. 657 — A. 658 — A. 659 — A. 660 — A. 661 — A. 662 — A. 663 — A. 664 — A. 665 — A. 666 — A. 667 — A. 668 — A. 669 — A. 670 — A. 671 — A. 672 — A. 673 — A. 674 — A. 675 — A. 676 — A. 677 — A. 678 — A. 679 — A. 680 — A. 681 — A. 682 — A. 683 — A. 684 — A. 685 — A. 686 — A. 687 — A. 688 — A. 689 — A. 690 — A. 691 — A. 692 — A. 693 — A. 694 — A. 695 — A. 696 — A. 697 — A. 698 — A. 699 — A. 700 — A. 701 — A. 702 — A. 703 — A. 704 — A. 705 — A. 706 — A. 707 — A. 708 — A. 709 — A. 710 — A. 711 — A. 712 — A. 713 — A. 714 — A. 715 — A. 716 — A. 717 — A. 718 — A. 719 — A. 720 — A. 721 — A. 722 — A. 723 — A. 724 — A. 725 — A. 726 — A. 727 — A. 728 — A. 729 — A. 730 — A. 731 — A. 732 — A. 733 — A. 734 — A. 735 — A. 736 — A. 737 — A. 738 — A. 739 — A. 740 — A. 741 — A. 742 — A. 743 — A. 744 — A. 745 — A. 746 — A. 747 — A. 748 — A. 749 — A. 750 — A. 751 — A. 752 — A. 753 — A. 754 — A. 755 — A. 756 — A. 757 — A. 758 — A. 759 — A. 760 — A. 761 — A. 762 — A. 763 — A. 764 — A. 765 — A. 766 — A. 767 — A. 768 — A. 769 — A. 770 — A. 771 — A. 772 — A. 773 — A. 774 — A. 775 — A. 776 — A. 777 — A. 778 — A. 779 — A. 780 — A. 781 — A. 782 — A. 783 — A. 784 — A. 785 — A. 786 — A. 787 — A. 788 — A. 789 — A. 790 — A. 791 — A. 792 — A. 793 — A. 794 — A. 795 — A. 796 — A. 797 — A. 798 — A. 799 — A. 800 — A. 801 — A. 802 — A. 803 — A. 804 — A. 805 — A. 806 — A. 807 — A. 808 — A. 809 — A. 810 — A. 811 — A. 812 — A. 813 — A. 814 — A. 815 — A. 816 — A. 817 — A. 818 — A. 819 — A. 820 — A. 821 — A. 822 — A. 823 — A. 824 — A. 825 — A. 826 — A. 827 — A. 828 — A. 829 — A. 830 — A. 831 — A. 832 — A. 833 — A. 834 — A. 835 — A. 836 — A. 837 — A. 838 — A. 839 — A. 840 — A. 841 — A. 842 — A. 843 — A. 844 — A. 845 — A. 846 — A. 847 — A. 848 — A. 849 — A. 850 — A. 851 — A. 852 — A. 853 — A. 854 — A. 855 — A. 856 — A. 857 — A. 858 — A. 859 — A. 860 — A. 861 — A. 862 — A. 863 — A. 864 — A. 865 — A. 866 — A. 867 — A. 868 — A. 869 — A. 870 — A. 871 — A. 872 — A. 873 — A. 874 — A. 875 — A. 876 — A. 877 — A. 878 — A. 879 — A. 880 — A. 881 — A. 882 — A. 883 — A. 884 — A. 885 — A. 886 — A. 887 — A. 888 — A. 889 — A. 890 — A. 891 — A. 892 — A. 893 — A. 894 — A. 895 — A. 896 — A. 897 — A. 898 — A. 899 — A. 900 — A. 901 — A. 902 — A. 903 — A. 904 — A. 905 — A. 906 — A. 907 — A. 908 — A. 909 — A. 910 — A. 911 — A. 912 — A. 913 — A. 914 — A. 915 — A. 916 — A. 917 — A. 918 — A. 919 — A. 920 — A. 921 — A. 922 — A. 923 — A. 924 — A. 925 — A. 926 — A. 927 — A. 928 — A. 929 — A. 930 — A. 931 — A. 932 — A. 933 — A. 934 — A. 935 — A. 936 — A. 937 — A. 938 — A. 939 — A. 940 — A. 941 — A. 942 — A. 943 — A. 944 — A. 945 — A. 946 — A. 947 — A. 948 — A. 949 — A. 950 — A. 951 — A. 952 — A. 953 — A. 954 — A. 955 — A. 956 — A. 957 — A. 958 — A. 959 — A. 960 — A. 961 — A. 962 — A. 963 — A. 964 — A. 965 — A. 966 — A. 967 — A. 968 — A. 969 — A. 970 — A. 971 — A. 972 — A. 973 — A. 974 — A. 975 — A. 976 — A. 977 — A. 978 — A. 979 — A. 980 — A. 981 — A. 982 — A. 983 — A. 984 — A. 985 — A. 986 — A. 987 — A. 988 — A. 989 — A. 990 — A. 991 — A. 992 — A. 993 — A. 994 — A. 995 — A. 996 — A. 997 — A. 998 — A. 999 — A. 1000 — A. 1001 — A. 1002 — A. 1003 — A. 1004 — A. 1005 — A. 1006 — A. 1007 — A. 1008 — A. 1009 — A. 1010 — A. 1011 — A. 1012 — A. 1013 — A. 1014 — A. 1015 — A. 1016 — A. 1017 — A. 1018 — A. 1019 — A. 1020 — A. 1021 — A. 1022 — A. 1023 — A. 1024 — A. 1025 — A. 1026 — A. 1027 — A. 1028 — A. 1029 — A. 1030 — A. 1031 — A. 1032 — A. 1033 — A. 1034 — A. 1035 — A. 1036 — A. 1037 — A. 1038 — A. 1039 — A. 1040 — A. 1041 — A. 1042 — A. 1043 — A. 1044 — A. 1045 — A. 1046 — A. 1047 — A. 1048 — A. 1049 — A. 1050 — A. 1051 — A. 1052 — A. 1053 — A. 1054 — A. 1055 — A. 1056 — A. 1057 — A. 1058 — A. 1059 — A. 1060 — A. 1061 — A. 1062 — A. 1063 — A. 1064 — A. 1065 — A. 1066 — A. 1067 — A. 1068 — A. 1069 — A. 1070 — A. 1071 — A. 1072 — A. 1073 — A. 1074 — A. 1075 — A. 1076 — A. 1077 — A. 1078 — A. 1079 — A. 1080 — A. 1081 — A. 1082 — A. 1083 — A. 1084 — A. 1085 — A. 1086 — A. 1087 — A. 1088 — A. 1089 — A. 1090 — A. 1091 — A. 1092 — A. 1093 — A. 1094 — A. 1095 — A. 1096 — A. 1097 — A. 1098 — A. 1099 — A. 1100 — A. 1101 — A. 1102 — A. 1103 — A. 1104 — A. 1105 — A. 1106 — A. 1107 — A. 1108 — A. 1109 — A. 1110 — A. 1111 — A. 1112 — A. 1113 — A. 1114 — A. 1115 — A. 1116 — A. 1117 — A. 1118 — A. 1119 — A. 1120 — A. 1121 — A. 1122 — A. 1123 — A. 1124 — A. 1125 — A. 1126 — A. 1127 — A. 1128 — A. 1129 — A. 1130 — A. 1131 — A. 1132 — A. 1133 — A. 1134 — A. 1135 — A. 1136 — A. 1137 — A. 1138 — A. 1139 — A. 1140 — A. 1141 — A. 1142 — A. 1143 — A. 1144 — A. 1145 — A. 1146 — A. 1147 — A. 1148 — A. 1149 — A. 1150 — A. 1151 — A. 1152 — A. 1153 — A. 1154 — A. 1155 — A. 1156 — A. 1157 — A. 1158 — A. 1159 — A. 1160 — A. 1161 — A. 1162 — A. 1163 — A. 1164 — A. 1165 — A. 1166 — A. 1167 — A. 1168 — A. 1169 — A. 1170 — A. 1171 — A. 1172 — A. 1173 — A. 1174 — A. 1175 — A. 1176 — A. 1177 — A. 1178 — A. 1179 — A. 1180 — A. 1181 — A. 1182 — A. 1183 — A. 1184 — A. 1185 — A. 1186 — A. 1187 — A. 1188 — A. 1189 — A. 1190 — A. 1191 — A. 1192 — A. 1193 — A. 1194 — A. 1195 — A. 1196 — A. 1197 — A. 1198 — A. 1199 — A. 1200 — A. 1201 — A. 1202 — A. 1203 — A. 1204 — A. 1205 — A. 1206 — A. 1207 — A. 1208 — A. 1209 — A. 1210 — A. 1211 — A. 1212 — A. 1213 — A. 1214 — A. 1215 — A. 1216 — A. 1217 — A. 1218 — A. 1219 — A. 1220 — A. 1221 — A. 1222 — A. 1223 — A. 1224 — A. 1225 — A. 1226 — A. 1227 — A. 1228 — A. 1229 — A. 1230 — A. 1231 — A. 1232 — A. 1233 — A. 1234 — A. 1235 — A. 1236 — A. 1237 — A. 1238 — A. 1239 — A. 1240 — A. 1241 — A. 1242 — A. 1243 — A. 1244 — A. 1245 — A. 1246 — A. 1247 — A. 1248 — A. 1249 — A. 1250 — A. 1251 — A. 1252 — A. 1253 — A. 1254 — A. 1255 — A. 1256 — A. 1257 — A. 1258 — A. 1259 — A. 1260 — A. 1261 — A. 1262 — A. 1263 — A. 1264 — A. 1265 — A. 1266 — A. 1267 — A. 1268 — A. 1269 — A. 1270 — A. 1271 — A. 1272 — A. 1273 — A. 1274 — A. 1275 — A. 1276 — A. 1277 — A. 1278 — A. 1279 — A. 1280 — A. 1281 — A. 1282 — A. 1283 — A. 1284 — A. 1285 — A. 1286 — A. 1287 — A. 1288 — A. 1289 — A. 1290 — A. 1291 — A. 1292 — A. 1293 — A. 1294 — A. 1295 — A. 1296 — A. 1297 — A. 1298 — A. 1299 — A. 1300 — A. 1301 — A. 1302 — A. 1303 — A. 1304 — A. 1305 — A. 1306 — A. 1307 — A. 1308 — A. 1309 — A. 1310 — A. 1311 — A. 1312 — A. 1313 — A. 1314 — A. 1315 — A. 1316 — A. 1317 — A. 1318 — A. 1319 — A. 1320 — A. 1321 — A. 1322 — A. 1323 — A. 1324 — A. 1325 — A. 1326 — A. 1327 — A. 1328 — A. 1329 — A. 1330 — A. 1331 — A. 1332 — A. 1333 — A. 1334 — A. 1335 — A. 1336 — A. 1337 — A. 1338 — A. 1339 — A. 1340 — A. 1341 — A. 1342 — A. 1343 — A. 1344 — A. 1345 — A. 1346 — A. 1347 — A. 1348 — A. 1349 — A. 1350 — A. 1351 — A. 1352 — A. 1353 — A. 1354 — A. 1355 — A. 1356 — A. 1357 — A. 1358 — A. 1359 — A. 1360 — A. 1361 — A. 1362 — A. 1363 — A. 1364 — A. 1365 — A. 1366 — A. 1367 — A. 1368 — A. 1369 — A. 1370 — A. 1371 — A. 1372 — A. 1373 — A. 1374 — A. 1375 — A. 1376 — A. 1377 — A. 1378 — A. 1379 — A. 1380 — A. 1381 — A. 1382 — A. 1383 — A. 1384 — A. 1385 — A. 1386 — A. 1387 — A. 1388 — A. 1389 — A. 1390 — A. 1391 — A. 1392 — A. 1393 — A. 1394 — A. 1395 — A. 1396 — A. 1397 — A. 1398 — A. 1399 — A. 1400 — A. 1401 — A. 1402 — A. 1403 — A. 1404 — A. 1405 — A. 1406 — A. 1407 — A. 1408 — A. 1409 — A. 1410 — A. 1411 — A. 1412 — A. 1413 — A. 1414 — A. 1415 — A. 1416 — A. 1417 — A. 1418 — A. 1419 — A. 1420 — A. 1421 — A. 1422 — A. 1423 — A. 1424 — A. 1425 — A. 1426 — A. 1427 — A. 1428 — A. 1429 — A. 1430 — A. 1431 — A. 1432 — A. 1433 — A. 1434 — A. 1435 — A. 1436 — A. 1437 — A. 1438 — A. 1439 — A. 1440 — A. 1441 — A. 1442 — A. 1443 — A. 1444 — A. 1445 — A. 1446 — A. 1447 — A. 1448 — A. 1449 — A. 1450 — A. 1451 — A. 1452 — A. 1453 — A. 1454 — A. 1455 — A. 1456 — A. 1457 — A. 1458 — A. 1459 — A. 1460 — A. 1461 — A. 1462 — A. 1463 — A. 1464 — A. 1465 — A. 1466 — A. 1467 — A. 1468 — A. 1469 — A. 1470 — A. 1471 — A. 1472 — A. 1473 — A. 1474 — A. 1475 — A. 1476 — A. 1477 — A. 1478 — A. 1479 — A. 1480 — A. 1481 — A. 1482 — A. 148

As festas da «Queima das Fitas»

Proseguem em meio de crescente entusiasmo as preparações das grandes festas académicas da «Queima das Fitas», de larga fama e projecção além-fronteiras, como as grandes festas dos estudantes de Portugal.

Verificando as organizações, de há tempo a esta parte, que se tem accentuado a necessidade de obrigar, de algum modo, as grandes quantias, que dependem com a propaganda das festas, a respectiva comissão, em apoio da Comissão Central, decidiu que, este ano, em face das necessidades ocorridas, haverá a contribuição com a quantia simbólica de 1800 no acto da queima de um cartaz e um selo. Assim, a distribuição dos cartazes e selos far-se-á como nos anos anteriores, mas contra a entrega da pequena contribuição referida, a qual não afectará ninguém e será boa ajuda para solução do problema económico resultante das encargos da propaganda.

DE COIMBRA

Comemorações do aniversário da «Real República Pagode Chinês»

No característico ambiente de ruidoso entusiasmo, com o espírito, a graça e a envolvente alegria dos estudantes, decorrerão depois de amanhã as entusiasmadas comemorações do XXIII milénio (23ª aniversário) da típica e afamada «Real República Pagode Chinês», uma das mais antigas residências colectivas de universitários que possibilitam, através da permanente convivência, intercâmbio de ideias e conhecimentos, propiciando uma valorização cultural.

Por esta prestigiosa «República», tão rica de tradi-

ções tem passado, além dos componentes, eminentes personalidades em visita a Coimbra, como, por exemplo, o famoso cirurgião prof. Barnard; e muitos dos seus antigos «repúblicanos» ocupam hoje elevados cargos.

Actualmente, fazem parte da «Real República Pagode Chinês» os estudantes: Paulo Borges da Arruda Moreira (Mandarin-mor), José Augusto Pinto da Silva, António José Frutuoso de Melo, Carlos Alberto Pinheiro Torres Martins da Rocha, Joaquim Maria Pessanha Alcorado Saldanha, Luís Ma-

nuel Miranda Pereira e ainda o «Bonsos (calouro)» Luís Filipe Fernandes Tavares.

O prof. Paulo Quintela tomou posse como catedrático

No seu gabinete, do Paço das Escolas, o reitor da Universidade conferiu ontem posse, no cargo de professor catedrático de Filologia Germanica da Faculdade de Letras, ao prof. Paulo Quintela.

O acto foi concorridíssimo, vindo-se não só o director interino da Faculdade de Letras, prof. Américo Ramalho, como professores assistentes universitários antigos componentes do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, muitas dezenas de alunos, amigos pessoais do empossado, funcionários superiores da Universidade e ainda alguns dos seus familiares.

Lido o auto de posse pelo primeiro oficial, sr. Vergílio Cordeiro de Melo, em substituição do secretário, foi depois assinado pelo reitor e pelo empossado e ainda por muitos dos presentes.

O reitor saudou o novo catedrático, referindo-se a o que tem sido a sua vida de professor e fez votos por que tenha as maiores prosperidades no exercício das suas novas funções. Por sua vez o prof. Paulo Quintela agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e a presença de todos os que lhe quiseram dar aquela prova de estima e consideração.

As autoridades procuram o principal responsável pela tentativa de rapto de uma rapariga em Chaves

CHAVES, 17 — As autoridades não conseguiram ainda localizar o engajador João Pinto Marques e um seu companheiro não identificado que, ontem, após uma tentativa frustrada de rapto de uma rapariga, na aldeia de Sobreira, em que ambos estão implicados, se puseram em fuga.

O caso de aspectos ineditos que alarmou a população daquela aldeia, a 15 quilómetros desta cidade, que depressa se pôs em pé de guerra.

A jovem, em questão, é Beatriz Fernandes, há pouco regressada de Espanha, para onde fugira na companhia do João Pinto Marques, residente em Jales, Vila Pouca de Aguiar, agora réu de um processo de emigração clandestina, pendente do Tribunal desta comarca.

A rapariga foi detida pelas autoridades espanholas, a pedido de seu pai, sendo depois julgada em Portugal e estando agora em liberdade sob fiança. O seu companheiro de aventuras não se conformou porém, e arquitetou um engenhoso plano de rapto, para voltar a tê-la junto de si. Para isso, contratou dois indivíduos (Alberto de Oliveira Augusto, de 24 anos, casado, morador em Vila Nova de Gaia e José Maria de Matos Teixeira, de 33 anos, casado, motorista natural de Telões, Vila Pouca de Aguiar, e residente em Lisboa) que, fazendo-se passar por policiais, foram a Sobreira, intimando a Beatriz Fernandes a acompanhá-los.

O aspecto canhestro dos falsos policiais denunciou-os, porém, e nem as ameaças feitas de pistola (de alarme) em punho conseguiram convencer a multidão que depois se juntou. Foram mais tarde

presos pela G. N. R. nesta cidade e confessaram que o João Pinto Marques os encartou, a troco de dinheiro, para raptares a rapariga.

O Pinto Marques e um seu companheiro que haviam ficado a espera próxima de Sobreira deviam ter fugido, quando se aperceberam que a demora dos «policiais» era demorada.

Complicações por causa de um acto na via pública

Esta madrugada, pelas 2 e 36, o sr. António Maria de Sousa Veissimmo, de 34 anos, solteiro, electricista, natural de Lisboa e residente na Rua Angelina Vidal, 26-2, satisfazia certa necessidade fisiológica, na via pública, na Av. Almirante Reis, quando ali passavam senhores. O guarda-nocturno sr. António Fernandes, em serviço na área, admoestou-o, mas ele não aceitou o reparo e atirou-se a ele, tendo-lhe passado uma rasteira e pretendendo desarmá-lo.

Então, com o «cassetete» e auxiliado por um guarda da P. S. P., o sr. Veissimmo foi conduzido à esquadra da área. Ali, tentou ainda agredir o guarda da P. S. P. e, depois, atirou-se contra as paredes, acabando por se ferir no rosto.

OCTOGENÁRIA AGREDIDA POR UM LARÁPIO

SETUBAL, 17 — Foi preso pela P. S. P., João Manuel da Silva, o «Nobru», de 22 anos, solteiro, trabalhador, residente nesta cidade, filho do Casal das Figueiras, autor de numerosos roubos, por meio de assalto, cujo valor excede mais de três dezenas de contos.

Os roubos foram cometidos na Avenida Manoel Torres, na Rua General Daniel de Sousa, na Praia de Albarquel, Alto das Necessidades, na fábrica Moyano (montagem de automóveis) e no Casal do Forno, sito na estrada da Roca. Neste último, além de ter roubado diversos objectos de ouro ainda agrediu a sr. D. Maria Gertrudes Guerreiro, de 81 anos, que por isso teve de ser hospitalizada.

Como muitos dos roubos foram praticados em locais confidados à G. N. R., o «Nobru» foi entregue ao comandante do respectivo quartel, que lhe instaurou o processo e enviou ao tribunal.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

A classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa reuniu esta tarde, sob a presidência do sr. prof. dr. Américo Pereira, foram apresentadas comunicações do sr. prof. dr. Elias Figueira.

Os trabalhos continham: «Influência da temperatura na produção de proteínas», do sr. prof. dr. Elias Figueira; «A influência da temperatura na produção de proteínas», do sr. prof. dr. Elias Figueira; «A influência da temperatura na produção de proteínas», do sr. prof. dr. Elias Figueira.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO				FUNDOS DE INVESTIMENTO			
	Estes	Compra	Venda		Estes	Compra	Venda
Cartão de 1/4%	5304	5273	5304	Cartão de 1/4%	14604	14554	14654
Cartão de 1/2%	5443	5443	5443	Cartão de 1/2%	5204	5204	5204
Cartão de 3/4%	6504	6504	6504	Cartão de 3/4%	1124	1104	1144
Cartão de 1%	10124	10124	10124	Cartão de 1%	3804	3804	3804
Cartão de 1 1/4%	10084	10084	10084	Cartão de 1 1/4%	9004	9004	9004
Cartão de 1 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 1 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 1 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 1 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 2%	8504	8504	8504	Cartão de 2%	11604	11604	11604
Cartão de 2 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 2 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 2 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 2 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 2 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 2 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 3%	8504	8504	8504	Cartão de 3%	11604	11604	11604
Cartão de 3 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 3 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 3 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 3 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 3 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 3 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 4%	8504	8504	8504	Cartão de 4%	11604	11604	11604
Cartão de 4 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 4 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 4 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 4 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 4 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 4 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 5%	8504	8504	8504	Cartão de 5%	11604	11604	11604
Cartão de 5 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 5 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 5 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 5 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 5 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 5 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 6%	8504	8504	8504	Cartão de 6%	11604	11604	11604
Cartão de 6 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 6 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 6 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 6 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 6 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 6 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 7%	8504	8504	8504	Cartão de 7%	11604	11604	11604
Cartão de 7 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 7 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 7 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 7 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 7 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 7 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 8%	8504	8504	8504	Cartão de 8%	11604	11604	11604
Cartão de 8 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 8 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 8 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 8 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 8 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 8 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 9%	8504	8504	8504	Cartão de 9%	11604	11604	11604
Cartão de 9 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 9 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 9 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 9 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 9 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 9 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 10%	8504	8504	8504	Cartão de 10%	11604	11604	11604
Cartão de 10 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 10 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 10 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 10 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 10 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 10 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 11%	8504	8504	8504	Cartão de 11%	11604	11604	11604
Cartão de 11 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 11 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 11 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 11 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 11 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 11 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 12%	8504	8504	8504	Cartão de 12%	11604	11604	11604
Cartão de 12 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 12 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 12 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 12 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 12 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 12 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 13%	8504	8504	8504	Cartão de 13%	11604	11604	11604
Cartão de 13 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 13 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 13 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 13 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 13 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 13 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 14%	8504	8504	8504	Cartão de 14%	11604	11604	11604
Cartão de 14 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 14 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 14 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 14 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 14 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 14 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 15%	8504	8504	8504	Cartão de 15%	11604	11604	11604
Cartão de 15 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 15 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 15 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 15 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 15 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 15 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 16%	8504	8504	8504	Cartão de 16%	11604	11604	11604
Cartão de 16 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 16 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 16 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 16 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 16 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 16 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 17%	8504	8504	8504	Cartão de 17%	11604	11604	11604
Cartão de 17 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 17 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 17 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 17 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 17 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 17 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 18%	8504	8504	8504	Cartão de 18%	11604	11604	11604
Cartão de 18 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 18 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 18 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 18 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 18 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 18 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 19%	8504	8504	8504	Cartão de 19%	11604	11604	11604
Cartão de 19 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 19 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 19 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 19 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 19 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 19 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 20%	8504	8504	8504	Cartão de 20%	11604	11604	11604
Cartão de 20 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 20 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 20 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 20 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 20 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 20 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 21%	8504	8504	8504	Cartão de 21%	11604	11604	11604
Cartão de 21 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 21 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 21 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 21 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 21 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 21 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 22%	8504	8504	8504	Cartão de 22%	11604	11604	11604
Cartão de 22 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 22 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 22 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 22 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 22 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 22 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 23%	8504	8504	8504	Cartão de 23%	11604	11604	11604
Cartão de 23 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 23 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 23 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 23 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 23 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 23 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 24%	8504	8504	8504	Cartão de 24%	11604	11604	11604
Cartão de 24 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 24 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 24 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 24 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 24 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 24 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 25%	8504	8504	8504	Cartão de 25%	11604	11604	11604
Cartão de 25 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 25 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 25 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 25 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 25 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 25 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 26%	8504	8504	8504	Cartão de 26%	11604	11604	11604
Cartão de 26 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 26 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 26 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 26 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 26 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 26 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 27%	8504	8504	8504	Cartão de 27%	11604	11604	11604
Cartão de 27 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 27 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 27 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 27 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 27 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 27 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 28%	8504	8504	8504	Cartão de 28%	11604	11604	11604
Cartão de 28 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 28 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 28 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 28 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 28 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 28 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 29%	8504	8504	8504	Cartão de 29%	11604	11604	11604
Cartão de 29 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 29 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 29 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 29 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 29 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 29 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 30%	8504	8504	8504	Cartão de 30%	11604	11604	11604
Cartão de 30 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 30 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 30 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 30 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 30 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 30 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 31%	8504	8504	8504	Cartão de 31%	11604	11604	11604
Cartão de 31 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 31 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 31 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 31 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 31 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 31 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 32%	8504	8504	8504	Cartão de 32%	11604	11604	11604
Cartão de 32 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 32 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 32 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 32 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 32 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 32 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 33%	8504	8504	8504	Cartão de 33%	11604	11604	11604
Cartão de 33 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 33 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 33 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 33 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 33 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 33 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 34%	8504	8504	8504	Cartão de 34%	11604	11604	11604
Cartão de 34 1/4%	8504	8504	8504	Cartão de 34 1/4%	11604	11604	11604
Cartão de 34 1/2%	8504	8504	8504	Cartão de 34 1/2%	11604	11604	11604
Cartão de 34 3/4%	8504	8504	8504	Cartão de 34 3/4%	11604	11604	11604
Cartão de 35%	8504</						

dia a dia

HOJE PODE VER...



AUDREY, a cançonista francesa que logo pelas 21 e 55, preencherá o «Estúdio C»

ESTÚDIO C: AUDREY ARNO

PELA VOZ de Pedro Montinho será apresentada a cançonista francesa Audrey Arno, cujo programa de Variedades da série «Estúdio C» foi gravado há relativamente pouco tempo, sendo Ruy Ferrão o realizador do mesmo.

Audrey Arno, que aparecerá nos pequenos «ecrãs» pelas 21 e 55, interpretará as seguintes canções:

«Nero», «Caroline est Symphonie», «Il passe dans mon cœur», «Tu as la touche», «Retour à Naples», «Lorsque ma joie s'enlève», «Printemps», «L'homme et la femme», «Ah! Quelle affaire», «Tu joues et tu sais si bien».

2.º PROGRAMA UNIVERSIDADE NA TV E PORTA 77

O PROGRAMA Regional será preenchido pela rubrica «Universidade na TV», com um documentário da série «O Mundo e os Homens»: «Os Caminhos de Santiago» e às 22 e 40, Roger Smith, Efrem Zimbalis Jr. e Edward Byrnes aparecerão nos pequenos «ecrãs» para a interpretação de mais um episódio da série policial «Porta 77».

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 30: Lanterna Mágica; 20 e 30: A criança perante a vida; 20 e 45: Vamos jogar no Taboleiro; 21: Parada da Indústria; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Variedades; 22 e 45: Reportagem da Exterior; 24: Telejornal e Fecho.
II Programa — As 2 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: Universidade na TV; 22 e 40: Série Policial; 23 e 30: Telejornal e Fecho.

— TELEVISORES (GRUNDIG)

AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa — Matemática Moderna, pelo dr. Almeida e Costa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 30: Aspectos de Lourenço Marques; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Nós, as Mulheres; 20 e 40: Sangue na Estrada; 21: Cartaz TV e Nós e o Público; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema — «Casanova Junior» (Givé e Givé Break); 23 e 35: Telejornal; Meditação e Fecho.
II Programa — As 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: Folhetim «Silva dos 3 Ulmeiros» (6.º episódio); (transmitido no I Programa em 10-11-68); 22 e 23: Culminária (no I Programa em 22-3-69); 22 e 50: Concerto.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES



— O anticiclone continua a centrar-se, teimosamente, a oeste dos Açores. Resultado: pode chover, pode fazer sol

canal da crítica

ESSA NOITE EM QUE TUDO FOI MODESTO...

A noite foi dedicada ao futebol que jogava mais uma partida internacional. Para entrar o futebol, saiu o teatro. Aceite-se, dado que os produtos enlatados podem esperar.

Suponho que será de boa norma generalizar-se o conceito de que os jogos de selecção portugueses, realizados no nosso País, devem transmitir-se. Quanto mais não seja para confirmar-se na prática o título de «equipa de nós todos».

No que respeita à exibição da equipa da Federação, os críticos do «Diário de Lisboa» vão escrever de sua justiça. No que respeita à exibição da equipa da Televisão, deve dizer-se que ela esteve ao mesmo nível...

Foi uma exibição perfeitamente notável. Ao jogo «unificado» dos jogadores portugueses, correspondem o jogo «unificado» das câmaras. Foi tudo muito confuso, dentro e fora do rectângulo. Acresce que não aconteceu durante o jogo de futebol, mas em dias como os transmitidos há mais de uma década. As reportagens são de um desca-

de baixo nível, e por outro lado falta a necessidade de obter o material indispensável às crescentes exigências do público?

Ver uma transmissão de futebol executada a partir da BBC ou da RAI e compará-la depois com as nossas, causa-nos uma sensação angustiosa. Salvas as devidas distâncias, a nossa televisão ainda vive no período das balizas às costas...

A actividade como comentador de Alves dos Santos deve dizer-se que foi, desta vez, particularmente infeliz. Não me refiro, apenas, ao jogo que foi e que não foi; esqueço a falta que era e que não era; ignoro, por agora, a má visão no desenvolvimento das jogadas e da nomeação dos jogadores. Refiro-me, em particular, a dois aspectos francamente negativos do seu trabalho: a flutuação de julgamento ao longo da partida, com generalizações a que, depois, os factos não correspondiam. Existe, assim, o perigo de desmoralizar e fatigar o espectador.

O outro aspecto refere-se aos comentários, por vezes

lúridos e com amplo desenvolvimento, sem dúvida, mas feitos no decorrer do jogo. A grande experiência de Alves dos Santos devia já mostrar-lhe que o telespectador se irrita, se enerva, com esse género de trabalho. Os comentários devem processar-se durante as interrupções do jogo, tal como se pratica com a publicidade nos relatos radiofónicos.

Não é por falar muito que um comentador se faz notar como bom, nem se é necessariamente um bom árbitro pelo facto de apitar muito. As vezes, até, é o contrário que sucede. Parece que um árbitro é tanto melhor quanto menos se reparar nele. Editou a emitir, aliás, um conceito tornado lugar-comum quando se aprecia o trabalho do juiz da partida.

Enfim: numa noite em que tudo foi modesto, Alves dos Santos não quis desmarcar. Pruridos de solidariedade que ficam sempre bem.

Na programação de ontem aconteceu ainda a terceira palestra de Vitorino Nemésio: «Se bem me lembro».

Vitorino Nemésio não falou de nada de especial. Mas ouvimos os nomes de Eugénio de Castro, Unamuno, Ru-

ben Dario, etc., enquadrados em breves e desmanchadas recordações. Só por isso valeu a pena. Simão.

(Continua na página seguinte)

UMA NOVA, MODERNA E CONFORTÁVEL SALA DE ESPECTÁCULOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO CINE-FILO DE LISBOA!



A INAUGURAR DENTRO DE DIAS

Que quer ouvir? 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: Apresentação do Folhetim «O Imortal de Florence», biografia de Miguel Ângelo, original de Álvaro Martins Lopes; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo pianista Ronnie Aldrich; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de Teatro: «A Vizinha do Lado», de André Bruin, em adaptação de Leopoldo de Araújo — intérpretes: Nicolau Breyner, Assis Pacheco, Rui Furtado, Armando Cortês, Fernando Borsatti, Ivone de Moura, Josefina Silva, Cecília Guimarães, Elsa Lisboa, Lourdes Lima, Júlia Cleto, Cremilda Gó; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 155 kc/s — As 16 e 10: Música de câmara de Haydn; 16 e 30: 1.º Acto da Ópera «Lohengrin» (Wagner); 18: Música do século XX — Obras de William Walton; 19: Crítica Literária, pelo dr. João Botelho Chorrão; 19 e 10: Folhetim Português — Música da Beira Alta e da Beira Baixa; 19 e 25: Música de Tecla; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música Instrumental; 20 e 30: Glória em Sol Maior (Poulenc) — Coro e Orquestra da Radiodifusão-Televisão Francesa; 21: Concerto em Si Bemol Maior para Violoncelo e Orquestra, 21 e 30: Panoramas da História, pelo Dr. João Amal; 21 e 50: Recital pelo pianista Adelmaro Torreão, acompanhada com obras de Heitor Villa-Lobos; 22 e 10: Cinco Canções Francesas (Auric) — Coral da Rádio difusão Francesa sob a direcção de Yvonne Gauthier; 22 e 20: Páramos Sinfónicos; 23: A Voz do Oriente; 1: 15: Fecho.

2.º Programa (cultural MF 2) — 94.2 mc/s — As 23: Música de piano; 23 e 30: Intercambio musical — Festival Estival de Paris de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 0 h: Música sinfónica; 1: fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Rádio Universidade

RÁDIO CLUBE — 290.13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: E o ar o mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 8 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo acontece; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e Notícias; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal das esportivas; 20 e 45: Recordando sucessos; 21 e 03: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando a telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra relaxantes; 23 e 22: Grande tarde; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contato; 1 e 03: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97.4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em 4.ª, 1.ª e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 Gô Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e fecho.

Emissor de Miramar — 383.6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: E o ar o mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Mistralina; 19 e 17: E o ar o mundo; 19 e 30: Rádio-luz; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Noite dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Sô-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Sonho; 22 e 15: Cristo para todos as nações; 22 e 30: Presença cívica; 23 e 04: Cube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233.2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Cortes musical de Paris; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Guitaras portuguesas; 21 e 45: Música do cinema; 22: Quando a telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação de Porto — 256.6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra; 8 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires de Lisboa; 1 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Música; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94.4 mc/s — Rádio Península — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30 — Rádio Voz de Lisboa — Das 0 às 12 e das 19 e 30 às 22 — Rádio Radiofónica de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2 — Rádio Grupo — Das 14 e 30 às 19 e 30



DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

**OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%
ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA
OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA**

INFORMAÇÕES: Rua Conde Redondo, 53-4. Esq. em Lisboa

Telefones 45843-47843

SERÁ INAUGURADO BREVEMENTE

O HOSPITAL SUB-REGIONAL DA MURTOSA

MURTOSA, 17. — A mesa administrativa da Misericórdia desenvolve os melhores esforços para dotar o novo

Hospital Sub-Regional de todo o mobiliário e material próprio, de modo a promover a sua inauguração oficial dentro de pouco tempo e pôr a funcionar uma obra indispensável, que todos adivinharam e representam muitas dificuldades da população, que tanto se empenhou na sua realização. É de salientar a acção abnegada e benemerente da colónia dos nativos e do conselho.

Visite a doentes

Celebrando a Páscoa, grupos de jovens, pertencentes aos organismos da Acção Católica, visitaram os doentes que se encontram no hospital, de modo a proporcionar-lhes um pouco de alegria, levando-lhes uma palavra amiga, de conforto moral, para lhes suavizar o sofrimento, aliviando-lhes o sentido do amor cristão.

Cemitério de Pardelhas

Vão muito adiantadas as obras de construção, pela Câmara Municipal, do cemitério municipal de Pardelhas, que se espera seja inaugurado, oficialmente, dentro em breve.

Terá assim a freguesia da Murtosa, que faz parte da vila do mesmo nome e é constituída por duas paróquias, a da Murtosa e a de Pardelhas, com dois cemitérios municipais, e assim se satisfaz uma aspiração dos habitantes de Pardelhas, pois os dois cemitérios estão afastados um do outro cerca de dois quilómetros.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

todo o mundo sentirá por pena que na Terra se ha jogadores de futebol.

O realizador de «Se bem

me lembro» deve evitar que Vitorino Nemésio se volte continuamente para trás a fim de consultar a câbula. Ponham-lhe a câbula à frente, não ha problema nenhum. Outro pormenor em que a câmara falhou, não deu, como lhe cumpria, a imagem do relógio de Vitorino Nemésio. Os inúmeros admiradores do escritor estavam interessados em saber se o relógio já tinha corrente nova. Ora, ora! que não. Não há já esse detalhe.

Mário Castrim

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS



Avenida Padre Manuel de Nobrega, 10-B.

Telef. 72 76 54 72 49 75 LISBOA



JOSÉ ANASTÁCIO HONRADO

Missa do 8.º Aniversário

A Gerência da Firma J. A. Honrado & C.ª, Lda, participa que amanhã dia 18, pelas 9 horas, será rezada Missa na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda à Boa Hora, pelo eterno descanso do seu saudoso sócio-gerente.



COMENDADOR

MANUEL JOSÉ DE CARVALHO

MISSA DO 7.º DIA

Sua família, participe que, amanhã, dia 18, às 12 horas, na Igreja de S. Nicolau será celebrada missa, pelo eterno descanso do seu alma, agradecendo, desde já a todos quantos se dignem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO — TELEF. 534167

A queda de uma pesada conduta de ferro põe em foco o problema do trânsito em Leiria

LEIRIA, 17. — Já tivemos ocasião de nos referir às condições deficientes de que sofre um dos mais movimentados cruzamentos da cidade, mais propriamente no Largo Alexandre Heráculano junto à Ponte Eng.º Afonso Zúquete, por onde se cruza todo o movimento que se dirige a esta velha urbe como todo aquele que demanda o Norte ou o Sul do País.

Previsto já há tempo o arranjo do local, por forma a remediar o caso, tudo permanece na mesma, ou melhor, as dificuldades cada vez são maiores, à medida que o tráfego aumenta assustadoramente em todos os sentidos, constituindo um autêntico quebra-cabeças pelo tempo perdido em esperas prolongadas, constantes.

Além do movimento rodoviário naquela bifurcação para onde convergem cinco artérias, do tipo irregular e acidentado do pavimento, assiste um outro problema que contribui para o engarrafamento do trânsito — a exiguidade do tabuleiro da referida ponte, sem possibilidade de solução, a pedir alargamento adequado de harmonia com as exigências do tráfego.

Sempre que no local transita qualquer veículo de características anormais, é certo e sabido que o trânsito sofre as inevitáveis consequências.

O mais recente caso verificou-se agora com o transporte de uma conduta de ferro de cerca de 50 toneladas de peso, com 32 metros de comprimento e 10 de altura, proveniente das oficinas da CUF, no Barreiro, e destinada à refinaria da Sacor, em Cabo do Mundo, no porto de Leiria.

O pesado e volumoso transporte, assim como a obra que por um vez era rebocada por um potente camião, embora experimentasse dificuldades no percurso até esta cidade, acabaria por ser vítima das condições em que se encontra o cruzamento, assentando a retaguarda no pavimento sem possibilidade de se safar dali, pelos seus próprios meios.

Ao cabo de muitas horas de trabalho, foi possível apor a armação, com a ajuda de maquinaria, a fim de poder prosseguir o seu destino. Escusado será dizer que por tal facto o trânsito sofreu as inevitáveis consequências, uma vez mais.

Perante todos estes inconvenientes, uma pergunta se oferece formulada: quando é que a cidade deixa de estar sujeita a convulsões engarrafamentos e o tráfego se processa normalmente?

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

AOS EX. MOS COLECCIONADORES DE ARTE ANTIGA
ANTIQUÁRIOS, «BRIC-À-BRACS» E DECORADORES
NOTÁVEL E IMPORTANTE

LEILÃO DE ANTIGUIDADES

Objectos e raridades dos séculos XVII, XVIII e XIX
NO PRÓXIMO SÁBADO, 19 E DIAS SEGUINTE, ÀS 15 E ÀS 21 H.

NOS AMPLOS SALÕES DO ANDAR NORDE DO ANTIGO PALACIO FISCAL, A RUA LUZ SORIANO, 53-L, LISBOA, TERÁ LUGAR UMA DAS MAIS IMPORTANTES ALMOGDAS DA PRÉSENTE ÉPOCA.

Entre cerca de 1.000 lotes a lotar encontram-se magníficas peças de mobiliário português, francês, inglês e outros, de diversas épocas e épocas; grande quantidade de porcelanas da China, do século da C.ª das Indias, muitas delas com o seu decorado original; porcelanas europeias; tapeçarias e variados bibelots e objectos de vitrine; espelhos; cerâmicas, vidros esculpidos e outros, relíquias de talha, mar e colza alta; jóias; gravas; bronzes; miniaturas; enxadões; bonecas; tapetes, pães e colchas de grande e pequena dimensão; tapeçaria Aubusson; platinas; gravuras; desenhos; cadernos e livros; estatuetas de mármore de Itália para jardins ou interior e muitos outros valiosos objectos que estarão postos ao ar da venda.

EXPOSIÇÃO — AMANHÃ, DAS 15 ÀS 19 E SÁBADO DAS 10 ÀS 12,30 HORAS

O CATALOGO, ILUSTRADO, ESTÁ SENDO DISTRIBUÍDO PELO CORREIO, AOS NOSSOS SUBSCRITORES E CLIENTES.

A CARGO DA ANTIGA AGENCIA

SOARES & MENDONÇA, LIMITADA

Rua Luz Soriano, 53 — Tel. 521312 e 309000 — LISBOA
Filial no Porto: Rua Formosa, 112 — Tel. 33900

VASCO MORGADO JR. VAI CASAR-SE

Vasco Morgado Junior vai casar-se. A notícia, que certamente surpreenderá aqueles que ainda se não habituaram a ver o jovem filho do «patrão» do teatro português como um homem já feito, começa agora a correr pelo meio artístico.

Vasco Morgado Junior, que acaba de representar o protagonista da peça «O jovem mentiroso» partiu para a África proximoamente, a fim de tomar parte na digressão que a companhia de sua mãe, Laura Alves, ali efectuará, com as peças «Rainha do Ferro-Velho», «O comprador de horas», «A mulher do roupinho» e «O jovem mentiroso». A futura nora de Vasco Morgado e Laura Alves é uma jovem de 16 anos, que não pertence ao meio teatral. Parece ser intenção de Vasco Morgado Junior casar-se antes de iniciar o seu serviço militar, o que acontecerá brevemente.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Instituto dos Ferrovias de Sul e Sueste

Em assembleia geral, foram eleitos os corpos gerentes do Instituto dos Ferrovias de Sul e Sueste. A direcção ficou composta pelos sr. Calisto Vaz de Carvalho, Joaquim Baptista Candeias, Teodoro Mauricio Costa, José Enríque, Orestino Ferrão, Joaquim Francisco Cavanha e Humberto Martins Almeida.

Presidem a assembleia geral e ao conselho fiscal respectivamente, os sr. Ezequiel da Costa Cavaco e Antonio Cláudio Pereira.

Companhia Angolana de Agricultura (CADA)

A assembleia geral ordinária da Companhia Angolana de Agricultura (CADA), reunida sob a presidência do sr. Rogério Cândido da Silva, aprovou o relatório e contas referentes ao exercício do ano passado.

Na sua exposição, o presidente do conselho de administração, sr. Manuel de Queirós Pereira referiu-se à situação da Companhia e acentuou a diminuição da produção de café que se ficou, nos últimos anos, além daquilo que poderia considerar-se normal.

Estas considerações estão, de resto, na sequência do relatório que dá um panorama dos problemas de natureza e fiscal que afectam as empresas, designadamente aquelas que ocupam lugar de maior predomínio.

Anglo Portuguese Bank Limited

Para apreciar o relatório, balanço e contas relativos ao exercício findo em 31 de Janeiro deste ano, vai reunir-se em Londres, no dia 22 do próximo mês de Maio, a assembleia geral ordinária do Anglo Portuguese Bank Limited.

Através daquele documento agora divulgado pode verificar-se que o Anglo Portuguese Bank Limited mantém o ritmo de progresso que desde há anos caracteriza a sua actividade. As reservas subiram de 2.000.000 libras para 2.250.000 libras; o saldo da conta «Adiantamentos Concedidos a Clientes» perfaz 35.427.531 libras, seja mais 5.003.059 libras do que em 1967; a rubrica «Contas Correntes, Depósitos e Outras Contas» encerrou com o saldo de 45.190.206 libras, contra 38.767.716 libras no exercício transacto; a conta «Ações e Quotas Confirmadas» registou um aumento de 266.400 libras, mostrando o saldo de 6.421.698 libras. O total do balanço elevou-se de 49.943.297 libras para 56.891.292 libras. Este crescimento de movimentos influiu no lucro líquido do exercício que, depois de retiradas as verbas para «Encargos Fiscais» e «Reservas para Imprevistos», ascendeu a 279.545 libras, em comparação com 251.960 libras, no exercício findo em 31 de Janeiro de 1968.

No seu breve discurso, o sr. prof. dr. Manuel dos Reis fez a história da escola que durante 140 anos foi Faculdade de Matemática, até que em 1911 foi transformada na 1.ª secção da Faculdade de Ciências, então criada.

Sallentou que o edifício agora inaugurado vem resolver o grave problema das instalações da sua escola, cujas aulas se encontravam, nos últimos anos, em diversas salas dos Gerais.

A importância da Universidade na construção do mundo do futuro sa-lientada pelo ministro da Educação.

Ao usar da palavra, o ministro da Educação, depois

Começará em breve a construção do Instituto Industrial de Coimbra

—anunciou o ministro das Obras Públicas

(Continuação da pág. central)

além de muitas outras entidades.

Bênção e discursos

Pouco depois, chegou ao edifício o sr. Presidente da República. Depois de o bispo de Coimbra, sr. D. Francisco Rendelro, ter procedido à bênção do edifício, o Chefe do Estado e todas as entidades presentes deram entrada no edifício e dirigiram-se para a Sala Infante D. Henrique, onde se realizou a sessão solene.

Presidiu o sr. almirante Américo Thomaz, ladeado pelos ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional, reitor da Universidade, director da Faculdade de Ciências e pelo decano da Faculdade, sr. prof. dr. Manuel dos Reis.

Nessa sessão discursaram sucessivamente o reitor da Universidade, o decano da Faculdade de Ciências e os ministros da Educação e das Obras Públicas, tendo este feito a entrega do edifício.

No seu breve discurso, o sr. prof. dr. Manuel dos Reis fez a história da escola que durante 140 anos foi Faculdade de Matemática, até que em 1911 foi transformada na 1.ª secção da Faculdade de Ciências, então criada.

Sallentou que o edifício agora inaugurado vem resolver o grave problema das instalações da sua escola, cujas aulas se encontravam, nos últimos anos, em diversas salas dos Gerais.

A importância da Universidade na construção do mundo do futuro sa-lientada pelo ministro da Educação.

Ao usar da palavra, o ministro da Educação, depois

de agradecer ao seu colega das Obras Públicas o interesse que do seu departamento têm merecido os problemas da política educacional, revelou verbas que, no programa do III Plano de Fomento, serão gastas em 1969 no sector do Ensino Superior e afirmou:

«É certo que as questões que no seu conjunto constituem o problema universitário não poderão ser resolvidas unicamente no quadro de uma política de investimentos; mas também é certo que sem essa política dificilmente se poderia dar algum passo no caminho das reformas necessárias. A Universidade é ao mesmo tempo um conjunto de estruturas e um sistema de funções. A parte do Estado é facultar-lhe as estruturas indispensáveis à prossecução dos seus fins próprios. A criação das funções é domínio que só à Universidade pertence realizar.»

Referindo-se, depois, ao clima de contestação que nos últimos anos se tem generalizado, o ministro José Hermano Saraiva afirmou:

«Mas os espíritos são naturalmente levados a prestar mais atenção ao ruído do que ao silêncio. O que ainda ninguém contestou foi a essencialidade das Universidades como instrumento de toda a política cultural que pretenda perdurar. O que ninguém até hoje pôs em causa foi a responsabilidade da Universidade pela construção da sociedade do futuro. A mesma intensidade das preocupações de que ela se tornou objecto comprova quanto os povos ainda nela confiam. Poderia até dizer-se da sua história, tantas vezes secular, nunca porventura a humanidade

esperou tanto dos mestres e dos estudantes como nos dias que estamos a viver».

Ao usar da palavra, o ministro das Obras Públicas recordou que foi aluno da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e que, portanto, era grande o seu júbilo por lhe ser possível fazer, agora, a entrega do novo edifício. E disse:

«Vamos continuar a trabalhar em Coimbra com o maior empenho de satisfazer nos mais curtos prazos as necessidades do ensino em matéria de instalações, conforme os planos aprovados. Apressa-se, aqui ao lado, a conclusão do edifício destinado à Secção de Física e Química da Faculdade de Ciências e está em curso a ampliação das instalações, aliás precárias, da Faculdade de Farmácia, a conclusão das obras do Centro Universitário e a ampliação e beneficiação das Instalações Académicas. Iniciar-se-á, dentro em pouco, o grupo residencial de Montes Claros, e este será o ano de arranque definitivo para a construção do hospital escolar, por que a Universidade tanto anseia. Também dentro em breve vamos começar a construir o Instituto Industrial de Coimbra.

Ao todo, é de 54 mil contos o dispêndio que o Ministério das Obras Públicas conta efectuar no corrente ano com as realizações da Cidade Universitária de Coimbra. Trata-se de um esforço considerável, que é indispensável acrescentar ainda, pois as construções escolares, como tudo o que respeita à Educação, têm lugar prioritário no III Plano de Fomento. O Ministério das Obras Públicas empenha-se em corresponder aos desígnios do Governo e procura preparar-se para satisfazer o ritmo acelerado do desenvolvimento escolar. No corrente ano, há-de o Ministério despendir 479 mil contos em construções escolares em todo o País.»

Acrescentou o ministro que o programa de trabalhos do ano em curso comporta a construção de 33 edifícios, 15 dos quais começaram em anos anteriores, e 18 com início neste ano, orçando pelos 800 mil contos o custo global destas obras. Anunciou, também, que vai ser criado no seu Ministério um departamento destinado ao estudo, projecto e construção de todos os edifícios escolares do País.

Visita ao edifício

Finda a sessão solene, o sr. Presidente da República fez uma demorada visita ao edifício, cujo projecto é da autoria dos srs. arquitecto Lucínio Cruz e prof. eng.º Edgar Cardoso, com capacidade de 35 salas de aulas (1700 lugares) e, ainda, 36 gabinetes. A biblioteca tem capacidade para 60.000 unidades e dispõe de uma sala de leitura para 50 leitores. Além disto, dispõe, ainda, de salas especiais, de topografia, duas com 74 lugares de desenhos, 4 com 130 estrados, anfitheatros, 8 com 636 lugares.

Na fachada principal tem dois baixos-relevos com 10 metros de altura, da autoria do escultor Gustavo Bastos, subordinados aos temas: «A Criação do Mundo», «As Matemáticas como Ciência da Natureza», «A Matemática como Ciência do Pensamento e da Razão Pura».

Para o átrio estão previstos dois painéis a fresco, do artista Almada Negreiros, cujas maquetas já estão concluídas, cada um com as dimensões de 7,30 x 4,80 m, representando «A Matemática Portuguesa ao Serviço da Epopeia Nacional» e «A Matemática desde os Caldeus e Egípcios, até aos nossos dias».

Na Sala do Conselho existe uma tapeçaria sobre cartão, do pintor Rogério Ribeiro, obedecendo ao tema, «O Progresso Técnico», com as dimensões de 3,30 x 5,50 m.

O sr. Presidente da República percorreu todo o edifício e ouviu os esclarecimentos que lhe foram dados pelos técnicos, manifestando a sua satisfação pela forma como tudo se encontrava.

Finda a cerimónia de inauguração, o Chefe do Estado voltou ao Paço das Escolas, onde, na Sala do Senado, se realizou uma pequena sessão, onde o sr. almirante Américo Thomaz entregou ao sr. prof. dr. Luís de Cabral Moncada, lente jubilado da Faculdade de Direito, a Grã-Cruz da Ordem de Santiago de Espada.

Pouco depois, realizou-se, na Reitoria, um almoço, oferecido pelo sr. Presidente da República, a que assistiram setenta convidados, que foi magnificamente servido pelo Café-Restaurante Nicola, de Coimbra, que mereceu os maiores louvores de todos os convivas.

Findo o almoço, o sr. Presidente da República visitou as novas instalações da Escola de Regentes Agrícolas e o Liceu D. Duarte, seguindo, depois, para a Figueira da Foz.

Continuando uma tradição de relevo, justificativa do bom nome da Indústria Nacional, a firma Francisco Miguel Bombarda, do Porto, e a semelhança do acontecido em tantas outras obras anteriores, de grande relevo, acciou-se ao esforço desta excepcional construção, fornecendo e colocando todas as armaduras de iluminação em quantidades da ordem dos milhares, numerosas bem ex-pressivas da grandiosidade da obra presente.

O Chefe do Estado visita Peniche no próximo domingo

Como foi já anunciado, o sr. Presidente da República deslocar-se-á a Peniche no próximo domingo, sendo acompanhado pelos ministros do Interior, Marinha, Corporações e Obras Públicas.

Entre as várias cerimónias programadas para aquele dia, contam-se uma sessão solene nos Paços do Concelho, benção da Frota de Pesca e inauguração de um bairro de 112 casas para pescadores.

Quatro milhões de visitantes na Feira Internacional de Milão onde estão representados 90 países (incluindo Portugal)

A Feira Internacional de Milão, inaugurada pelo Presidente da República Italiana, estará patente ao público até ao dia 25 do corrente, e calcula-se que deve ter cerca de quatro milhões de visitantes.

Estão representados 90 países, entre os quais Portugal, que participa oficialmente, mercê da organização do Fundo de Fomento de Exportação e com as suas delegações de Roma e de Milão. Estão representadas várias entidades locais interessadas, como o Instituto das Conservas de Peixe, a Junta Nacional do Vinho, Instituto do Vinho do Porto e ainda, o Fundo de Fomento e Propaganda do Café, além de numerosas firmas.

O grande recinto da feira estende-se por uma área de 400 mil metros quadrados com a configuração duma verda-

deira cidade, dotada de espaçosas praças e avenidas, ladeadas pelos vastos pavilhões, verdadeiros edifícios de vários andares, vistosos como belos palácios. Representam, com a utilização também dos espaços ao ar livre, uma capacidade expositiva numa área global de cerca de 640.000 m², inteiramente ocupada pelos expositores de 90 países — que anualmente, cada ano, a total de 14.000. O total dos expositores anuais na Feira de Milão sob alifas para cerca de 24 a 25 mil, contando ainda com os 40 certames especializados por sectores que, no decorrer de todo o ano — antes e após Abril —, se realizam sob o patrocínio da mesma Feira nos seus pavilhões.

O sector que mais se evidencia é, possivelmente, o da mecânica, representando

as actividades industriais com maior incremento e expansão em todos os países mais desenvolvidos e, de modo especial, na Itália.

Foi criado um especial serviço de assistência para os comerciantes estrangeiros que visitam a feira, com o fim de lhes permitir as melhores relações comerciais com as 14.000 firmas industriais expositores. Os visitantes estrangeiros — comerciantes qualificados — recebem (já antes de se deslocarem ao grande certame) nas delegações da Feira, funcionam em todos os países (incluindo Portugal), uma carteira de legitimização que lhes dá direito ao livre acesso ao recinto da própria feira e a toda a assistência gratuita prestada pelo S.A.V.E., instalado no Palácio Internacional dos Intercâmbios.

NOVA COMISSÃO

DISTRITAL DA U. N.

Tomará posse dentro de dias a nova comissão distrital da União Nacional no Funchal, agora nomeada pelo sr. conselheiro Albino dos Reis, vice-presidente, em exercício, da Comissão Central daquele organismo.

A nova comissão fica assim constituída: presidente, dr. José dos Ramos, conservador do Registo Predial; vice-presidente, dr. Graciano Ferreira Alves, notário; vogais, dr. Carlos Manuel Monteiro de França Dória, intendente de Funchal; eng.º Gilberto Homem de Freitas, agrónomo; dr. João de Lemos Gomes, médico; dr. João Milhilo Rodrigues, funcionário público; e sr. Rui Faria Pereira, conservador do Registo Civil.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Centro da esquerda, falha espectacular de Humberto Coelho e golo de Vulliamier. Era o «arbitro»

O MÉXICO... CADA VEZ MAIS LONGE

A INFERIORIDADE DA NOSSA «SUPERIORIDADE TÉCNICA»

O futebol suíço não goza de verdadeira projecção internacional. Não tem grandes títulos de glória no passado, não conquista evidência no presente e talvez não esteja destinado a melhores proezas no futuro. Mas ontem a noite, no Estádio José Alvalade, onze robustos e decididos rapazes suíços fizeram mais do que triunfar num jogo. Eles devem ter despedido do próximo campeonato do Mundo a representação que milhões de entusiastas admiraram e muitos milhares aplaudiram no «Mundial» anterior. E para aqueles que não voltaram a ver o futebol português desde 1966 em Inglaterra, vai ser difícil de compreender essa coisa da Suíça vir ganhar a Lisboa, e por 2-0, deixando a selecção portuguesa no muito provável e pobre situação de ver o «Mundial» do México... pela TV.

Quando se efectuou o sorteio dos «Grupos» de apuramento para a competição de 70, foi um farote de optimismo. Uma mala, outros menos, aqueles lembrando cuidados neomaximais, estes pensando que a selecção portuguesa iria conquistar a qualificação com toda a facilidade, generalizou-se a ideia que de gregos, romenos e suíços não podia vir mal ao mundo das nossas convicções futebolísticas.

É certo que já o futebol português sofrera o golpe de não se qualificar para a fase final do Campeonato da Europa, superado que foi pelos búlgaros. Isto, um ano depois do «brilhante» de Inglaterra, que retirara com os Eusebios, os Simões, os Torres, os Hilários, etc. para uma evidência praticamente universal.

O fracasso do «Europeu» foi esquecido rapidamente, depois de mais ou menos justificado pelas velhas «contingências do futebol», que têm nome pomposo e largas costas. Pensou-se

(nó, também) que a selecção nacional ia conquistar o primeiro lugar do seu «Grupo», no qual os próprios adversários a consideravam a grande favorita.

A desilusão consumou-se ontem, à noite. A derrota em Atenas, enfim, já fora uma escorregadelazita, mas perder no país do adversário é normal, mesmo que esse adversário seja inferior. A tal história de que cada um em sua casa...

Mas ontem, os da «casa», os considerados superiores, os favoritos, os que tinham, teoricamente, quase todos os trunfos, sofreram uma derrota decisiva.

Como foi?

O curioso é que nada do que aconteceu foi surpreendente. Esperava-se que os suíços reforçassem a defesa, com «ferrolhos» e tudo — e foi isso que se viu. Esperava-se que fossem rápidos no contra-ataque, e foi, nem mais nem menos, o que sucedeu. E não se

aguardava (ou alguém pensou que si?) uma boa actuação dos portugueses, e também nesse aspecto as previsões saíram certas.

Ao fim e ao cabo, poderá dizer-se, e com razão,

Comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

que houve uma certa má sorte nos golos que se sofreram (em ambos os defensores portugueses estiveram donos do lance) e no falhar de um ou dois muito possíveis. Mas isso não mascara a verdade de que o nosso futebol foi verginhosamente ultrapassado. Nem está só em causa o tão debatido problema da força (alheia) e da falta de força (nossa). É toda uma concepção em que

se perdeu o sentido do práctico, caindo-se no estilismo, no adorno, como que um falar muito para não dizer nada.

O futebol português sul-americanizou-se. Com as vantagens dos progressos na execução, no toque de bola, no drible, nos primores técnicos, que não deixam de ser o aval dos grandes futebolistas. Mas de vez em quando lembramos de que as próprias equipas da América do Sul, apesar dos extraordinários jogadores que são os brasileiros, os argentinos e os uruguaios, foram sentindo cada vez mais dificuldades em impor a sua arte. O futebol do músculo começou a ditar a sua lei. E não só do músculo: do resultado. Com todos os esforços e toda a atenção orientados para as duas verdades do jogo: marcar e não sofrer golos.

Dai que os próprios sul-americanos, apesar de

(Continua na página seguinte)



Foto de Eusebio, a descer para o «seu» clube

DR. JOSÉ MARIA ANTUNES:

Ainda acredito na ida ao México

«...AGORA É, APENAS, MAIS DIFÍCIL»

Cabisbaixo, sentindo na carne a derrota da equipa, o seleccionador nacional, dr. José Maria Antunes, caminhou lentamente até aos balneários. Foi deserto dos últimos a entrar.

Abordamo-lo ao sair do reativo e o dr. José Maria Antunes não se recusou a responder-nos. A explicar-nos como fora aquilo: — «Tivemos muita infelicidade. A equipa, ainda que a principio me pareceu um pouco presa, correspondeu ao que se esperava. Os golos é que não surgiram. E quando assim é...»

— Comprometida definitivamente a qualificação para o México?

— Comprometida definitivamente porque? Apenas se tornou mais difícil alcançá-la. Tal como estes vieram cá ganhar nós também poderemos ir ganhar

fora. E se assim acontecer, voltamos outra vez ao principio.

E com um gesto de revolta:

— Ainda poderemos ir ao México e continuo a acreditar que iremos. Sabemos vencer os obstáculos. Os rapazes têm valor para conseguí-lo.

OUTROS JOGOS PARA O «MUNDIAL»

Para o Campeonato do Mundo (prova de qualificação) disputaram-se, ontem, mais alguns encontros. Eis os resultados:

Grécia, 2-Roménia, 2. Escócia, 1-República Federal da Alemanha, 1. República Democrática Alemã, 2-País de Gales, 1.

DOMINGO: REGRESSO AO «NACIONAL»

QUINZE MIL PORTUENSES AO «ASSALTO» DE LISBOA

O próximo jogo entre o Benfica e o F. C. Porto está a despertar um enorme interesse na capital do Norte. Segundo informes da comissão pró-sede do F. C. Porto, treze mil bilhetes que se destinam às pessoas que viajarão em quatro comboios especiais que o clube portuense «fretou» à C.P. e em cerca de duzentos autocarros, foram já requisitados ao clube. A estes meios de transporte juntar-se-ão, certamente, algumas dezenas de automóveis e outros entusiastas viajarão de avião, pelo que se calcula que cerca de 15 mil portuenses tomem o rumo do Estádio da Luz neste fim-de-semana.

Entre a massa associativa

do F. C. Porto há uma fé inquebrantável de que o clube regressará vitorioso desta jornada considerada de transcendente importância para as aspirações e anseios dos dois grandes clubes em luta.

ROLANDO, ÚNICO PROBLEMA

Para já, na equipa do F. C. Porto não há problemas de ordem física. É desconhecido, por enquanto, o estado físico de Rolando, que no jogo contra a Suíça sofreu um toque numa coxa. Mas as primeiras impressões é de que o médio portuense estará em perfeitas condições de jogar na Luz.

Hoje efectuou-se, no relvado principal das Antas, o último treino de conjunto do F. C. Porto, após o que a equipa ficará concentrada no «Lar do Jogador», de onde sairá ao principio da tarde de sábado com rumo a Vale de Lobos.

A comitiva do F. C. Porto, com os jogadores, treinador, massagista e chefe da secção, dr. Miguel Pereira, encetarà a viagem para Lisboa em avião especial. Serão acompanhados de alguns dirigentes e do presidente do clube, Afonso Pinto de Magalhães. O avião deverá pousar solo lisboeta cerca das 14 horas de sábado.

Torneio da Primavera da Associação de Atletismo de Lisboa

A Associação de Atletismo de Lisboa, fará disputar nos dias 19 e 20, respectivamente nas pistas do Campo Grande e do Estádio José Alvalade, a segunda volta do Torneio da Primavera, assim como o triatlo de iniciados e outras provas extras para as diversas categorias de atletas.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

OS QUE JOGARAM EM ALVALADE

DE DAMAS A JACINTO JOÃO RARAS FORAM AS NOTAS POSITIVAS

• KUNZLI, SIGNORELLI E WILLEUMIER
FIGURAS DESTACADAS DOS HELVÉTICOS

Nem sempre o tecnicismo se casa com o arrepanho. Viu-se isso ontem à noite em Alvalade onde a equipa portuguesa servida por executantes de escol fracassou ante o grupo suíço, inegavelmente de menores atributos técnicos, mas inultrivelmente mais veloz.

Os jogadores de Portugal quiseram fazer bem. Os helvéticos preferiram fazer depressa. E dentro dessas linhas de orientação uns foram de mais acerto do labor, do que outros. Vejamos como individualmente se comportaram

Por Encarnação Viegas

os jogadores que pisaram o relvado de Alvalade, num desafio de desagradáveis recordações para o futebol português.

Rolando e Peres

— os mais iguais em rendimento

No compartimento defensivo da turma de Portugal Hilário (quem tal diria) pareceu o mais perturbado do quarteto que oscilou demasiado ante o contra-ataque apodado dos suíços. Até o próprio Damas (mal batido no segundo gol) não sugeriu tranquilidade e segurança.

No meio-campo terão actuado os homens mais influentes da turma portuguesa: ROLANDO e PERES. De rendimento mais igual do primeiro ao último minuto, aproveitando com acerto a relativa liberdade concedida pelos helvéticos. Poucas vezes, porém, ter-se-ão metido com afouteza na área de remate, embora ao académico tenham pertencido as intenções mais agressivas, de entre os futebolistas nacionais.

A razão maior da derrota terá de enunciar-se na ineficiência da vanguarda, em perfurar uma corvaca defensiva como foi a helvética. Complicativos os extremos, que pareciam apenas apostados em ganhar cantos, SIMÕES e JACINTO JOÃO, não puderam ser os criadores de espaços para a penetração dos «pontas-de-lança».

A verdade é que quer TORRES como EUSEBIO foram exageradamente estáticos recusando as possibilidades de penetração pelos corredores laterais.

Sarau de ginástica

No próximo sábado, dia 19, o Lisboa Ginástico Clube promove o seu tradicional sarau anual de ginástica, cujo programa inclui, para além da apresentação das classes de ginástica educativa, recreativa e aplicada, as de equilíbrio e duas modalidades das mais espectaculares: as voltas à Leotard e saltos de mesa alemã.

As suas tentativas para se furtar à marcação dos opo-atores eram autênticas fugas para a retaguarda sem um propósito verdadeiramente objectivo. MANUEL ANTÓNIO que substituiu Torres não teve ensejo para mostrar do que é capaz e quanto a JACINTO que entrou no início da segunda parte a ocupar a posição de José Carlos, convencionamos que emprestou maior vivacidade à equipa até porque como convinha, frequentemente se integrou nos movimentos atacantes.

Um triunfo de onze jogadores

Os jogadores suíços actuaram como um verdadeiro bloco. Naturalmente que mais preocupados em defender do que atacar, particularmente depois que se viram com a vantagem de dois golos.

A verdade é que para além da sua organização os helvéticos contaram ontem com um magnífico guarda-redes: PROSPER. Que bem defendeu o «keeper» suíço. Teve uma espantosa defesa, já na segunda parte a remate de Eusebio que define a classe de um jogador. A classe e os reflexos.

Da defesa, que contou com o apoio de quatro companheiros, TAOHELLA terá sido o de acção mais destacada, acorrendo onde se tornasse necessário colmatar uma brecha. Todos eles porém nunca hesitaram em ceder canto. Muito seguros, RAMSEIER e SIGNORELLI este com a específica missão de vigiar Torres.

O ataque dos helvéticos esteve confiado a KUNZLI e a WILLEUMIER. Pois estes dois homens por si só constituíram um perigo constante para a baliza portuguesa. Rápidos, acutilantes e decididos na progressão rectilínea que se impunha, aproveitaram da melhor forma os grandes espaços que se observavam no meio-campo dos adversários.

Notável também o apoio prestado pelos extremos (técnicos) UDERMATT e QUENTIN nos movimentos ofensivos da sua equipa. Oportuníssimos a libertação das tarefas do meio-campo, e a integrar-se na vanguarda, o ponto de partida para o ataque. Os dois jogadores que estiveram à frente da vanguarda suíça foram os mais activos e mais efectivos. As tentativas de marcação feitas pelas defesas portuguesas. E no

flanco esquerdo da cortina de protecção a Damas geraram-se muitos lances perigosos, por virtude exclusiva do n.º 8 visitante. Todos os jogadores visi-

tantes foram contudo de elevado espírito de sacrifício. Quantas vezes neutralizaram lances perigosos com risco da sua integridade física?



Nem melhor, nem pior. Sal Torres contra Manuel António

PORTUGAL-SUIÇA (0-2)

(Continuação da pág. anterior)

sempre ufanos do seu «melhor futebol», estejam a procurar uma europeização nos processos, desde os cuidados com a preparação física, até à simplificação do seu jogo.

Quanto aos portugueses, a sua tão frequentemente apontada «superioridade técnica», começa a ser um peso terrível. O primeiro passo para uma inferioridade que os resultados vão mostrando.

As duas derrotas portuguesas de ontem, à noite, num esclarecedor total de 6-0, não podem deixar de reflectir esse problema, cada vez mais evidente. Mas haverá que ter em conta outras razões, algumas delas ocasionais, como é o caso da má «forma» de vários jogadores.

(Aqui, e relativamente ao Portugal-Suíça, não faltará quem pergunte: mas então, por que jogaram esses, e não outros? Na maioria dos casos — não todos — terá de se responder com outra pergunta: Quais outros?...

A grande dificuldade está, manifestamente, nos avançados. Em três jogos (os dois de ontem e o Portugal-México de há dez dias) não obtivemos um único tento. Quer dizer: entre efectivos e suplentes utilizados estiveram em campo nesses jogos uma boa dúzia de jogadores com o rótulo de avançados. E nem sequer um gol! Isto não pode situar-se inteiramente no plano individual, de categoria ou má «forma». Reflecte, sem dúvida, o tal hábito, cada vez mais enraizado, de atacar «au ralenti» e a quase total ausência de verdadeiras jogadas de «association», em que a técnica se alia à velocidade. E vê-se o que se viu ontem em Alvalade: quando se verifica a necessidade de atacar com decisão cai-se no simplismo do pontapé ao Deus-dará, a fazer a bola cair na área, com as habituais vantagens para quem defende.

Tudo isto se refere a problemas técnicos do jogo, mas há outro ponto que tem de ser, igualmente, tido em consideração. Menos de três anos depois de ser

festejada com todas as pompas e aplaudida com simpatia até pelos que não costumam entusiasmar-se com o futebol, a selecção portuguesa volta a sentir uma certa frieza, um quase alheamento sobre o que possa ou não fazer. O estado de espírito da nossa equipa, o seu ânimo ou desânimo, dependem, em grande parte, do ambiente que a rodeia. E esse estado de espírito, bom ou mau, é decisivo para o bom ou mau que uma equipa realiza.

Noutro lugar se faz mais detalhada análise da actuação dos jogadores, das dificuldades da defesa ante os céleres ataques adversários, dos «tormentos» dos «pontas-de-lança» situados, cercados de suíços, e, também, sem movimentação adequada para se furtarem, quanto possível, a tal cerco. Fala-se do que o jogo foi — não do que o jogo poderia ter sido, se...

Sim, se a nossa selecção tem tido a sorte (mesmo que fosse por sorte) de marcar um tento antes do adversário; se, como é natural, os serviços abandonassem mais a defesa para procurar a igualdade; se houvesse a moralização do gol marcado em vez da perturbação do gol sofrido; se o princípio tem sido diferente, enfim, o jogo e as ambições dos jogadores seriam, certamente, diferentes. Não se saltaria,

Circuito fechado de TV para os adeptos do Manchester

MANCHESTER, 17 — (A. N. L.) — A direcção do Manchester United decidiu montar um circuito fechado de televisão para que os adeptos do clube possam assistir, no seu Estádio de Trafford, ao desafio contra o Middlesbrough, a 23 de Abril, para as meias-finais da Taça dos Campeões Europeus.

O secretário do clube, Lee Olive, declarou em Manchester que as negociações se encontram já na fase final, acrescentando que o desafio será transmitido num canal de 12 por 9 metros.

O projecto custará ao clube mais de 10 mil libras (685 contos).

então, e por ora, em «problemas do futebol português». Mas seria apenas um adiamento. Porque os erros, os embaraços, a confusão — estão lá.

...E não vale a pena zangarmo-nos com a selecção. Ela fez o que lhe foi possível. Que não foi o suficiente para superar uma equipa bem organizada, mas de «segunda linha». E, pelo que se viu ontem, a selecção portuguesa não merece mais que a da Suíça a viagem até terras mexicanas. Pelo que vimos nestes últimos tempos, só merecem mais a viagem ao México — do que o próprio México.

M. Z.

Árbitro: o inglês John Taylor.

PORTUGAL — Damas; Conceição, Humberto (cap.), José Carlos e Hilário (resp.); Rolando e Peres; Simões, Torres, Eusebio e Jacinto João.

SUIÇA — Prosper; Micheloud; Ramseier, Tachella (cap.), Signorelli e Stillerli; Odermatt e Vuilleumier; Kuhn, Kunzli e Quentin.

Na primeira parte, 0-2. Golos de Vuilleumier, aos 20 e 35 minutos.

Substituições: na segunda parte, Jacinto rendeu José Carlos. Aos 26 minutos, Manuel António substituiu Torres e Desbordes entrou para o lugar de Quentin.

RÁGUEBI

PARTIU PARA MARROCOS A SELECÇÃO PORTUGUESA

Partiram hoje do aeroporto de Lisboa para Marrocos, onde vão disputar o seu segundo jogo da «Taça das Nações», os raguebistas portugueses que constituem a selecção nacional da modalidade.

A delegação portuguesa é chefiada por Luís Caldas, secretário da Federação, e fazem parte da mesma o seleccionador e treinador Luís Miramon, o massagista José Almeida e os jogadores Correia Pinto, Barros Costa, José Guedes, Ponte, Lucena, Francisco Guedes, L. Penha,

e Costa, A. Penha e Costa, Nuno Lino e Bessa, do C. D. U. L.; Neto, Silvestre, Trindade, Nobre e Gaspar Ramos, do Benfica; Cunha, de Direito; e Ernesto, do Económicas.

Apesar de a derrota no Lavradio ter tornado mais difícil a classificação da equipa nacional, é de esperar, desta vez, melhor comportamento do raguebi português nos terrenos secos do Norte de África, que facilitam o tipo de jogo dos nossos raguebistas.



Eusebio observado no instante do remate

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

EM COVENTRY, SELECÇÕES DE «ESPERANÇAS»

SÓ TEVE «MEIO-CAMPO» A EQUIPA DE PORTUGAL

• INGLATERRA, 4-PORTUGAL, 0

COVENTRY, 17 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — No mesmo dia em que em Lisboa alguns celebrados jogadores portugueses agorabraram, sensacionalmente, diante da equipa sulica, também as «Esperanças» lusas, aqui em Coventry, contra as da Inglaterra, perderam por 4-0.

Seu caso para afirmar que ontem soupiu forte aragem em desfavor do futebol português, cujo futuro parece apresentar-se de sombrias perspectivas, já que o presente se nos afigura inundado de perturbações de mau augúrio.

Os «sebastianistas» do futebol lusitano, que continuam amarrados às glórias do passado, deveriam ter sofrido profunda decepção...

Mas reportemo-nos ao deus Coventry.

O «steam» inglês deu alguma preocupação ao seleccionador Alf Ramsey, por lhe faltarem alguns elementos tidos como insubstituíveis, tais como Hurst, Royce Crooked e Hughes, mas, diante da frágil equipa lusitana, não lhe foi grandemente difícil conseguir triunfo sublimosa.

Uma-se que determinados jogadores portugueses revelaram indiscutíveis recursos, mas os seus adversários mostraram-se superiores em todos os permanentes futebolísticos, desde o conjunto sólido e maciço, por vezes pesado e monótono, aos primores de execução individual e a um poder atlético que, à força de repetição, já de maneira alguma poderá surpreender a lusa gente.

O encontro revelou-se continuamente de uma feição de claro predomínio inglês, revelando-se o quadro português vulnerável na defesa e mais ainda no ataque. E esta inferioridade ofensiva, cremos nós, também já não oferecerá surpresas de maior a quem quer que seja...

Em conjunto, os portugueses deram débil amostra de possibilidades, parecendo anidar que alguns deles formavam equipa pela primeira vez. Na defesa registaram-se lapsos consecutivos, proveitosos de desorganização e de falhas de atributos técnicos, embora todos os seus componentes se houvessem batido sempre com brío e voluntariedade, até ao limite da sua resistência, o que frequentemente, aliás, costuma definir a acção dos defesas destas andanças internacionais.

No ataque é que tudo se conjugou para redundar em acção paupérrima, muito ao sabor, igualmente, do futebol português. Trabalho descomandado, escassez de audácia em tentativas de natureza individual, daquelas que amide conduzem ao remate mais ou menos fácil ou às situações de gol e vista. E, em conjunto, actuação de autêntica mediocridade. Nem individualmente firmes nem ligação a solicitar e a criar oportunidades de gol. Portanto, um ataque destinado a franco malogro. E foi o que naturalmente sucedeu.

Em especial os dianteiros não poderão queixar-se da tarefa apagada dos colegas do meio-campo. Porque foram precisamente os centro-campistas os que se distinguiram por uma acção pertinaz e caracterizada por repetida eficiência. Quer dizer: foram eles — Pavão e Toni — os mais destacados elementos da equipa, não se esquecendo o defensor Murça, cuja acção, só por si, chegou, em determinados trechos, a pontualizar todo um compartimento defensivo.

Do «steam» inglês há que analisá-lo em globo e não pela individualidade que o

constituíram. Um conjunto forte, poderoso, forte e poderoso de mais para o dos adversários. No entanto, nele houve uma estrela de rutilante grandeza. Queremos referir-nos ao avançado Clarke, do Leicester. Um avançado de real categoria, daqueles que enchem de fulgor um campo de jogo e o labor que despendem.

Em suma: a equipa inglesa obteve um triunfo fácil, talvez mais fácil do que se perava. As «Esperanças» portuguesas foram pouco «esperançosas», aparte os três referidos elementos. Aliás o conjunto não os favoreceu. Navegaram ao sabor da corrente, raramente assinalando espírito de entreajuda. E não houve aquela determinação, aquela imaginação e aquele irrequeitismo que costumam distinguir os jogadores lusos, em especial, e os portugueses, em particular, quando os tempos correm de feição e não existem nuvens negras a acastalar-se no horizonte... E, quando a condição atlética não ajuda, então os malogros surgem com um realismo ainda mais chocante. Na verdade, foram pouco esperançosos, aqui, em Coventry, as «Esperanças» de Portugal...

TIRO EM BRAGA

O Clube dos Caçadores, de Braga, promove, de amanhã a domingo, provas extraordinárias de tiro ao voço, dotadas com valiosos troféus e magníficos prémios pecuniários.

O programa é o seguinte: AMANHÃ — Taça «Rui Dias» e quarenta mil escudos. Distâncias de tiro: vinte e dois, vinte e cinco e vinte e sete metros. A tarde é a um pdsarro.

SABADO — Campeonato do Clube («Taça Camara Municipal de Braga») e setenta mil escudos «Pavão» em quinze pdsarras a 26 metros de distância.

DOMINGO — Grande Prémio («Taça de Ouro do Go-

verno Civil de Braga») e noventa mil escudos. Prova de apostas em doze pdsarras, com «handicaps».

As inscrições de tiradores fazem prever um inusitado movimento de interesse em torno destas competições que, por iniciativa do Clube dos Caçadores de Braga e sob o patrocínio da Federação Portuguesa de Tiro e Chumbo devem atrair, à capital do Minho, inúmeros visitantes.

Não se tem poupado a esforços, no sentido de reunir o melhor conjunto de tiradores do momento, a direcção do Clube, constituída por Fernando Gomes, Vítor Laranjeira, Joaquim Manuel Ferreira, José Pezoto Rodrigues, Alberto Jorge Terrazo Gomes, João Vieira e Maurício Freire.

TORNEIO DE TIRO AOS PRATOS

O Clube dos Caçadores Portugueses realiza no dia 20 no stand dos Soeiros, um torneio de tiro aos pratos para o qual foram instituídos valiosos prémios e troféus.

Árbitro: Vang Emert (holandês).

INGLATERRA — Shilton; Smith, Booth, Sedler e Pardon; Doyle, Robson e Clarke; Costa, Evans e Simpson.

As 36 minutos do segundo tempo. Não substituiu Sedler.

PORTUGAL — Fomes; Barro, Calé, Adriano e Murça; Mário Campos, Toni, Pavão e Toni; Nelson e Camelas.

No segundo tempo, Calé substituiu Camelas.

As intervalos 2-0.

Golfe de Clarke (9 e 44 m. da primeira parte), Simpson (34) e Robson (40).



Foto do jogo Sporting-Desportivo de Lourenço Marques. Os jogadores estão ao ataque.

BASQUETEBOL

O SPORTING A UM PASSO DO TÍTULO NACIONAL?

Realizou-se ontem a penúltima jornada do Nacional de Basquetebol. Os «leões» com a vitória de ontem devem assegurar o título subtraindo (claro e com o maior respeito pelo Sporting de Luanda), a possível vitória deste no encontro de hoje.

O jogo de ontem começou equilibrado, com as equipas a alternarem na defensiva, homens-a-homem e zona flutuante.

Os homens do Sporting actuaram muito bem no capítulo defensivo, em que construíram uma barreira tal que os ataques moçambicanos não conseguiram penetrar. Não surpreendeu, portanto, que passados alguns minutos o Sporting, sendo bem para o contra-ataque, começasse a usufruir de vantagem, que mais se acentuou a partir do meio da segunda parte, acabando, por vencer de forma indiscutível e com toda justiça pela diferença expressiva de vinte e nove pontos.

Esta equipa do Desportivo quedou-se na vulgaridade idêntica às equipas médias existentes na Metrópole. Esperávamos mais, de facto, do representante de Moçambique.

No primeiro encontro da noite, a Académica venceu (sem contestação) o Sporting de Luanda, dominando o encontro de início até final. Os rapazes de Angola, como tem sido seu apadrão, lutaram abnegadamente. Mas, pareceu-nos que alguns dos seus elementos já não

possuem a mesma frescura física do início da competição. É mais que justo salientar (e aqui abrimos uma excepção devido à regularidade das suas actuações) o jogador Carvalho, pivô do Sporting de Luanda, que de facto mostrou ser fora de série (pela facilidade de processos e eficiência). Só o jogo na tabela, deu luta aos vários «labeteiros» das restantes equipas.

Alinharam e marcaram: ACADÉMICA (41) — Reis Pires (6), L. Almeida (27), Guy (22), Hilário (2), Baganha II (13), Gomes (5), Sequeira (2), Sérgio (2), Catarino e Ching (2).

SP. LUANDA (61) — José

Santos (7), José Maria (8), Carvalho (39), Macedo (8), Barbosa (2), Barroso (1), Guimarães Santos (3) e Quenelpe (2).

Árbitros — José Cardoso e Orlando Rebelo.

DESSPORTIVO (45) — Paulo Carvalho (14), Lima (4), Almeida (9), Arruda, Lopes (3), Alves (8) e Aurélio (9).

SPORTING (74) — José Mário (5), Encarnação (18), Sousa (8), Augusto (11), Sobrinho (19), Valente (10), Monteiro (6) e Vicente (2).

Árbitros — Carlos Tomás e A. Baptista.

Classificação — Sporting, 9 pontos; Académica, 8; Desportivo, 8 e Sp. Luanda, 5.

CICLISMO

NÃO VAMOS À «VUELTA»...

Comunica a Federação Portuguesa de Ciclismo:

«Por sugestão do Conselho Técnico, realizou-se ontem, na sede desta Federação uma reunião entre os ciclistas indicados como possíveis seleccionados, o técnico Manuel Graça e os membros desta Direcção, para se indagarem das condições físicas em que se encontravam os referidos ciclistas e bem assim do seu interesse pela participação na Volta à Espanha.

Após troca de impressões foi-lhes declarado pelos ciclistas não se considerarem com suficiente preparação para levar parte alguma da prova.

Esta falta de preparação foi também confirmada pelos respectivos directores de pelotão do F. C. Porto e Sporting.

Como não é a esta Federação que compete a organização preparatória dos ciclistas e encarecendo o problema bem de frente, visto não haver a mínima garantia de uma representação digna das cores nacionais, embora com prejuízo para o desporto,

esta Direcção não participará na citada prova.

Sobre o assunto e presidente da Federação de Ciclismo, Idalino Freitas, declarou-nos esta manhã:

«A maior parte dos ciclistas ainda não possuem, inevitavelmente, a quilómetros necessários para uma prova desta envergadura. Além disso, houve outros problemas: Leonel Miranda não pôde sair ainda dependendo totalmente da ruptura contrainda em França; Joaquim Agostinho também, igualmente não se encontra bem, não tem forças e de que o médico e aconselha a desistência. Já os outros, se não fossem disponíveis a ser Fernando Mendes e Joaquim Agostinho, ainda que outros possíveis seleccionados transcorram actualmente durante o «Prémio Belpaço». Portanto o problema, não apenas de saúde, mas também de organização, não se encontra resolvido. Por isso não estamos em condições de participar na «Vuelta».

O NORTE

Hoje em Lisboa e partir das 14 horas
O SUPLEMENTO DE AUTOMOBILISMO
DA PRIMAVERA (dez páginas) com os preços
de todas as automóveis à venda em Portugal
Ao preço da edição normal

Diário de Lisboa

Propriedade de
Ressurreição Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef: 32 02 71-2/3 e 32 11 54-5
Publicidade: 3 42 21
End. Tel. DBOA: Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal o céu estava pouco nublado ou ameno, a vento era fraco e havia neblina em algumas localidades para norte da serra da Sintra.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máximo: Lisboa e Alvalade 23°; mínimo: Penhas do Souto 4°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra: 17°; Faro: 18°; Funchal: 6°; Lisboa: 4°; Penhas Douradas: 11°; Portalegre: 9°; Porto: 9°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 6°; na água do mar: 5°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação do bom tempo com possibilidade de formação de nevoeiro durante a madrugada na faixa costeira ocidental. Vento fraco.

Amor
Nascer às 6 e 37
Ocorrer às 20 e 16

MARÉ

PRELA MAR: Dia 17 — 4 e 32 (4,2 m); 6 e 34 (4,1 m); Dia 18 — 5 e 30 (4,1 m); 17 e 26 (4,0 m); Dia 19 — 5 e 47 (3,9 m); 18 e 03 (3,9 m); BAIXA-MAR: Dia 17 — 0 e 7 (0,3 m); 22 e 35 (0,8 m); Dia 18 — 10 e 50 (0,9 m); 23 e 10 (0,9 m); Dia 19 — 11 e 23 (1 m); 23 e 44 (1 m).

PESCAROLO QUEIMOU-SE AO ENSAIAR UM «MATRA»

LE MANE, FRANÇA 17 — (A N 1) — O automobilista francês, Henri Pescarolo, sofreu hoje um acidente, de que saiu com queimaduras superficiais nas pernas e nos braços, quando o seu «Matra» de desporto derrapou, seguindo depois de fazer uma volta de experiência, indo chocar com uma das barreiras, no circuito de Le Mans, partilhando antes de se incendiar. O condutor foi resgatado a vinte metros de distância.

BAIUE

DOS QUINTANISTAS DE MEDICINA

Os quintanistas da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa levam a efeito no próximo sábado, dia 20 de Abril, no Espelho de Água o seu tradicional baile.

Os piques dignarão ao som dos ritmos modernos tocados pelos conjuntos: «Quinteto Académico», «Os Bentônicos» e «The Mechanical Dream».

Os bilhetes estão à venda e podem marcar-se mesas na Sala de Alunos da Faculdade de Medicina.

VIDA POLÍTICA

Ministro da Justiça

O ministro da Justiça receberá hoje, em audiência, o governador civil de Aveiro, dr. Francisco da Vale Guimarães.



O grupo de toureiros portugueses que hoje seguiu para a Indonésia

Gosto da aventura e pioneirismo

— principais motivos de alegria (segundo Manuel dos Santos) dos toureiros portugueses que hoje partiram para Djakarta

A nossa alegria está, principalmente, em termos pessoais — dizem sorridentes Manuel dos Santos, o conhecido empresário toureiro, que partiu ao princípio da tarde, para a Indonésia, onde o espera um programa de cinco corridas à portuguesa, em cada uma das quais serão lidados cinco touros e mortos dois.

Acompanham Manuel dos Santos o cavaleiro José Maldonado Cortes, o matador José Julio, o novilheiro Ricardo Chibangu, os banderheiros José Tinoco, José Agostinho e Manuel Badajoz e ainda, quatro torcedores.

A oportunidade surgiu, em face da grande curiosidade que se verifica no Extremo Oriente, após as corridas em Macau — afirmou Manuel dos Santos, que esclareceu que o aspecto comercial da questão não foi considerado. E acrescentou:

— No entanto, isto é um lançamento. Esperamos que venha a dar saborosos frutos.

Como oportunamente se noticiou, já se encontram em Djakarta 25 touros de lide portugueses e dois cavalos de combate. As corridas decorrerão no estádio de desporto de Senajan, que tem capacidade para 160 mil es-

pectadores e foi especialmente adaptado para o efeito.

O «Grande Lharido» é um gladiador — não um toureiro

Perguntámos a Manuel dos Santos se tinha conhecimento da existência, na Indonésia, de um toureiro chamado «Grande Lharido», o qual, segundo notícias que nos chegaram, teria, o ano passado, organizado uma corrida em Djakarta, o que foi um fracasso, visto que os touros não investiram.

Manuel dos Santos disse:

— Na Indonésia não há toureiros. Há gladiadores que se atiram para a arena e brancam com tigres e outros ani-

mais. Esse lembrou-se de tentar dominar um touro a pulso. O bicho não teria colaborado, segundo parece.

Os rapazes, que estavam sorridentes e bem dispostos, lá seguiram para o avião — um «Boeing» da K. L. M., que os deixará na capital indonésia. Manuel dos Santos dizia, à partida:

— Se, de facto, o gosto pelos touros pegar por lá, aquilo poderá ser, para nós, um interessante campo a explorar. Para já, não se esperam grandes lucros. Mas o que interessa é a aventura.

A embaixada portuguesa estará de volta dentro de 25 dias. Lá estaremos para saber os resultados. Esperamos, sinceramente, que não tragam os boleões a abanar.

RUSSOS: ENCANTADOS COM LISBOA

— Nunca pensamos que Lisboa fosse tão bela. Estamos absolutamente encantados.

Esta era uma afirmação unânime de todos os elementos do grupo de soviéticos que se encontram em Lisboa desde ontem, para uma curta estada de quinze dias. Um dos elementos mais destacados desse grupo, o prof. Gregory Bolajeev, historiador e cate-drático de teatro, declarou-me:

— É a primeira vez que estou na Península Ibérica, pois nunca tinha pisado a Espanha. Não tenho palavras para expressar o quanto me surpreendeu a nossa capital. Alguns mem-bros do nosso grupo, que conhecem já a Espanha há de oitenta que Portu-gal é mais belo e cativante. Per mim, da Europa, conheço muito bem Paris, onde tenho ido muitas vezes. A sensação que guardo depois de dez dias cá, porém, é a de um cosmopolitismo que se não encontra em Lisboa. A juventude, particularmente, tem um ar mais sensível, e as pessoas, com quem, aliás, ainda não tivemos ocasião de falar muito, parecem mais hospitaleiras e tímidas.

— Estas primeiras horas são de verdadeiro encanto. Todos nós estamos muito bem impressionados com a capital portuguesa. Vamos ter oportunidade de estabelecer contacto com vários sectores portugueses, notamen-

te a primeira vez que estou na Península Ibérica, pois nunca tinha pisado a Espanha. Não tenho palavras para expressar o quanto me surpreendeu a nossa capital. Alguns mem-bros do nosso grupo, que conhecem já a Espanha há de oitenta que Portu-gal é mais belo e cativante. Per mim, da Europa, conheço muito bem Paris, onde tenho ido muitas vezes. A sensação que guardo depois de dez dias cá, porém, é a de um cosmopolitismo que se não encontra em Lisboa. A juventude, particularmente, tem um ar mais sensível, e as pessoas, com quem, aliás, ainda não tivemos ocasião de falar muito, parecem mais hospitaleiras e tímidas.

Acerca das suas expe-

riências de Lisboa (deste período de escasas horas que já aqui passou) Gregory Bolajeev disse-nos:

— Admirei muito o Museu de Arte Popular, o Aquário Vasco da Gama, o Mosteiro dos Jerónimos, o Monumento das Descobertas, que tivemos a oportunidade de visitar esta manhã. Mas o que mais me surpreendeu foi a noite que ontem passei num «cabaret de nuit» (sic) ouvindo uma grande artista, Fernanda Maria. Além de cantar muito bem, com muito dramatismo, apresenta-se uma actriz com um espantoso temperamento trágico.

O representante da União das Associações Soviéticas para as Relações Culturais e de Amizade com o estrangeiro, Cholikov disse-nos também:

— Estas primeiras horas são de verdadeiro encanto. Todos nós estamos muito bem impressionados com a capital portuguesa. Vamos ter oportunidade de estabelecer contacto com vários sectores portugueses, notamen-

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO
Para a sua destinação em-lhe os combates eletrônicos.

De vez em quando

Futebol é assunto, momento após o momento, a jornada nefasta de ontem. As emperanças perdidas em Coventry e as que tinham algumas no jogo de Alvalade perduram-nas, sem apelação nem agrave ao fim de noventa minutos. Jogámos admiravelmente, fizemos alarde de grande classe, exibimos valores individuais de alto nível, mas perdemos... Como se diz em linguagem futebolística, fraguejámos na zona da verdade. Agora, generalizando, continuamos a ser excelentes pessoas, argutos, trabalhadores, capazes de sacrifícios, óptimos chefes de família, somos todos muito bons... mas é o que estamos a ver.

V. D.

O ministro das Obras Públicas vai amanhã a Cascais

O sr. eng.º Rui Sanches, acompanhado do governador civil de Lisboa, dos directores-gerais e técnicos do seu Ministério e do presidente do Município de Cascais, desloca-se amanhã, em visita de trabalho, àquela vila e respectivo concelho.

As 9 e 30 há uma reunião de trabalho, nos Paços do Concelho, para apreciação dos assuntos a tratar relacionados com diversos empreendimentos, como rodovias, esgotos, estabelecimentos de ensino, urbanização e saneamento, seguindo-se visitas a diversos locais.

damente, científicos e artísticos.

Visitas
ao Teatro Nacional e ao Laboratório de Engenharia Civil

No Hotel Mundial, onde os membros da delegação soviética chegaram pouco depois de uma hora, para o almoço, todos queriam falar com os visitantes. O tempo, porém, escasseava, pois o programa desta tarde a cargo da Agência Trexpress, que organizou a excursão, inclui mais visitas a pontos turísticos da capital.

Amanhã, os elementos do grupo soviético irão ao Teatro Nacional assistir à representação da peça de Albee «Equilíbrio Instável» e à distribuição dos prémios da Casa da Imprensa.

Um representante do Laboratório de Engenharia Civil deslocou-se de manhã ao Hotel Mundial, a fim de convidar a sr. Sokolovskaya, engenheira e directora do Museu de História da Técnica de Moscovo, a visitar aquela instituição. O convite foi imediatamente aceite. Pergunta: «Podemos levar outros elementos do grupo?» A resposta foi, evidentemente, afirmativa.

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

ESTA SEMANA

motor

SAI AMANHÃ COM 32 PAGINAS

com assuntos de grande actualidade, artigos de maior interesse e, além de todas as suas secções habituais.

Um Suplemento dedicado à NAUTICAMPO

Preço 2000

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

N.º 559/17 DE ABRIL DE 1969



EU, MANOLO DIAZ

Entrevista de José Duarte (nas centrais)



Vailland ressuscitado: sob o inimitável regard froid, a duplicidade (dramática) do libertino

VAILLAND ÍNTIMO

por Álvaro Manuel Machado

VAILLAND contra Vailland, Vailland ou a arte da negação.

Quatro anos depois de morrer, Vailland ressuscita. E este Vailland ressuscitado agora nos seus *Écrits intimes*, publicados pela Gallimard, é uma espécie de herói-mártir do nosso tempo, mantendo embora o seu inimitável *regard froid*. Para lá do Vailland resistente-libertino e do Vailland da «grande ilusão» política, para lá do Vailland perito do amor sádico, há ainda um Vailland poseído dos mitos e dos tabus sexuais da infância e da adolescência. E este último Vailland, que se mantivera até agora na sombra, surge como uma espécie de duplo do libertino: este afirma-se na medida em que luta desesperadamente por negar aquele.

Já com a publicação recente, nos *Cahiers de l'Herne*, dos textos completos e de um estudo sobre um dos primeiros movimentos surrealistas franceses, *Le Grand Jeu* (?), este aspecto psicanalítico de Vailland torna-se evidente. Agora, ao longo das 840 páginas dos *Écrits intimes* e através do estudo que a ele consagra o ensaísta Jean Bessac (do qual aparecerá brevemente na Gallimard o ensaio sobre Vailland *Esquisse*

pour la psychanalyse d'un libertin) esse aspecto torna-se complexo e insolúvel.

DROGA E POESIA

A primeira parte dos *Écrits intimes* vai de 1923 a 1934. É a «saison» (utilizando o termo com que Vailland gosta de qualificar as metamorfoses por que vai passando) da droga e da poesia. É a «saison» do surrealismo adolescente dos *Simplicistes* do liceu de Reims. Droga e poesia são então para Vailland as únicas armas que utiliza contra a rígida tradição familiar católica e sobretudo contra o seu complexo de inferioridade perante as mulheres (há referências nestes *Écrits intimes*, mais tarde, a um complexo de castração).

É curioso ver, para lá evidentemente da tão elementar estrutura de pensamento filosófico, a maneira como Vailland — num artigo publicado no primeiro número do *Grand Jeu* (1928) a propósito dos *Bestiaires* de Montherlant — une o conceito de metamorfose ao conceito de religião: *Que dans toutes les religions la métamorphose, communion parfaite, ait été considérée comme un progrès dans la voie spirituelle, il n'est là rien d'étonnant pour ceux qui ont*

quelque peu médité sur l'Unité. (...) La multiplication et la confusion des formes est un premier pas vers la communion cosmique. C'est le commencement de la fusion en l'Unité.

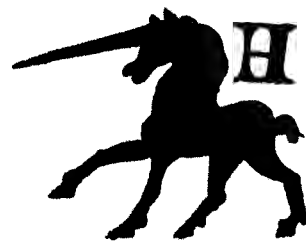
Paris e as mulheres são a primeira metamorfose de

(Continua na 7.ª página)



Vailland no traço de Vasco

Um curso sobre ALMADA NEGREIROS



Folhetim artístico de José Augusto França

UMA EXPERIÊNCIA acaba de ser feita que me parece de registar. Porque fui eu quem a fez, tenho sobre ela boa informação e mais certezas e dúvidas do que qualquer outra pessoa. Em boa verdade, porém, não fiz sozinho esta experiência, mas com umas dezenas de pessoas que a justificaram.

Trata-se de um curso sobre a obra de Almada Negreiros, realizado no quadro da minha cadeira de «Noções de Sociologia da Arte» no Curso de Formação Artística na S. N. B. A. Doze lições programadas durante três meses, para cobrir a inteira e múltipla actividade do poeta, do dramaturgo, do escritor, do pensador e do artista. E para tentar definir ou entender a sua situação no complexo sociocultural português.

Sobre Almada Negreiros escreveram-se já, que eu saiba, duas teses de licenciatura em Românicas, uma em Lisboa outra em Coimbra, e em Bruxelas uma professora lusófila prepara um doutoramento — mas sempre sobre o homem de letras, deixando um pouco de parte o homem de arte, por alheia especialização dos pesquisadores. No entanto, ninguém em Portugal foi tanto de Arte e de Letras como Almada Negreiros. Numa cultura onde os dois domínios são tradicionalmente estanques, sendo breve a cultura literária dos artistas e afiliva a falta dela nos escritores — o caso de Almada é único. Na geração seguinte à sua, situou-se no mesmo plano um António Pedro — mas com dosagem diferente da sua, no campo literário, e, em invenção poética, no campo das artes visuais, aonde trouxe uma dimensão cénica específica. Dele, de resto, penso ocupar-me no próximo ano lectivo, dentro do mesmo ensino do C. F. A. — ensino-marginal-mas-no-fim-de-contas-mais-actuante-que-o-outro...

Almada Negreiros é, assim, objecto universitário. Ele é também objecto cinematográfico: neste momento, preparam-se dois filmes sobre a sua pessoa e obra — um do Ernesto de Sousa, com colaboração de muita gente do dito C. F. A. e minha também; outro é do António de Macedo, com colaboração do David Mourão-Ferreira e pena minha em recusar a que me foi pedida, por anterior compromisso. Será também ele objecto dum livro-álbum que poderá sair do filme de Ernesto de Sousa, melhor, com certeza, do que já foi dum livrinho das Edições Artis que escrevi há meia dúzia de anos e se esgotou. Melhor ainda ele o poderá vir a ser, ou deverá ser, dum verdadeiro livro como há mais anos falhei escrever para outro editor — e do qual me ficou apenas, no bloco da pena, o sabor dum título: *Almada Negreiros, ou o Português sem Mestre...*

Supervalorização, endeusamento, mitificação dum homem de carne e osso, como há quem pense? Não creio ou tenho a certeza de que não) que no meu curso falhasse algum sector crítico: de deuses nunca eu soube — e quanto a mitos, porque não? Em Portugal grassa,

entre outros males, a necrofilia. Depois de morto é que é... com o lado do costume, cheio de pena de não se ter sabido em vida... Em vida, porém, a menos que o interessado faça por isso, com indiscreta presença nos jornais — é o silêncio da tumba. Matam-se as pessoas em vida, para as ressuscitarem depois de mortas. Estranha situação cristã! Assim se passou com o Amadeo — e disso todos temos uma culpa de quarenta anos, desde 1916 até 1956... Haver pessoas a não deixarem que as-



sim seja com o Almada — é pecado que às outras parece mal e perigosíssimo para o seu descanço.

...Quanto a mitos, porque não? — se soubermos socioculturalmente o que um mito é. Sem dele termos medo? O mito tem um empenho vivencial em que nós próprios entramos, com os nossos desejos e as nossas necessidades. Que Almada tenha sido, de variadíssimas maneiras, um catalisador desses desejos e dessas necessidades, é um facto histórico. Ele constitui, de resto, na vida mental portuguesa, uma rara garantia da existência de desejos e de necessidades vivas em Portugal... O seu itinerário, da física à metafísica (contrário, me parece, ao de Fernando Pessoa, ido da metafísica à física — e por isso mesmo votado à falência, ideia menos complicada do que parece mas que aqui não cabe desenvolver), comprova a sua função mítica. Nenhum outro autor, com efeito, foi mais imediatamente (visualmente) físico do que Almada — nesse processo desejando e podendo definir uma *sagesa de vida*, de vida uma e consubstancializada dentro dum lirismo dinâmico, que à sua geração competia, antes da involução «presencialista».

O *Nome de Guerra*, escrito em 1926 e publicado em 1938 é, a esse propósito, um «romance de aprendizagem», como outro não há na literatura nacional —

(Continua na página seguinte)

Esclarecimento

Do poeta E. M. de Melo e Castro, nosso colaborador, recebemos o seguinte esclarecimento:

Relativamente à nota «Fragmentos e equívocos» de V. S. T. (com que concordo nas suas linhas gerais) publicada no Suplemento Literário de 10 do corrente, acerca dos 2 números especiais do Suplemento do Minas Gerais dedicado à Literatura Nova em Portugal, julgo ser necessário esclarecer o público e até os escritores portugueses com pretensões a «Novos» do seguinte:

1) Embora o Suplemento do Minas Gerais se publique em português, ele não é um Suplemento lisboeta... É um Suplemento de um Jornal de um País estrangeiro que abriu as suas páginas a publicar fraternalmente Autores Portugueses, captando-os, por vezes, no que de mais vivo e polémico possam ter.

De frisar que é a primeira vez que isso acontece em tão grande extensão (2 números = 24 páginas de 31,5x46,7 cm) o que considero como um facto altamente notável e significativo de que outros números se seguirão com outros colaboradores, etc., etc.

2) Aproveito a ocasião para tornar público um convite do escritor Murilo Rubião (um dos redactores responsáveis do Suplemento do Minas Gerais) para todos os escritores portugueses Novos (isto é, que tenham alguma coisa criadora a fazer ou a dizer).

Mas atenção: eu não sou o representante do Minas Gerais em Lisboa, portanto quem quiser colaborar deve entrar em contacto directo com o Suplemento, que se publica em Belo Horizonte, no Brasil.

3) De facto, eu represento-me apenas a mim próprio e não sou responsável senão pelo que escrevo.

A assim, relativamente à

organização destes 2 cadernos, é necessário dizer que muito me surpreendeu o aparecimento do meu nome como colaborador de certo modo responsável, ao lado de Arnaldo Saralva.

É que eu não seleccionei nomes nem fotos; não atribuí nem distribuí números de páginas a ninguém. Limitel-me a sugerir a Murilo Rubião (há mais de um ano e meio) um Suplemento sobre a Poesia Actual em Portugal, e a enviar, quando me pediram através do Arnaldo Saralva, a minha colaboração: 2 artigos (republicações de jornais portugueses), um poema então inédito, uma foto e um poema gráfico.

Depois tive notícias dos números especiais, por Ana Hatherly, quando ela regressou da sua viagem pelo Brasil, onde contactou com o Minas Gerais. O Suplemento cresce e o interesse era muito grande. Depois, passados uns meses, surgiram os dois números que me surpreenderam pela desigualdade da qualidade de certos nomes, falta de uns (Rui de Sousa O'Neill Cesarini), presença de outros... Mas um Jornal não é uma Antologia nem um tribunal para a eternidade, mas sim uma expressão do quotidiano transitório, um meio de informação, e creio firmemente que o importante é que existe agora no Brasil uma via de diálogo amplamente aberta à colaboração portuguesa que tenha qualidade.

De uma coisa podemos estar certos: é que a equipa do Minas Gerais (M. Rubião e Luis Correia de Araújo, principalmente) são criadores, críticos e camaradas de um país irmão, cheios de um interesse válido em conhecer e dar a conhecer o que se passa em Portugal, mas tenho a certeza de que estão acima das «capelas» de Lisboa...

E. M. DE MELO E CASTRO

A procura do Mundo

O MUNDO À MINHA PROCURA (3.º volume) Autobiografia de Ruben A. Parceria A. M. Pereira. L.ª Lisboa, 1968

NAO SAO muito frequentes na literatura portuguesa contemporânea as obras de cariz autobiográfico. E, no entanto, poucas épocas da nossa história terão sido tão propícias a este encontro do escritor com as grandezas e misérias do seu passado, no quadro mais amplo das «solitações» e «emboscadas» em que se geraram os destinos colectivos. Razões que expliquem tal facto não é, com certeza, difícil procurá-las. Pois todos sabemos o preço da coragem quando se trata de expor as vicissitudes do próprio «eu» ao julgamento implacável das cons-

ciências alheias. Uma coisa é certa: se o acto de escrever implica um compromisso moral, a autobiografia de um escritor, quando verdadeira, pode ter um alcance humano de grande interesse — ajudar cada leitor a definir o seu caminho pelo dialéctico confronto que propõe entre experiências e opções diferentes.

O terceiro e último volume da autobiografia de Ruben A. não desmente o que acabamos de dizer. A mundividência do autor — quer se localize geograficamente no Porto, no Alto Minho ou em Londres, quer nos fale de ilustres desconhecidos (como esse Lord Rosy, resuscitando um antigo solar da Ribeira Lima para os prazeres estéticos e amorosos do seu envelhecer) ou de vultos familiares ao nosso quotidiano cultural (Pe-

dro Homem de Mello, Eugénio de Andrade, Miguel Torga...) — a mundividência do autor, distantes, possibilita esse enriquecedor contacto com a intimidade espiritual de alguém, que, por ser escritor, mais apto estará a transmitir as variadas nuances do real circundante. Por outro lado, o presente volume reveste particular interesse para os conhecedores da obra de Ruben A., na medida em que lhes facilita o acesso às origens de outros livros do autor — «A Torre da Barbeta», por exemplo.

Pena é que o estilo gongórico de Ruben A., carregado de construções pouco ortodoxas e abundante de uma fraseologia rebuscada, torne a leitura por vezes cansativa, diminuindo a consequentemente a fruição estética deste «O Mundo à Minha Procura»



— título um tanto ou quanto pretensioso para um itinerário do escritor à procura, ele, do seu mundo e do mundo dos outros...

M. A. VALENTE

Uma leitura difícil

O INTERROGATORIO Romance de Robert Pinget Editora Ulisseia Lisboa, 1969

«O INTERROGATORIO» («L'Interrogatoire») é o segundo romance de Robert Pinget publicado em Portugal, uma vez que já conhecíamos, também graças à Editora Ulisseia, uma outra obra do autor: «O Garoto» («Le Pigeon»). Nascido em 1920, Pinget é uma das figuras de maior destaque entre os que, após Robbe-Grillet e o primeiro núcleo de seus pares, continuaram a aventura formal do cha-

mado novo Romance. Não é este o momento azado para nos alargarmos em considerações de natureza não literária, mas gostaríamos de chamar a atenção para a relativa abundância de traduções dos «novos» escritores franceses. Tendo em conta, por um lado, que o circunstancialismo sociológico que enquadra tais formas romanescas não encontra entre nós qualquer analo-



gia e, por outro, que continuamos a desconhecer grande parte das literaturas mais facilmente referenciáveis a uma problemática portuguesa...

Ao longo das suas quase 400 páginas, «O Interrogatório» é aquilo mesmo que o título sugere: uma sucessão de perguntas e respostas, através das quais se possibilita a reconstrução de uma dada realidade. Utilizando sistematicamente a abordagem exaustiva de todos os pormenores — o interrogado ocupa dez páginas, por exemplo, para descrever o mobiliário de um salão — e amontoando situações cujo interesse narrativo não é fácil descurar, Pinget mantém-se fiel às coordenadas fundamentais da sua experiência mas dá-nos uma obra de leitura difícil, cansativa, em que a atenção se prende aos aspectos oficiais por não lhe ser dada possibilidade de fruir os prazeres de uma comunicação autêntica.

M. A. VALENTE

No reino da Katalónia?

O REINO CIRCULAR por Mário Braga Atlântida, Coimbra, 1969

«A história maravilhosa do cronista de Akalino, sentinela e inventor do reino da Katalónia serviu de tema a O Reino Circular, novo livro de Mário Braga. Escolhendo os invios caminhos da alegoria para explicar uma problemática dos dias de hoje não pretendia o autor, com certeza, ser original. Antes dele, já alguns haviam ensaiado esse refúgio em outro espaço e outro tempo para, escapando às limitações circundantes, mais livremente analisarem o multifacetado rosto do seu próprio tempo e do seu próprio espaço.

É evidente que o processo tem os seus perigos: o mais importante dos quais será o esquematismo com que a transposição epocal tende a realizar-se. No caso presente a regra foi uma vez mais confirmada. A evolução intelectual do cronista de Akalino, encerrado desde sempre num dos últimos andares do palácio real e conhecendo da vida e dos homens apenas o que lera nos livros ou ouvira da boca dos sábios; o impacto nele produzido pela desco-



berta de uma realidade que jamais sonhara existir; a consequente tomada de consciência da felicidade do seu povo, governado por um tirano edioso e sanguinário — todas estas linhas de força de O Reino Circular se conseguem concretizar-se com um quotidiano do nosso tempo não impedem, por outro lado, um empobrecimento do complexo mais vasto em que se tocam as angústias e as esperanças presentes. O que não poderá, talvez, considerar-se defeito, mas limitação inerente ao género escolhido.

Narrativa limpa, de onde em onde poética, o novo livro de Mário Braga (12.º de uma obra sem grandes audiências, é certa, mas informada por um humanismo estético, louável) lê-se, porém, com prazer. Por isso mesmo, cara leitor, recomendamos esta viagem ao «Reino Circular».

M. A. VALENTE

Um curso sobre Almada Negreiros

(Continuação da 1.ª página)

ou como ao o recente e admirável O Mundo à minha Procura do Ruben A. O herói do Almada, este «Antunes» que finalmente descobre chamar-se Luis, menos procura do que é procurado, também, pelo mundo. De resto, é essa a única garantia duma aprendizagem autêntica... Distia o Picasso (não procure, encontra), um pouco mais além, temos a verdade do Almada: «não procure, sou encontrado»...

Precisamente comeci o meu curso sobre Almada Negreiros por uma análise do Nome de Guerra. Ali, de uma vez só, o autor nos aparecia em corpo inteiro. E de tal modo que o Ernesto de Sousa vai chamar ao seu filme Almada, um nome de guerra — jogando bem na expressão que significa pseudónimo e jogo, e luta também.

Depois foi indo cronologicamente: pelos anos 13-15, com o Manifesto Anti-Dantas, A Engomadeira, e a Cena do Ódio, pelos anos 18-18 com o Futurismo e a exposição do Amadeu, pelos anos 20-27, com A Invenção do Dia Claro, o quadro da Brasileira e o Nome de Guerra, pelos anos da sua experiência madrieta, pelos anos 30 do regresso, da Descepção Única e da revista Sudoeste, pelos anos 40 das frescos das gares marítimas (que são a obra maior da nossa pintura da primeira metade do século). E, em lições separadas uma aproximação do seu teatro (com a colaboração do Ernesto de Sousa), do significado

(para mim essencialmente poético) das suas especulações numerológicas (com a colaboração de José Blanc de Portugal) — e da sua poesia, cedendo eu aqui a palavra ao Jorre de Sena que



realizou uma notável lição sobre as estruturas da linguagem poética de Almada Negreiros.

Assim, sobre um autor vivo, se realizou uma experiência docente e ensaística cujo valor pedagógico me parece considerável. Porque dos vivos também vive a cultura portuguesa...

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Luiza Neto Jorge na «III»

Amanhã, pelas 18 horas, descobrirá, na Livraria-Galeria III uma sessão de leitura de poemas do livro «Desanove Recantos», de Luiza Neto Jorge, recentemente dado à estampa por «Iniciativas Editoriais».

O poeta António Cruz, nosso colaborador, fará a apresentação desta obra de Luiza Neto Jorge cabendo à autora e a Ana Maria Teófilo a leitura dos poemas.

Galerias e exposições

por Rocha de Sousa

HELENA ALMEIDA
Galeria Buchholz

NÃO É A PRIMEIRA VEZ que Helena Almeida expõe individualmente na galeria Buchholz. Já o fizera em 1967, mostrando pinturas onde o espaço se traduzia em termos abstractos, mas realizado ou explicitado através de umas relações básicas que se desnudavam. «Nessa pintura» — lembra Rui Mário Gonçalves — «verifica-se que, para Helena Almeida, o espaço não é uma realidade transcendente de que se tenha a intuição ultrapassando a contingência das coisas, mas uma realidade objectiva que se deduz delas e das suas relações. Era uma pintura abstracta em que tudo se tornava objecto representado». Na actual pintura de Helena Almeida os dados dessa representação transferem-se para a dimensão do objecto, embora o objecto inversamente se represente. «Agora é tudo objecto mesmo, sendo porém o espectador convidado a reparar que qualquer objecto se pode tornar sinal».

As pinturas de agora, com efeito, contêm o inesperado de se revelarem claramente objectos, apesar de traduzirem um processo consequente das anteriores análises, sobretudo das de 67. Contêm em si mesmas o sinal exposto no plano, condensado através das habituais transferências da representação, e contêm o prolongamento físico do sinal, a coisificação do que se representou. O suporte deixou praticamente de funcionar de acordo com a sua etimologia, no sentido em que dele se escapam as figuras a que ele comumente se colam, ou que nele se instalam por simulação: as figuras saem para o exterior do plano, não apenas para diante (no sentido dos relevos, por

exemplo) mas para o exterior em toda a sua acepção, individualizando-se volumetricamente como objectos definidos, como formas que se emanciparam da sua contingência plástica e se constituem corpos de uma realidade súbita, portanto de uma realidade nova. O próprio plano é desmontado dos limites convencionais do quadro e transformado ou na persiana de uma janela que se desvenda ou num simples rectângulo que se retira da moldura e que se manuseia fisicamente em qualquer direcção. No mesmo sentido, o plano esvaziava-se do seu conteúdo e as formas que o significavam ou que o faziam viver descem para o domínio do nosso próprio movimento, cristalizadas e individualizadas como objectos absurdos, mas afinal envolvidas a uma disponibilidade. Ele dispõe agora, com efeito, do desmentido das aparências ao nível da corporização do que delas se pode representar: e aqui são apenas os tracejados, as dobras intuitivas do espaço, o vazio de uma distância que se fez opaca, um vermelho pintado que se transformou em tela e que se pode enrolar e substituir definitivamente. Pertencem, no entanto, esses elementos renascidos a três dimensões, a um conjunto objectual que se identifica como um todo, porque dele dependem em última análise e ao plano retornam pelo exercício da actividade visual do espectador. Feita a leitura nos dois sentidos possíveis, o quadro é desmontado nas suas aparências, nas suas mentiras, derramando-se no espaço pela tradução tridimensional do que nele se continha e que desse modo ganha um novo sentido plástico — e o quadro é imediatamente refeito através da reintegração desses elementos no domínio da sua realidade de partida, o plano, aí onde se reasumem bidimensionalmente e de acordo com

a condensação que o acto de representar impõe

As ideias assim contidas na actual pesquisa de Helena Almeida organizam-se segundo uma realização franca, que se desnuda deliberadamente perante o espectador para que a função didáctica sobreviva, e a própria cor é muito aberta e incisiva, tomada em directo de um quotidiano cintilante que se identifica com a nossa ex-

periência e com a nossa capacidade de leitura. Essa cor em todo o caso não é posta ao serviço da tradução de certas imagens conhecidas, ou que de mais perto influenciam o nosso olhar, antes se desenvolvem abstractamente em função do objecto tratado, ao serviço daquilo a que Rui Mário Gonçalves chamou uma nova sensibilidade e num plano estético que ele designou como «pop-art abstracta».

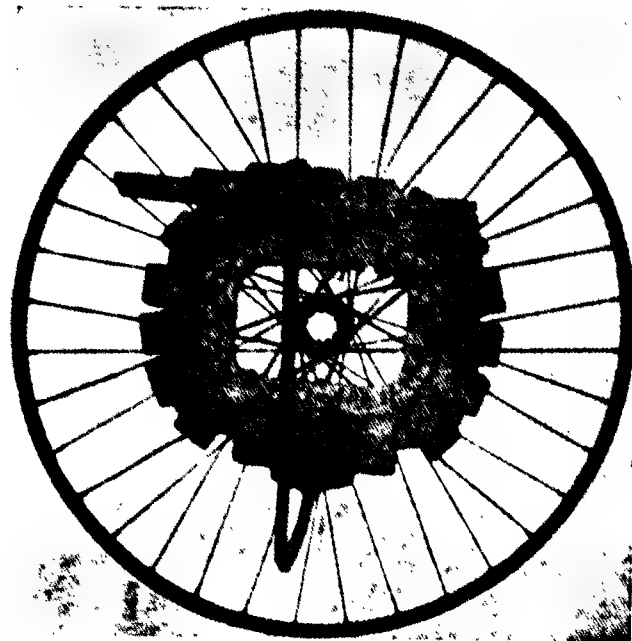


Aldina: do drama ao objecto trivial

ALDINA COSTA
Galeria 111

Em 1967, Nuno Bustorff escrevia sobre Aldina Costa: «O que surpreende em Aldina é o tom, que é bem nosso, português; a fractura compulsiva que representam os seus quadros e a realidade em desequilíbrio que parecem insinuar. Eles são, cada qual, um pequeno todo suspenso no acaso, no nada (brancos e tela nua onde paira um agrupamento cerrado de formas) e é nessa suspensão irracional que vivem os pobres e comprometidos fragmentos de objectos, de máquinas, sinais do homem que ela nos apresenta e que estão todos eles, em desunião mas profundamente agarrados uns aos outros pelo desespero e pelo furor de viver».

Desta tão pessoal tradução literária da pintura que neste tempo Aldina realizava, e que de resto bem depressa a radicou entre os nossos artistas mais interessantes, resalta pelo menos o relevo dado a certos elementos que dramaticamente impunham uma linguagem característica. Não foi pelos aspectos mais retóricos dessa pintura que o juízo se fez; para além das facilidades do exercício formal, para além da sua natural adjectivação, havia um mundo de coisas que se expunham ou se diziam, havia uma problemática que começava a estabelecer-se dentro de uma investigação apropriada e viva. Viva e talvez vivida, a julgar pelo desenvolvimento que chegou a ter, ainda que de uma forma



Bertino: um formalismo esgotado

BERTINO
Galeria Interforma

de relações que assim se estabelecia — um entendimento do mundo, de qualquer modo e apesar das singularidades expostas — perdeu-se para o silêncio ulterior de Aldina Costa e está longe de ter sido reconquistado com a natureza dos esmaltes que apresentou na Galeria 111. O próprio material, de resto, a traiu nessa experiência em que a capacidade artesanal não se desmente, mas onde submergem um certo tipo de preocupações criativas que melhor a sublinhavam. «Un homme n'est pas stupide ou intelligent: il est libre ou il n'est pas». Mas a liberdade tem muitos caminhos e é nisso que reside o seu peso maior: porque a escolha não se faz sem risco e o risco corresponde de muito perto à moralidade da história. Os esmaltes são também o reflexo de um caminho assumido, mas a sua dimensão, como alguém me dizia, não escapa ao domínio de objectos destinados às paredes de pessoas que podem ter esmaltes nas paredes. Por seu lado, os esmaltes têm espelhos: e nos espelhos se reflecte irremediavelmente a nossa perplexidade, quando procuramos fugir ao apelo dos objectos no plano do seu consumo imediato para reencontrarmos o sentido da sua filiação anterior. Das máquinas oxidadas em que os homens se confundem, Aldina passou à requintada decoração-deparede por onde os homens se distraem, ainda que por vezes reflectidos no espelho onde deviam interrogar-se.

Diz-se no catálogo que Bertino, «não tendo frequentado nenhum curso superior de Arte, entrega-se por vocação à pintura». E que foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, onde tem residência e onde trabalha incansavelmente. E ainda que, nas horas das livres pela angariação do seu sustento, Bertino prossegue nas pesquisas do seu processo pictórico. Acrescenta-se, que, ao mesmo tempo, ele mantém contacto com o meio artístico parisiense e caso extraordinário! — recusa contratos com galerias e empresários de Arte.

Com referências desta natureza, postas assim mesmo em letra de imprensa, seria de esperar duas coisas: ou um verdadeiro caso de martírio criador, singular e honroso, ou a mediocridade comercial proposta enfaticamente à nossa miopia saloia. Ao fim e ao cabo, nem uma coisa nem outra: apenas o esforço obscuro de um homem (o catálogo diz que tem quarenta anos em nos convencendo da actualidade de uma experiência matérica e tridimensional da pintura em termos aliás excessivamente retóricos, que a «maquiagem» utilizada só exacerba. A exposição é, em si mesma, um exemplo deste excesso na medida em que se fez sobre-

(Continua na 6.ª página)

EXPOSIÇÕES

GALERIA BUCHHOLZ Rua Duque de Palmela	HELENA ALMEIDA, UM ESPAÇO ONDE AS FIGURAS SE COISIFICAM
GALERIA QUADRANTE Av. Luís Bivar	EURICO GONÇALVES, DESCOLAGENS E DESPINTURAS COM COLAGENS E PINTURA
GALERIA 111 Campo Grande	ALDINA COSTA, ARTESANATO ELEGANTE OU A CONTINGÊNCIA DECORATIVA
GALERIA INTERFORMA Av. Casal Ribeiro	BERTINO, A ADJECTIVAÇÃO INSIGNIFICANTE
GALERIA DIVULGAÇÃO Rua D. Estelânia	MILY POSSOZ, PAISAGISMO E GATOS
GALERIA 111 (cave) Campo Grande	COSTA PINHEIRO, O PODER DA MÃO EM EXCELENTE GRAVURAS
GALERIA INTERFORMA Av. Casal Ribeiro	BERTINO, UM FORMALISMO ESGOTADO
GALERIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN R. Marquês de Fronteira	EXPOSIÇÃO DE OBRAS RECENTEMENTE ADQUIRIDAS PELA FUNDAÇÃO



Helena Almeida: função didáctica



MANOLO DIAZ

Entrevista
de
José Duarte

sentemente faço, é para ser ouvida, escutada...

● *É popular em Espanha?*
● Sou popular apesar de não ter grande êxito.

● *Quem são as figuras populares de Espanha?*

● Talvez Sarita Montiel ou Marioli, gente que... Córdoba também, gente que...

● *Qual a tua opinião sobre Rafael?*

● Rafael, a sua vida, a sua obra, é um espectáculo... Com uma voz bonita, nunca fez nenhum bem à Nação, pelo contrário, está alienando-a. Nada tem a ver, com o que se passa em 1969.

● *No intervalo da transmissão do último festival da Eurovisão, a televisão espanhola incluiu um pequeno filme, com música de Luis de Pablo.*

● Luis de Pablo é um homem que está a trabalhar num campo experimental. É um compositor de linguagem musical avançada, um artista de vanguarda. As suas experiências com música electrónica e música concreta, embora não sensibilizem a gente que vive em 1969, abrem as portas a um futuro muito próximo. Luis de Pablo é um grande músico e tem-no demonstrado através de toda a sua obra, de toda a sua vida dedicada à Música.

● *Joaquim Diaz cantou há pouco tempo em Portugal. Que pensas da sua obra?*

● Joaquim Diaz é um livro com pernas, é uma enciclopédia, um musicólogo.

Mais que um intérprete, considero-o um «manual» de folclore. Sabe «tudo» sobre folclore, não só espanhol, como mundial. Está a ter um papel também extremamente útil, ao contribuir para o êxito de grupos intérpretes de folclore como, por exemplo, o grupo «Nuestro pequeño mundo».

● *Anuncia-se a vinda, dentro em breve, de Paco Ibañez, a Portugal. Fala-nos um pouco do seu trabalho.*

● Paco está realizando um grande trabalho de difusão de textos poéticos, poemas, até então desconhecidos pela grande massa. Não se lê poesia hoje em dia... Paco, é um homem muito comprometido na sua vida privada e coerente com o que apregoa nas suas canções.

● É um homem cada vez mais pobre economicamente, e mais rico ideologicamente...

● *Em tua opinião, o que diferencia a tua obra da de Paco Ibañez?*

● É difícil ajuizar-me a mim mesmo, há o perigo da falta de objectividade.

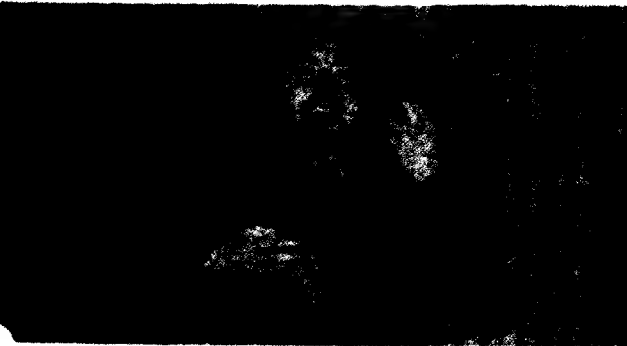
Considero-me um mau intérprete das minhas próprias canções, que carecem formalmente de qualidade poética, embora tenham um grande conteúdo social e sejam escritas, ditas na linguagem do homem da rua, para o homem da rua.

Paco, sem dúvida, tem um matiz mais intelectual que eu, no entanto, até certo ponto, posso considerar as nossas obras, como paralelas. Creio que Paco está a realizar uma obra mais importante que a mi-



...as verdades, as bárbaras, terríveis, amorosas crueldades, a palavra necessária...

CELAYA



nha, pois os poemas que canta são de Hernandez, Alberti...

● *Celaya...*

● Celaya, Machado, Lorca. Consegue que as pessoas no autocarro os traquem, os cantem.

● *Entre as vossas duas soluções, qual para ti é a ideal para servir uma música que se quer popular, actual, séria, actuante?*

● Sem abandonar a qualidade poética, e melódica, a canção deve ser útil ao homem de hoje. Deve ser dirigida ao sector que vive, que habita a Terra, no mo-

mento em que se está a cantar. O grande segredo da canção, hoje em dia, deve ser e é pôr-nos em contacto directo com aqueles que têm a sorte ou a desgraça de habitar a Terra em 1969.

● *O teu público é essencialmente a juventude estudantil, classe média, alta burguesia, ou outro tipo, mais indefinido e heterogéneo de público?*

● É uma camada baixa, porque, exactamente, eu falo a linguagem dessa camada. Embora a minha intenção seja a de ser útil a todos, o que eu disser aos

● *Quem é, Manoel Dias?*

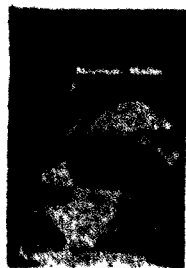
● Mais exactamente o meu nome é Manuel Dias, nasci em Oviedo, nas Astúrias, em Espanha, em 5 de Julho de 1942. Estudei música durante 6 anos, sou filho dum empregado da Companhia das Águas e duma professora de piano e por pertencer a esta geração do pleno pós-guerra, nasci condenado a ser

engenheiro; meus pais tinham essa obsessão, queriam para mim o «melhor» e por isso me tornei topógrafo, engenheiro, técnico de grau médio, que não exercei porque não gosto. Comecei por fazer parte de vários «grupos de guitarras eléctricas», pouco importantes. Público e música diferentes, dos meus, de hoje. A música que, pre-

Uma obra arrojada, violenta, apaixonante

um sonho
AMERICANO
de NORMAN MAILER

«O livro mais importante do autor depois de OS MÚS E OS MONSTROS»



Reconhecem-se os componentes habituais do romance de sensação: violência, sexualidade, assassínio disfarçado de suicídio, narcisismo, alcoolismo, confusão sexual, rapina... E, no entanto, não se trata de um novo Mickey Spillane ou de um banal filme de bairro. Vainville, Mailer transforma em verdadeiros mitos estes elementos que fazem parte da vida (real ou sonhada) de todos os dias.

PIERRE DOMENECOS
Le Monde, 12.4.67



A ação lembra a dos filmes de bairro: belas raparigas, carros de polícia, sirenes, matanças, pessoas que se perseguem. Acreditai durante muito tempo que isto fazia parte do horror da vida americana, da sua cultura ideológica... O «Sonho Americano» quis explorar este material bruto fascinação, horror, magia...

NORMAN MAILER

Collecção Contemporânea — vol. de 396 págs. — 50000

Obras de Norman Mailer na Portuguesa Editora:
PRIMAS DA BARBARIA — vol. de 384 págs. — 40000
OS MÚS E OS MONSTROS — vol. de 712 págs. — 60000
OPARQUE DAS CENÇAS — vol. de 400 págs. — 50000

Carta aberta a Jaime Salazar Sampaio e Artur Ramos sob a égide de Álvaro de Campos por Carlos Porto

NUNCA CONHECI quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

ÁLVARO DE CAMPOS

OUVIDOS os vossos depoimentos (1) sobre o que constitui um dos retornantes fracassos teatrais da temporada — parecem-nos justo fazer ouvir a voz de um espectador (embora com responsabilidades críticas).

Esse fracasso não foi para nós uma surpresa por aí além: uma análise, a mais rudimentar, do espectáculo levava à evidente conclusão de que aqueles não continha elementos susceptíveis de atrair qualquer dos públicos que frequentam as nossas casas de espectáculo.

O depoimento do autor dos «Visigodos» esclarece-nos a razão por que dificilmente o seu texto pode-

ria conter esses elementos. Diz o Jaime Salazar Sampaio: a peça para mim um encadeado necessário de palavras, situações, que se basta a si próprio e constitui como que um objecto. Pronto! A partir deste surpreendente e inverosímil conceito de teatro, compreender-se-á que «Os Visigodos» praticamente não exista como teatro. Pois se para o autor o teatro se reduz a um mero encadeado necessário de palavras e de situações que se basta a si próprio — então para quê, por quê representá-lo? Fendose ainda um outro problema: há substanciais diferenças entre o texto publicado pela «Europa-América» e o apresentado em palco. Qual deles é o objecto acabado a que se refere Jaime Salazar Sampaio?

Na verdade, o facto dum texto ser encenado — encenado — é já transpô-lo, ser representado — e representá-lo é re-presentá-lo,

ser posto perante um público — o que significa: recriado com ou contra outros — nega a possibilidade, sequer a hipótese dum teatro tal como o concebe e no-lo propõe Jaime Salazar Sampaio. Não, um texto não é como um copo que o público tem que encher (como você quer): o copo tem que ser construído pelo autor, pelo encenador, pelos actores, pelos espectadores. É desse acto de criação em comum que deve nascer a água que há-de encher o copo. A não ser que o copo esteja furado: e nessa altura não poderá encher-se. Não será isso que se terá passado?

A resposta de Artur Ramos baseia-se no pressuposto — aliás, explícito na pergunta — de que o fracasso de «Os Visigodos» tem origem no facto de a peça ser de comunicação difícil. A isso se poderá responder desde logo que peças como o «Tango» (que você cita), «A Espera

de Godot» e mesmo «Equilíbrio Instável» são peças de comunicação difícil — e nem por isso terão sido fracassos. Salvo erro, compete ao encenador contrariar o que possa haver de difícil na comunicação com o público (neste caso: com o público português); ao texto que vai encenar. Será a partir dum esforço de imaginação que o encenador conseguirá inventar uma plataforma inexistente onde se possa dar um encontro, mesmo, difícil, mesmo provisório, entre texto e espectador. Você concordará connosco em que a sua encenação de «Os Visigodos» não traduz esse esforço de imaginação e que a crítica social (obscura ou não) a que se refere brilha pela ausência. É claro que, depois de ler o depoimento do autor, é legítimo pôr em dúvida a possibilidade de Você poder usar a sua imaginação. Seria mesmo da nossa parte vir aqui anualmente fazer uma análise

TIMOTHY LEARY: A «viagem» em regresso

COM DROGA ou sem ela, Timothy Leary consegue tempo para escrever livros. Em Nova Iorque acabam de sair duas obras do mais «agredido» dos apóstolos psicodélicos: *The Politics of Ecstasy* e *High Priest*. *The Politics of Ecstasy* é uma coleção de ensaios sobre os halucinogénios, seus efeitos e seu presumível futuro. *High Priest* relata as «viagens» de Leary («Uma experiência psicodélica é uma viagem aos novos reinos da consciência», escreveu ele em *Psychodelic Experience*) desde a altura em que pela primeira vez comeu cogumelos sagrados na aldeia mexicana de Cuernavaca e experimentou a clássica «viagem visionária»: «Voltei outro homem... Nunca se é o mesmo depois de o ver se ter erguido». O relato autobiográfico passa pela sua primeira experiência em Harvard, a clausura numa prisão estadual, o consequente despedimento e o mergulho na campanha de que se tornou um dos mais exaltados arautos.

Vistosos, agudos, desmedidos e quase sempre fascinantes, *High Priest* apresenta vinhetas gráficas da experiência de Leary tomando drogas com Allen Ginsberg, Alan Watts (o seu mais fiel partidário), William Burroughs (que viria a renegar a experiência da droga), Richard Alpert (colega de Leary em Harvard e no «retiro psicodélico» de Millbrook), Arthur Koestler (que também fez «uma viagem» e ficou pelo caminho) e o Dr. Dana Farnsworth, de Harvard, que parece ser o único contra quem Timothy Leary não sente qualquer rancor.

Mas, acima de tudo, o livro dá-nos o retrato em corpo inteiro desse rebelde irlandês que a si próprio se apresenta como «um desdenhador arrogante da conformidade burguesa». Quando abandona o relato autobiográfico, Leary nada acrescenta ao que já se sabe sobre os efeitos do LSD.

Assim, quando do seu regresso do México, escreve: «Eu estive no céu. Iluminação. Cada objecto na sala era uma estrutura radiante de partículas-atómicas-divinas... E a descoberta incrivelmente desgostosa: a consciência controlava tudo... tudo era consciência... Uma infinita variedade de experiências extáticas espiralava à minha volta. Eu tinha dado o Passo-Deus... Então, disse para Pat e Parsons: Não é incrível? Estamos aqui, conseguimos-lo... Não é belo?»

Era belo. Mais à frente, porém: «Horror! A minha carne está-se decompondo, fundindo-se com um mi-

lhão de corpos estranhos... uma ligação orgânica de fibra de colchão de espuma com a corpulência vaporosa, odorosa e flácida duma raça estranha».

Mas não há horror que sempre dure: «Fiquei libertado. Livre para fazer algo que me apetece». Ficar no jardim. Ficar em Tepostian. Regressar e vaguear pelo planeta como alguém que eu escolhesse ser (...) Estamos no céu».

Estariam mesmo? Talvez não.

«Nós temos — escreve Leary — o sacramento e o ritual. Agora temos de encontrar a religião que dá com elas».

«Ora—diz-nos Rollo May, psicoterapeuta que dedica aos livros de Leary uma atenção pormenorizada e ácida — a religião de Leary é o mais completo sistema autofechado que se possa imaginar. As drogas são aplicadas do exterior, uma força química que cada um toma e a qual

quando o LSD tiver destruído a cosmologia convencional, que conteúdo terá Leary no seu lugar? É que o anjo psicodélico limita-se a repetir *and infinitum*: «Tu és Deus, tu estás na tua consciência». A quase trágica redução disto é ilustrada na horrenda viagem para a cidade do México, (com a qual termina o livro) em que Leary considera que se a barreira que separa a auto-estrada do precipício está «apenas no meu próprio pensamento, eu posso acelerar o carro, saltar a barreira e ficar livre».

Liberdade pelo suicídio? Claro que não: e assim Leary, após ter iniciado a aceleração para o abismo, reconsidera feitas as contas, a vida é mais forte — triunfa, mesmo sobre o efeito «paradisiaco» da droga, o instinto da sobrevivência...

É que a droga (ainda segundo Rollo May), como toda e qualquer forma de tecnologia, «só aguçava a necessidade de forjar valores humanos através de meios psicológicos e espirituais». Assim, os jovens a quem Leary confia o seu trabalho já exauriram a «rotina da droga» e passaram, ou estão passando, a uma aventura (vital) mais completa e frutuosa.

A advocacia não-realista e não-crítica das drogas como fonte de uma vida inteira de alegria num só fim-de-semana, eis o perigo não evitado por Timothy Leary nestes seus dois últimos livros — modelos, por outro lado, de um pujante livro literário aberto às mais audaciosas e sugestivas aventuras dum imaginário vívido.

V. S. T.



estudantes, aos universitários, eles já o sabem e por isso são-lhes menos útil. O que eu pretendo é chamar a atenção sobre determinados problemas a certa gente, a quem nunca foi dada a possibilidade de pensar.

«La juventud tiene razón» é a tua última canção?

Sim. Ao fim de 3 ou 4 retoques, modificações no texto, a censura autorizou-a. Mas existe tal medo, que os próprios realizadores de programas de rádio e televisão se autocensuram. Recentemente gravei, em Barcelona, um programa de televisão onde não me autorizaram que a cantasse... Não percebo nada, estou a ficar céptico e prevejo que acabarei, desgrazadamente por me obrigar a gravar «La pachanga»!!!

Encontra alguma diferença regional, em Espanha, no que diz respeito a dificuldades de gravares ou cantares as tuas canções?

Sim, sobretudo porque a média de promoção cultural e social do povo é mais elevada na metade Norte do que na metade Sul.

Que conheces tu, da música portuguesa?

Amália, claro, duo Ouro Negro e também um jovem do qual não me recordo o nome e que creio também ter aqui algumas canções proibidas. Vi anunciado o seu nome, como participante num festival de música folclórica em Barcelona, ao lado de Joaquim Diaz.

Que opinião tens da música «pop»?

Creio que cumpre um papel. Proporciona a certos senhores dar uma série de saltos e gritos ao compasso duma bateria e dum contra-baixo, melhor ou pior tocados.

É uma música de evasão, e até certo ponto a evasão é uma covardia.

No mundo cada vez há mais problemas dos quais

devemos tomar conhecimento: cada vez também há mais homens conscientes: em contrapartida há também quem lhe apeteça fazer de burro.

A juventude é ou não capaz de transformar a sociedade contemporânea?

Creio que sim. Há que contar com a gente nova, pois, ao fim e ao cabo, dentro de dias, o mundo estará nas suas mãos.

Jazz e ambiente do jazz em Espanha.

Jazz é uma música absolutamente do nosso tempo, pura e autêntica. Todas as manifestações musicais do mundo actual estão baseadas no «jazz». O «jazz» está para a Música como a experiência para a Química. É necessário, imprescindível.

Em Espanha o «jazz» é música de minorias; há 4 ou 5 sítios onde se pode ouvir bom «jazz», o resto é «jazz» comercial, falso.

É no entanto um dos melhores pianistas de «jazz» europeus é espanhol: Tete Montoliu.

Tete é um «monstro». Músico de técnica extraordinária possui, além disso,

...basta de História e de contos, não vivemos do passado, anunciamos algo novo...

CELAYA

o que em «jazz» é muito importante: a inspiração.

Sabias que Tete Montoliu tocou em Portugal, na Figueira da Foz, acompanhando Juan Manuel Serrat, e passou totalmente despercebido?

Que maravilha!...

(Declarações recolhidas em gravador)



Não é vossa — é nossa — esta incapacidade de reconhecer os nossos erros, as nossas culpas. Seria lindo — mas é impossível — ouvir o Salazar Sampão dizer: «Esta experiência foi para mim preciosa. E nas tábuas do palco que podemos verificar se as experiências, que até nos podem parecer definitivas, devem ser revistas, enriquecidas, corrigidas. E lá que podemos verificar por que falhámos e como falhámos». Mas não: a peça é um objecto intocável. Quanto ao encenador: «Lavo daí as minhas mãos — a peça é difícil, em vez de: «Não conseguir tornar apreensível ao nosso público a crítica social «que na minha opinião a peça contém».

A culpa não é do autor (para quem a encenação é excelente), não é do encenador (para quem a peça é maravilhosa) — a culpa é do público. Nós é

«Nunca conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo».

«Arre, estou farto de se-vi-dentes. Onde é que há gente no mundo?»

dos vossos depoimentos sobre o «caso Visigodo». Não é o particular que nos interessa: passemos ao geral. Dos vossos depoimentos de responsáveis pelo espectáculo conclui-se que o fracasso deste se deve unicamente ao público: O que pode acontecer é que um espectador não tenha nada para dizer lá dentro — e assim, ao cair do pano, se encontre perplexo com um copo vazio na mão (diz o Jaime). A culpa é da obscuridade da crítica social (insinua o Artur). A dda, o que nos dá é que também vocês,

novidade literária

De EVAN HUNTER, o autor de MAES E FILHAS, acaba de se publicar

O HOMEM SEM NOME

A história pungente e dramática de um homem que a si próprio se desconhece

Col. «Século XX», 408 págs., 65\$00

Na mesma coleção: SEM FIEDEDE de Albertine Harraiz, 45\$00.

28.º ANDAR — O drama da O. N. U., de Clifford Irving, 80\$00.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 — Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º



Carta aberta

(Continuação da pág. anterior)

que somos burros, nós é que nos agachamos para fora da possibilidade do soco!... São todos o Ideal, se os ouço e me falam. Quem há neste largo mundo que me confessa: que uma vez só foi vil? (Alvaro de Campos).

Por isso, dizemos quando é caso particular que interessa o facto de todos sermos génios a dar lições ao mundo (tanto na Eurocancão como na Euro-política).

Não lhes dá isso cuidado meus senhores, não lhes dá isso cuidado? É possível que haja aí um ou

dois esturrados que se queixem, digam tolices sobre a decadência de Portugal e que estamos num marasmo e que vamos caindo no embrutecimento, que isto assim não pode durar dez anos, etc., etc. Baboseiras!... A verdade, meus senhores, é que os estrangeiros invejam-nos.

Isto já dizia o Eça em 1876. Tudo continua como então isto é, sem o mínimo senso de auto-crítica. Cont nuamos a ser os principais só somos principais todos princípios na vida.

Depois disto, deve acrescentar (com uma grande

dose de hipocrisia) que como o Alvaro de Campos estava pronto a apanhar porrada... Em termos metafísicos, é claro!

(1) V. N.º anterior deste Suplemento.



Galerias e exposições

(Continuação da 3.ª página)

carregada de objectos inúteis, ou que uma selecção criteriosa teria designado como tal? O aproveitamento de objectos reais, destacadados pela inutilização no quotidiano, não acusa a coragem ou a limpeza de um acto puro, antagonicamente a pontado aos conceitos tradicionais da expressão pictórica, porque só a contesta na herança da

sua tradução em plano. Berlim conforma-se rapidamente com a nostalgia de tudo recobrir de pintura e não o faz como se anuncia no catálogo, com «elementos diversos e severamente cronometrados», mas antes através de uma obsessiva cobertura desses elementos segundo matérias que disfarça e repinta por intermédio de cores baratas. A própria monumentalidade — digamos

escultórica — que alguns dos objectos sugerem, é depressa anulada num tratamento errado quanto à escala, num envolvimento de bibelot que as formas não comportam nem podem assumir. Assim essas formas se esvaziam do seu próprio conteúdo, submersas num condimento monótono que lhes dá a pastosidade de certos bolos e disfarçadas com as tintas que, do mesmo passo, alegam para os olhos e para a boca o consumo dos referidos bolos. Os ferros pintados desta experiência perderam naturalmente a sua natural agressividade, nem um grito nos resta do que eles foram e do que eles, em boa verdade, valem.

Edições francesas

— PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE: Léon Trotsky, *L'Internationale communiste après Lénine* (um inédito sensacional); Roger Garaudy, *Perspectives de l'homme* (reedição actualizada, agora com a inevitável crítica ao estruturalismo); René Zazzo, *Croissance de l'enfant, genèse de l'homme*; Jean-Paul Gabus, *Introduction à la théologie de la culture de Paul Tillich* (com alguns textos em antologia).

— SEGHES: Lucien Rioux, *Serge Gainsbourg*

(col. «Poésie et chansons»); Lucien Jerphagnon, *Vladimir Jankélévitch* (Col. «Nacquet e Alain Schnapp. Le discours étudiant (un dossier monumental»); Claude Kiejman e Jeanne Francis Held, *Mexico: le pain et les jeux* (en bustidos políticos das Olimpíadas).

— EDITIONS DU CŒUR: obra colectiva, *Petite encyclopédie politique*; Susan Bontag, *Voyage à Havol*; Georges Steiner, *Langage et silence*; Juan Bosch, *Le*

Pentagonisme (na colecção «Combats»); Pierre Vidal-Nacquet e Alain Schnapp, *Le discours étudiant (un dossier monumental»*; Claude Kiejman e Jeanne Francis Held, *Mexico: le pain et les jeux* (en bustidos políticos das Olimpíadas).

— EDITIONS SOCIALES: Rosa Luxembourg, *Texts choisis* (antologia por Gilbert Badia).

— GRASSET: François Bott, *Les saisons de Roger Vailland*.



GRAVURAS DE COSTA PINHEIRO: a Galeria 111 apresentou, na cave das suas instalações, uma importante exposição de gravuras de Costa Pinheiro. Este pintor português, que trabalha actualmente em Munique, tem trazido até ao nosso convívio a sua obra e a singularidade do seu temperamento criador. Desta vez, com um notável conjunto de gravuras, Costa Pinheiro dá-nos conta da coerência do seu trabalho e surpreende-nos com linha vibrante, expressiva, diversificada na forma, da sua produção de gravador. Difícilmente se poderá dizer qual o confronto a estabelecer entre a obra do gravador e a do pintor, mas é facto que as gravuras apresentadas pela Galeria 111 são das melhores peças formuladas por Costa Pinheiro. Para além de uma arrumação que é simultaneamente espontânea e de bom gosto, a matéria nasce martirizada pela febre da expressão, vive das cicatrizes que a mão do artista abre na pedra ou no metal, marcando decisivamente a sua escrita na matriz. Muitas das imagens evocadas falam de uma memória antiga, ou de uma infância que de novo se exprime, e nisso Costa Pinheiro desdobra diante dos nossos olhos todo um universo de linhas, riscos, tocos ou delicados, redes laboriosas, reflexão sobre o acto da escrita e o papel inalienável da mão.



qualidade!
distinção!
bom preço!



Porquê uma rosa negra
bordada nesta camisa de homem?
A rosa negra é um símbolo.
A rosa é uma flor requintada.
A rosa negra é a perfeição do requinto.
A rosa negra não está imediatamente
à vista, é uma flor discreta.
Abra negligentemente o casaco
— confirme a opinião que os outros têm de si.

rosa negra

para homem



a camisa com o monograma da distinção

Agora também em Portugal • um exclusivo Triple Martel

Vailland íntimo

(Continuação da 1.ª página)

Vailland (mas não a camuflagem da perfeição nem da unidade). O jornalista, no Paris-Midi, lança-o no mundo da acção. O ex-provinciano adolescente frêle et doux, assez timide, frequenta os bares de Montparnasse e aposta no jogo da glória literária.

Mas em breve (1935-1942) a ruptura com o grupo do Grand Jeu lança-o novamente num período de crise. A isso acrescenta-se a tirania do clima de uma rapariga com que passara a viver, a falta de dinheiro e a obrigação de fazer um jornalismo convencional.

RESISTÊNCIA E DESINTOXICAÇÃO

A terceira parte destes *Esquisses intimes*, que vai de 1943 a 1947, é básica para a compreensão de todo um processo de mitificação histórica e intelectual. E, como diz Jean Recanat, se desintoxiquer, entrer dans la Résistance, c'est pour Vailland une autre manière de mettre un terme à son adolescence.

Participando na Resistência, escrevendo *Drôles de jeu* Vailland constrói a sua própria personagem: será um libertino por obra e graça da sua ironia corrosiva. E não deixa de ser significativo que Vailland se insurja contra a «falta de humor» de Camus e que escreva no final da guerra: *Ubu est toujours sur son trône mais nous savons que son règne n'est pas éternel et qu'il nous appartient de le renverser. Notre humour n'est plus l'expression du désespoir mais une arme. La révolte de jadis est devenue conscience révolutionnaire.*

cool. Devemos-lhe a este propósito uma definição exemplar da nossa civilização e de de Gaulle: notre civilisation est une civilisation de l'écouli, qu'elle soit consciente et ses inconvénients, enfin c'est comme ça, Churchill se soule, Staline se soule, il n'y a que de Gaulle qui ne se soule pas mais de Gaulle n'est pas un contemporain, ce n'est pas un vivant, c'est une image d'Épinal destinée à illustrer Plutarque.

A GRANDE ILUSÃO

A quarta parte dos *Esquisses intimes* abrange o período áureo da ilusão política de Vailland: 1948-1956.

Esse período começa com a viagem a Itália. Ali, Vailland descobre a *douceur de vivre*. E eis que de novo, nos surge o adolescente acomplexado que Vailland quer esquecer ou, pela libertinagem e a política, explicar de uma vez para sempre em termos elementares de sociologia marxista: *Si j'étais, ce printemps, quand nous voyageions ensemble en Italie, si sensible à la douceur de vivre, c'est que je sais tout de la vie sans douceur. Mes arrières-grandes-parents étaient des paysans savoyards. Mes grands-parents émigrèrent à Paris, artisans, mon père fit ses études et eut une profession libérale. L'histoire de ma mère est analogue. Ils appartiennent tous trois à cette troisième génération qui fait l'armature de la petite bourgeoisie française.*

Mas o adolescente regressa, inesperadamente, em sonhos obsessivos: *Au petit matin, d'un rêve à de-*

plo, e estudo sobre L'imperialisme soviétique contre la paix).

Ao mesmo tempo, descobre o «amor lúcido» por Elisabeth, que o acompanhará até à morte nas várias metamorfoses por que Vailland ainda vai passar: *La saison des amours touche à sa fin. Je suis las, non pas de cet amour, mais de recommencer sans cesse l'amour. Elle (Elisabeth) ajoute à la passion, la tendresse, et c'est ainsi une femme de tête, qui m'aiderait à mettre dans ma vie l'ordre nécessaire à l'exécution de mon plan triennal.*

Mas não nos iludamos: a plena lucidez no amor nada tem de «repouso do guerreiro»: a lei capital do verdadeiro libertino é a do movimento. Movimento dentro e fora de si próprio. Dentro e fora da história. Ou mesmo contra ela.

TÉDIO

A última *saison* da vida de Vailland (quinta parte dos *Esquisses intimes* — 1956-1965) foi justamente um movimento desenfreado contra a história — essa história que ele mitificara na pessoa de Estaline, um Estaline-César que o «rapport Khrushchev» desmitifica em definitivo. De regresso de Moscovo, Vailland sente-se verdadeiramente traumatizado: *J'ai pleuré le jour de la mort de Staline. Et j'ai de nouveau pleuré sur le chemin de Moscou, à Prague, j'ai pleuré toute une nuit, quand j'ai dû le tuer une seconde fois, dans mon cœur, après avoir lu le récit de ses crimes.*

Daqui para diante, a vida de Vailland (e mesmo a sua obra) não passa de sobrevivência. E é curioso verificar como, ainda e sempre, Vailland regressa à adolescência, até no seu conceito de sorte, ou acaso, comparada à graça quando medita sobre o jogo que foi a sua vida.

Para além disso, pouco mais. A não ser o tédio (mesmo nas frequentes sessões de erotismo a três ou quatro sabidamente plagiaras de Bado). Esse tédio que ele tanto odeia: *Je m'étais endormi vers onze heures avec les soporifiques habituels. Je me suis réveillé. Il n'était que minuit dix. J'ai crié: merde! ce que je m'ennuie! Le pire c'est quand il arrive à quatre de l'après-midi (l'heure où commence vraiment le plaisir de travailler, quand j'écris) de se dire: qu'est-ce que je vais faire jusqu'à 7 heures (l'heure du premier whisky). Esse tédio que lhe provoca o francês-médio actual, mais despolitizado do que nunca.*

Concluindo: estes *Esquisses intimes*, vasta enciclopédia do cepticismo moderno, é um dos mais trágicos testemunhos de uma lúida renúncia de transformar o mundo. Renúncia de um moralista (entenda-se: o contrário de um metafísico) — esse moralista rigorosamente na tradição de Bado que Vailland (mesmo quando nega, e sobretudo quando nega a sua adolescência) sempre foi.

ALVARO MANUEL MACHADO

(1) Ver Suplemento Literário de 23/1/68 — «Le Grand Jeu» — redescoberta do surrealismo.



A «personagem» de Vailland: um libertino por obra e graça da ironia corrosiva

Este processo de engagement e ao mesmo tempo de libertinagem aplica-se à literatura, ao próprio acto de criar. Funcionando escrever uma peça de teatro (*Héloïse et Abelard*) Vailland anota no seu *Journal de Héloïse et Abelard*: *Le théâtre rapporte de l'argent. Je n'ai pas d'objection contre les romanciers américains dont on dit... C'est plutôt une garantie contre la satisfaction détournée et à bon compte de la Tour l'ivoire: «quelque je ne peux pas être Citrôen ni même procureur de la République, je serai mieux que tout cela: un génie solitaire.»*

Entretanto, apesar do seu entusiasmo político, apesar do seu racionalismo otocentista, Vailland não se livra do vício, ainda que o utilize como arma de lúida renúncia. Se é certo que deixou por completo a droga, entrega-se ao ál-

mi effacé, je retiens une terre qui se brise dans l'angle d'une porte (par une main étrangère) et qui signifie la liquidation de mon passé. (Ou ainda: *Rêve qu'assiégé dans le lycée de Reims parmi une troupe commandée par Roger Gilbert-Lecomte (...).*

Vailland terá de se entregar a um ideal político absoluto para se libertar destas obsessões. Esse ideal é Estaline. Em Agosto de 1956, escreve: *Ma position relativement en marge pendant ce deuxième entre-deux-guerres (...)* n'est plus tenable. au jour d'hui, et plus particulièrement depuis la guerre de Corée (...) il n'est plus possible d'écrire autrement que dans une perspective communiste.

Nesse período, chega a escrever ou a suborcar, por vezes, a três feitas por encomenda para as Editions Sociales (por exem-

Livro menor

(Continuação da 2.ª página)

sas confissões de «má consciência» da consciência publicitária:

O adjectivo
dá-me de comer.
Se não for ele
o que houvera de ser?

Vivo de acrescentar as coisas
o que elas não são.
Mas é por cálculo,
não por ilusão.

MAS, acima de tudo, devemos extrair deste livro um grande poema, um desses poemas que deveriam ir direitinhos para uma antologia, dos melhores poemas do ano que passa (se acaso entre nós existisse tal antologia, no estilo da que P. Seghers realizou em França): trata-se de «O ladrão do pão», narrativa maravilhosa sobre os sonhos da emigração, a nostalgia do mar, a exploração do trabalho dos homens e o espanto de existir. Na impossibilidade de o transcrever na íntegra, citamos alguns dos seus «parágrafos»:

1
Eu já não sou marujo.
Do mar fujo.

2
O mar é um grande ladrão.
O mar não vem comer à mão.

3
Adentro-me pelos campos.
Levo um remo
Ainda tremo do remar.

5
O ladrão não rima com pão.
O ladrão não rema.
Quem remava era a minha mão.

6
Até que enfim que o rosmaninho
é uma flor

13
A terceira rodada
já querem saber
onde é que eu sou,
que venho ali fazer.
Respondo:
— Esquecer.

15
— Marujinho, a terra é madrastra
para quem está do lado do suor.
— E o mar é um grande ladrão.
Não troca o suor em pão.

18
Dois luzeiros descem do monte.
Desaparecem. Aparecem.
Dois faróis encandeam-se.
Tac-tac do motor
— Suba.

20
É a última da carreira.
23
Nas curvas ouço o remo
rolar no tejadilho.
Começo a não perceber.
Começo a sentir frio,
22

— E aqui. Desça
Salto
Atiram-me o remo
para a estrada.

23
Então o grande olho
acusador,
fogo santelmo na roda da candela,
crava-se em mim:—Aqui é fronteira.
Algo a declarar.

— Só este lenho
que eu trouxe por trazer.
— Nada a fazer.
Tem de voltar pro mar.

24
Ao sol
não canta o rouxinol.
Na alta manhã
uma voz clareia.
Lá estão os montes
de antes de eu o sonhar.

25
— Acorda, padeirinho
que o pão não cozeu.
Deixate sair o dia
Onde foi que te perdeste?

26
— Quem disse que fui marinheteiro?
Aqui declaro a pura verdade:
esta pá é pá de padeiro
(padeiro de muito enforçar)
e se não fora o ladrão do pão
até gostava de ir conhecer
o mar!

«O ladrão do pão» é um belíssimo poema de um grande poeta: para quando um livro maior?

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Alexandre O'Neill «De ombro na ombreira», Cadernos de Poesia, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1969.

114 minutos de cinema

(Continuação da 2.ª página)

gna inquietante procura servir-se do Sindicato (e da Polícia) para conseguir notoriedade pública. Bullitt é o homem destinado a ser bode expiatório de uma cabala em que as cartas estão previamente viciadas. O que se desencadeia depois documenta a amplamente os «reinos podres da Dinamarca» das sociedades da afliência.

Steve McQueen é gigantesco na figura de Bullitt,

e Jacqueline Bisset tão bonita que até dói. A São Francisco que serviu de cenário a tantos romances de Raymond Chandler e tantas aventuras de Humphrey Bogart anima-se com uma espantosa perseguição de automóveis, em que o «Ford Mustang» de Bullitt surge, de repente, no pára-brisa do carro dos «gangsters»: como um anjo vingador, antes de iniciar uma corrida estonteante. Restaurantes, estasecos na figura de Bullitt,

possui um cunho avassalador de verdade. A sequência do aeroporto vive de uma preparação dramática intensa e de uma montagem que se torna magistral nos planos da morte do homem do Sindicato. Bullitt é uma força que se desenvolve, que se agiganta, que torna as pressões intoleráveis, que transpira energia nervosa em cada enquadramento. O melhor filme de 1969.

JOSÉ VAZ PEREIRA

NA IGREJA DESTE TEMPO

Y. Congar.....42\$00

A nossa época está marcada por uma reinvenção do homem cristão, isto é, de um homem que não se contenta em professar uma Fé, em praticar as obrigações da ética ou de culto definidas pela Igreja, mas que tenta viver o Evangelho nos seus comportamentos de homem. Ora o homem cristão é um homem que participa, que está aberto aos outros, que presta serviços, que não se nega aos apólos.



Y. CONGAR
NA IGREJA
deste tempo

UNIÃO GRÁFICA—R. Santa Marta, 48—LISBOA

LE uma editora em renovação

crítica

Livro menor

por Eduardo Prado Coelho

POR várias vezes o tenho dito já, mas é sempre bom repeti-lo, porque temos de contar com a fragilidade das memórias humanas: Alexandre O'Neill é um dos grandes nomes da nossa poesia moderna. A sua obra é extremamente rica e pessoal, e é algo muito instrutivo percorrer os diversos sentidos e as inesperadas intenções que nela se cruzam: a violência satírica, o humor enternecido e generoso, o riso negro, o lirismo discreto e retraído, a reflexão embuçada no alarido das palavras.

Porque — digamo-lo já — verifica-se em O'Neill um trabalho importante relativo às palavras. Trabalho que consiste em analisar os seus vários estratos de significação, em restitui-las aos seus sentidos originais, em transformá-las através da inserção em novos contextos, em promovê-las pela justaposição de elementos que vêm produzir surpreendentes efeitos semânticos. Por conseguinte, todo um trabalho de montagem (na acepção complexa que a palavra tem em cinema — veja o vector o número de Março dos «Cahiers du Cinéma»), de colagem, de sobreposições, de transparências e de revelações que só um grande poeta, isto é, um grande senhor da Linguagem, poderia levar a bom termo.



O'Neill: para quando um livro maior?

POR outro lado, O'Neill procura situar-se na linha zigzagueante que une a palavra escrita à palavra oral, tentando pôr em relevo a distância existente entre os dois níveis de comunicação. Na medida em que a poesia adere à especificidade da expressão oral, a poesia reapropria-se do mundo recalcado do quotidiano, da ingenuidade doméstica, da ternura dispersa nos códigos do amor e da amizade (a má articulação das palavras como forma de aproximação entre as pessoas ao nível quase infantil dos seus rastos de pureza), de toda uma existência pitoresca e «não-poética», o que é uma das grandes recuperações que O'Neill realizou para nós.

O verdadeiro «experimentalismo» está aqui, acreditem. Aqui, no trabalho poético de Alexandre O'Neill — como no de Carlos de Oliveira, no de Herberto Helder, no de Gastão Cruz entre outros. Onde não está, onde certamente não está é nas exibições de alguns «experimentalistas», mais ou menos medíocres, que fazem do «experimentalismo» uma causa sagrada e intocável para assim terem um escudo que torne menos vulnerável a sua iniludível mediocridade.

POR tudo isto, que, como vimos, não é pouco, a nossa exigência em relação a O'Neill tende a tornar-se cada vez maior. O poeta criou responsabilidades.

Digo isto com certo constrangimento: porque se o poeta criou efectivamente responsabilidades, criou-as acima de tudo no interior desse universo da cultura que ele sempre pôs em causa. Por conseguinte, uma das formas de manter a coerência será a de «sitar-se nas tintas» para a qualidade dos seus versos, medida a partir de critérios já por ele fortemente abalados. Mas o sofismo é demasiado sofista para a gente acreditar nele — não é O'Neill? Não foram somente responsabilidades culturais que o poeta criou, mas responsabilidades cívicas — de transformar a poesia num instrumento de desmistificação que nos ajude a purificar este nosso mundo enredado em preconceitos e ilusões.

É por isto também que o livro «De ombro na ombreira» (*) me decepciona. Livro menor, parece feito de poemas demasiado encomendados pelas circunstâncias, feito de piruetas verbais nem sempre convincentes, feito de pequenas «graças» desconexas e solitárias. Tudo o que aliás sempre existiu em livros anteriores de O'Neill, mas existia enquadrado em poemas de maior fôlego e alcance, que indicavam um sentido global que aqui não se chega a entrever. Obra onde não existem «risco e consequência» (para empregar uma expressão que, segundo César, é de Lopes Graça). «De ombro na ombreira» fica aquém daquilo que nos era lícito exigir de O'Neill.

CONTUDO, há ainda neste livro uma meia-dúzia de excelentes poemas. O melhor tom de O'Neill está presente, por exemplo nestes versos:

Groelha, na esplanada, bebe a velha,
e um cariz, da parede, nos convida
a dar o sangue. Franco a sobranceira
[ceilha:
dizem que o sangue é vida; mas que
[vida]

Que fazemos, Lisboa, os dois aqui,
na terra onde nascente e eu nasci?

Podemos também reparar na pericla com que o poeta, por meio de alterações mínimas desvirtua a longa série de lugares-comuns do nosso falar quotidiano:

A força do hálito é como o que tem
[que ser.
E o que tem que ser tem muita força.

Devemos acentuar a subtil destruição de certas verdades feitas:

Da gaiola de vidro, à prova de bala,
o suja-chaminés observava a sala.

Reforçara-se muito nos últimos me-
[ses,
a sua fé em Deus.

Não desse que desce pela chaminé
e entretém, candidamente, a nossa fé.
Mas num Deus mais vaidoso,
de iconografia mais industrial,
sempre a subir no céu por toda a
[eternidade.

Na gaiola de vidro, à prova de bala,
o suja-chaminés era visto da sala.

Diz-se que, afinal,
matou menos judeus do que se jul-
[gava.

E merecem a nossa admiração estes versos corajosos, que constituem seguramente uma das mais espantosas

(Continua na 7.ª página)



Steve McQueen é «Bullitt». E «Bullitt» é o melhor filme do ano...

114 minutos de cinema

por José Vaz Pereira

BULLITT

filme de T. Yates

Interpretes: Steve McQueen e Jacqueline Bisset

Produção: U. S. A., 1968

BULLITT faz da simplicidade força, da linearidade profundidade. Todos os anos se pinta o fim do cinema americano e todos os anos se celebra o seu renascimento. E, em todos os momentos que ele irrompe com o impeto de Bullitt, ficam dúvidas se haverá comparações possíveis. Não. Para atingir uma técnica narrativa tão densa e simultaneamente tão imediata o cinema tem que aprender à custa dos próprios erros. Só assim se pode atingir essa concentração prodigiosa de todos os ingredientes e de toda a tradição violenta do filme negro galopantemente condenada nos 114 minutos tensos e implacáveis de Bullitt. A obra de Yates depura-se um pouco como os pugilistas que perdem peso antes de ir para o ringue. Sabe, que só dinamizando o essencial poderá ser tremendamente significativa.

Yates é fascinado pela acção e põe toda a técnica ao serviço da acção — é um filme em que se não pára, em que não se verifica um tempo morto, em que o ritmo jamais abandona. O difícil consiste em não abandonar completamente a humanidade que procura no meio do turbilhão, tempo para respirar. Pelo menos, o indispensável para não se converter numa legião de «robôs». Mas sem deixar de mostrar a realidade de um tempo contemporâneo, em que há cada vez menos ocasião para respirar. Pensamos, ao vermos Bullitt, na linguagem vigorosa de Elia Kazan ou na frase de Godard, o cinema é a verdade sessenta vezes por segundo. Simplesmente. Yates não parece interessado em «demonstrar» algo através do cinema. Para ele basta recrear a agrestidade quotidiana e competitiva de uma cidade como São Francisco.

Claro que passamos e vivemos a passar com frequência pela rotina: crime,

chegada da polícia, investigações, luta com o Sindicato. Bullitt não foge a essa rotina, mas consegue servi-la convincentemente — tudo é tão real, que parece ser visto pela primeira vez, constitui uma novidade. E, no entanto, a intriga é bem simples, as situações convencionais dentro da evolução do cinema, a crítica à sociedade

de americana ingenuamente frontal.

Mas isso perde a importância, se lhe adicionarmos a eficácia de uma linguagem que nunca vacila, que nunca faz concessões. O filme torna-se dominador e irresistível, quando poderia ser considerado toco sob um ponto de vista de problemática. Regista-se a impossibilidade de apresentar outra ética que não seja a da acção, outras razões diversas, dum dinamismo efervescente, que não cessa de movimentar-se. Caminho perigoso, porque pode abrir caminho a tudo, inclusive à ideologia da violência. Mas os planos finais são suficientemente eloquentes para mostrar que essa violência, mesmo quando justificada, provoca um violento traumatismo emocional naqueles que a praticam. Talvez Bullitt, no aeroporto e no regresso a casa, medite nos tremendos limites da sua condição de dinamo humano.

Há hoje, nos E. U., um oportunismo político na cruzada aparentemente meritória do combate ao crime. O caso Garrison constitui um exemplo flagrante. O senador personificado por um Robert Van-

STEVE
MCQUEEN

'BULLITT'



(Continua na 7.ª página)

Acaba de sair

HISTÓRIA MUNDIAL DA ARTE

III volume: O RENASCIMENTO

por Everard M. Upjohn, Paul S. Wingert e Jane Gaston Mahler

Capítulos deste volume:

Primeira: Os Primitivos; O «Quattrocento»; O Século XVI em Itália; O Renascimento no Norte; O Renascimento em Espanha

Volume de 288 páginas, com ilustrações: 480

Volumes anteriores:

I — DA PRÉ-HISTÓRIA À GRÉCIA ANTIGA
II — DOS ETRUSCOS AO FIM DA IDADE MÉDIA

A seguir:

IV — DO BARROCO AO ROMANTISMO
V — ORIENTE E EXTREMO ORIENTE
VI — ARTES PRIMITIVAS E ARTE MODERNA

Publicada de novo editada

LIVRARIA BERTRAND